



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

Aprender em espaços não formais no 1º Ciclo do Ensino Básico - Do estudo do solo ao cultivo de plantas no Horto de Amato Lusitano.

Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Clara Patrícia Santos Rodrigues

Orientadores

Doutora Maria de Fátima Carmona Simões Paixão

Doutora Fátima Regina Duarte Gouveia Fernandes Jorge

julho de 2013



Aprender em espaços não formais no 1º Ciclo do Ensino Básico - Do estudo do solo ao cultivo de plantas no Horto de Amato Lusitano.

Clara Patrícia Santos Rodrigues

Orientadores

Doutora Maria de Fátima Carmona Simões Paixão

Doutora Fátima Regina Duarte Gouveia Fernandes Jorge

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré – Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Doutora Maria de Fátima Carmona Simões Paixão, Professora Coordenadora com Agregação da Unidade Técnico-Científica de Ciências, Desporto e Artes da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco e co-orientado pela Doutora Fátima Regina Duarte Gouveia Fernandes Jorge, Professora Adjunta da Unidade Técnico-Científica de Ciências, Desporto e Artes da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

julho de 2013

Composição do júri

Presidente do júri

“Doutor António Pereira Pais”

Prof. Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

“Doutora Aparecida de Fátima Andrade da Silva”

Prof. da Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil (arguente)

“Doutora Maria de Fátima Carmona Simões Paixão”

Prof. Coordenadora C/ Agregação do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Orientadora)

“Doutora Fátima Regina Duarte Gouveia Fernandes Jorge”

Prof. Adjunta do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Co- Orientadora)

Agradecimentos

À minha orientadora Doutora Fátima Paixão e coorientadora Doutora Fátima Regina, pela disponibilidade e compreensão prestada ao longo de todo o processo.

À Professora Teresa Valadares pela colaboração, carinho e dedicação com que me acolheu.

À minha colega de estágio que sempre me apoiou e esteve do meu lado e com a qual tive oportunidade de partilhar experiências e conhecimentos.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram e deram força, mesmo estando alguns deles à distância.

Um agradecimento especial aos meus pais, sem eles não teria chegado aqui.

Acima de tudo ao meu namorado pela paciência, por acreditar nas minhas capacidades e principalmente pelo tempo despendido para me apoiar e auxiliar.

Resumo

O presente relatório resulta das práticas educativas desenvolvidas em Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. A Prática em Educação Pré-Escolar foi desenvolvida com um grupo de crianças da Associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota, com idades compreendidas entre os 3/4 anos, enquanto a Prática do Ensino no 1º Ciclo do Ensino Básico foi desenvolvida com uma turma de 2º ano de escolaridade do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Afonso de Paiva. Deste modo, a primeira parte do relatório, apresenta as fases de desenvolvimento da Prática em Educação Pré-Escolar e no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (organização da Prática, observação, desenvolvimento de prática individual e de grupo, reflexão sobre a prática).

Tendo presente o contexto da prática, este relatório dará mais ênfase ao Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, dado que a nossa investigação se desenvolveu neste contexto. Partindo da prática e tendo em conta a relevância dos espaços não formais, pretendemos verificar de que modo estes, promovem as aprendizagens curriculares. Assim sendo, a problemática do estudo centra-se no contributo dos espaços não formais para as aprendizagens, mais concretamente do Horto de Amato Lusitano, no espaço envolvente à Escola Superior de Educação. Definiram-se os seguintes objetivos: (i) Compreender as potencialidades do Horto Amato Lusitano para o ensino da Ciências no 1º ciclo do ensino básico; (ii) Planear, implementar e avaliar em que medida as atividades realizadas no Horto Amato Lusitano facilitam as aprendizagens dos alunos.

O enquadramento teórico encontra-se sub-dividido em “Ensino das Ciências”, “Contextos de Educação formal/não formal”, “Horto de Amato Lusitano”, “Ensino e aprendizagem em espaços não formais”. Relativamente às opções metodológicas, estas assumem características ajustadas aos estudos qualitativos, num formato de investigação-ação. As técnicas de recolha de dados adotados foram: observação, notas de campo, produções escritas dos alunos (documentos de registo de atividades, desenhos e textos), registo fotográfico e entrevista semiestruturada. De modo a validar os resultados, recorreremos à triangulação metodológica.

Esta investigação permitiu apreciar o significativo contributo das atividades prático/experimentais decorrentes no Horto de Amato Lusitano, relativamente à promoção de aprendizagens de Ciências no 1º Ciclo do Ensino Básico, podendo concluir da pertinência da utilização dos espaços não formais para práticas educativas ativas e motivadores.

Palavras chave

Educação Pré-Escolar; Primeiro Ciclo do Ensino Básico; Educação em Ciências; Interação de contextos formais e não formais de educação; Horto de Amato Lusitano.

Abstract

This report is the result of educational practices developed in supervised practice in Pre-school Education and in the teaching of the first cycle of basic education. The practice in Pre-school Education has been developed with a group of children from the kindergarten Association Dr. Alfredo Mota, aged 3 and 4 years, while the practice of Teaching in the first Cycle of basic education has been developed with a class of 2nd year of schooling of the first cycle of basic education, school Afonso de Paiva. In this way, the first part of the report presents the stages of development of Pre-school education Practice and teaching of the first cycle of basic education (organization of Practice, observation, individual and group practice, reflection on practice).

Bearing in mind the context of practice, this report will give more emphasis to the education of the first cycle of basic education, given that our research has developed in this context. Starting from practice and having regard to the importance of non-formal spaces, we want to check how these, promote learning. Therefore, the problem of study focuses on the contribution of non-formal spaces for learning, more specifically of the garden of Amato Lusitano in the surrounding space to the school of education. The following objectives were defined: (i) to understand the potential of Horto de Amato Lusitano for the teaching of Sciences in the first cycle of basic education; (ii) Plan, implement and evaluate to what extent the activities carried out in the Horto de Amato Lusitano facilitate learning of students.

The theoretical framework is sub-divided into "science education", "non formal, formal Education contexts", "Horto de Amato Lusitano", "teaching and learning in non-formal spaces". With regard to the methodological options, these are qualitative studies to set features on a research-action format. Data collection techniques were adopted: observation, field notes, written student productions (activity registration documents, drawings and texts), photographic record and semi-structured interview. In order to validate the results, we use the methodological triangulation.

This research has significant contribution of the practical/ experimental activities resulting in the Horto de Amato Lusitano, for the promotion of science learning in the first Cycle of basic education, and complete of the relevance of the use of non-formal spaces for active educational practices and motivating.

Keywords

Preschool Education; The first cycle of basic education; Science education; Interaction of formal and non-formal contexts of education; Horto de Amato Lusitano

Índice geral

Introdução	1
1. Prática de Ensino Supervisionada.....	3
1.1. Educação Pré-Escolar	3
1.1.1.Contextualização	3
1.1.1.1.Caraterização do meio, Jardim de Infância e grupo	3
1.1.2.Organização da Prática em Educação Pré- Escolar	6
1.1.3. Desenvolvimento da Prática em Educação Pré - Escolar.....	10
1.1.3.1 Registo de observação.....	10
Reflexão 1ª semana de observação.....	10
Reflexão 2ª semana de observação.....	14
1.1.3.2 Iniciação à prática individual.....	17
Atividades 1ª semana individual	18
Reflexão 1ª semana individual	19
Atividades 2ª semana individual	21
Reflexão 2ª semana individual	22
Atividades 3ª semana -trabalho de grupo.....	24
Reflexão da 3ª semana – trabalho de grupo.....	25
Atividades 4ª semana - trabalho de grupo.....	27
Reflexão da 4ª semana - trabalho de grupo.....	27
Atividades 5ª- semana individual.....	30
Reflexão 5ª semana individual	30
Atividades 6ª semana individual	33
Reflexão 6ª semana individual	34
Atividades 7ª semana individual	36
Reflexão 7ª semana individual	37
1.2. Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	39
1.2.1. Contextualização	40

1.2.1.1. Caracterização do meio, escola e turma	40
1.2.2. Organização da Prática no Ensino do 1º Ciclo	43
Reflexão 1ª e 2ª semanas de observação.....	47
Percursos de ensino e aprendizagem 1ª semana – trabalho de grupo	49
Reflexão 1ª semana – trabalho de grupo.....	54
Percursos de ensino e aprendizagem 2ª semana - trabalho individual.....	57
Reflexão 2ª semana - trabalho individual	60
Percursos de ensino e aprendizagem 3ª semana- trabalho individual.....	62
Reflexão 3ª semana – trabalho individual	66
Percursos de ensino e aprendizagem 4ª semana- trabalho grupo	69
Reflexão 4ª semana trabalho de grupo	72
Percursos de ensino e aprendizagem 5ª semana- trabalho individual.....	75
Reflexão 5ª semana – trabalho individual	80
Percursos de ensino e aprendizagem 6ª semana- trabalho grupo	83
Reflexão 6ª semana – trabalho de grupo	89
Percursos de ensino e aprendizagem 7ª semana- trabalho individual.....	93
Reflexão 7ª semana- trabalho individual	98
2.1. Justificação e contextualização da Investigação.....	101
2.2. Problemática, questão e objetivos da Investigação	102
2.3. Enquadramento Teórico	103
2.3.1. Ensino das ciências.....	103
2.3.2. Contextos de educação- Educação formal/não formal.....	105
2.3.3. Horto de Amato Lusitano	107
2.3.4. Ensino e aprendizagem em espaços não formais.....	109
2.4 Metodologia.....	110
2.4.1. Perspetiva Metodológica do Estudo	110
2.4.2. Técnicas de recolha de dados.....	111
2.4.3. Validação	115
2.5. Procedimentos de execução da visita de estudo.....	116
2.5.1. Antes da visita	116
2.5.2. Durante a visita	118

2.5.3. Depois da visita	119
2.6. Desenvolvimento das atividades no Horto de Amato Lusitano	120
2.7. Apresentação e análise de dados	132
2.7.1. Aprendizagens e desempenho dos alunos nas tarefas propostas.....	134
Atividade 1: “À descoberta dos solos”	134
Atividade 3: “Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?”	145
2.8. Conjunto de atividades realizadas após visita	150
2.9. Perspetiva da professora titular de turma	158
3. Conclusões.....	160
4. Considerações finais.....	162
Referências bibliográficas.....	164
Anexos	168
Anexo 1- Roteiro de atividades a desenvolver ao longo da prática em Educação Pré- Escolar.....	169
Anexo 3 - Seleção de conteúdos programáticos- 2ª semana de trabalho individual.....	173
Anexo 4 - Seleção de conteúdos programáticos- 3ª semana trabalho de individual.....	174
Anexo 5 - Seleção de conteúdos programáticos- 4ª semana de trabalho de grupo	175
Anexo 6 - Seleção de conteúdos programáticos- 5ª semana de trabalho individual.....	176
Anexo 7 - Seleção de conteúdos programáticos- 6ª semana de trabalho de grupo	177
Anexo 8 - Seleção de conteúdos programáticos- 7ª semana de trabalho individual.....	178
Anexo 9- Guião do professor.....	179
Anexo 10- Autorizações aos pais/encarregados de educação.....	187

Índice de Figuras

Figura 1- Estrutura das planificações didáticas de Educação Pré-Escolar.....	7
Figura 2- Grelha de observação	8
Figura 3- Estrutura da planificação didática.....	44
Figura 4 - Exploração dos fantoches	56
Figura 5- Leitura da função dos sentidos	56
Figura 6- Dramatização através de fantoches	56
Figura 7- Construção dos puzzles	61
Figura 8- Acompanhar das músicas com gestos.....	61
Figura 9- Dramatização entre avó e neta	73
Figura 10- Aluno a identificar um país no planisfério.....	73
Figura 11- Utilização de material manipulável.....	81
Figura 12- Taxista Manuela, entrevistada pelos alunos	81
Figura 13- Dança do jornal	82
Figura 14- Dança em grande grupo.....	82
Figura 15- Espaços do Horto de Amato Lusitano	83
Figura 16- Amato Lusitano (1511- 1568).....	84
Figura 17- Planta do espaço do Horto.....	87
Figura 18- Ordem das atividades	88
Figura 19- Aluno a desenhar o percurso	90
Figura 20- Cantar as janeiras	91
Figura 21- Cantar as janeiras	91
Figura 22- Visita Virtual ao Horto.....	92
Figura 23- Deslocação por mímica	92
Figura 24- Trabalho em grupo	99
Figura 25- Trabalhos finalizados.....	99
Figura 26- Processo de investigação (Nieto 2002 p. 16)	100
Figura 27- Espiral de ciclos da Investigação Ação.....	110
Figura 28- Ordem das atividades de cada grupo.....	120
Figura 29- Planta do Horto de Amato Lusitano.....	121
Figura 30- Capa do guião do aluno	122
Figura 31- Planta do Horto de Amato Lusitano.....	123

Figura 32- Atividade 1 “À descoberta dos solos”	125
figura 33- Atividade 2 “Vamos aprender a plantar”	127
Figura 34- Atividade 3 “Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?	130
Figura 35- Recolha de diferentes solos por parte dos alunos.....	134
Figura 36- Alunos a colocar o solo no peneiro.....	135
Figura 37- Alunos a fazerem o registo das conclusões	135
Figura 38- Resposta dos alunos à questão	136
Figura 39- Respostas dos alunos quanto a quantidade de solo presente em cada peneiro.....	137
Figura 40- Conclusões dos alunos à atividade “À Descoberta dos solos”	137
Figura 41- Escrita e ilustração da atividade “À descoberta dos solos”	139
Figura 42- Alunos na procura.....	140
Figura 43- Alunos a auxiliar um amigo com dificuldades.....	140
Figura 44- Alunos a identificarem as ferramentas.....	141
Figura 45- Alunos a identificarem as ferramentas.....	141
Figura 46- Alunos a aguardarem a sua vez	141
Figura 47- Aluno a plantar.....	141
Figura 48- Aluno a finalizar a sua plantação.....	142
Figura 49- Aluno a regar.....	142
Figura 50- Aluno a colocar a placa de identificação do grupo	142
Figura 51- Identificação das plantações dos três grupos.....	142
Figura 52- Ferramentas modeladas pelos alunos.....	144
Figura 53- Escrita e ilustração da atividade “Vamos aprender a plantar.”	145
Figura 54- Alunos seguindo indicações dadas	146
Figura 55- Leitura “O purgante”	146
Figura 56- Alunos a desenhar o caule e as folhas	146
Figura 57- Alunos a desenhar o caule e as folhas	146
Figura 58- Alunos a colocar ingredientes no almofariz.....	147
Figura 59- Alunos a colocar ingredientes no almofariz.....	147
Figura 60- Alunos a macerar os ingredientes com o pilão	147
Figura 61 – Alunos a colocar o purgante no frasco	147
Figura 62- Escrita e ilustração da atividade “Se plantas apanhar, será que um	

remédio consigo arranjar?"	150
Figura 63- Questionário de classificação das atividades	151
Figura 64- Respostas sobre as atividades realizadas e o Horto de Amato Lusitano.	152
Figura 65- Atividade “Quais os materiais que utilizaste?” resolvido pelos alunos	153
.....	
Figura 66- Ilustração da atividade que mais gostaram de realizar	155
Figura 67- Atividade de consolidação preenchida pelos alunos.....	157

Índice de quadros

Quadro 1- Organização da Prática em Educação Pré- Escolar	9
Quadro 2- Atividades da 1ª semana – trabalho individual.....	18
Quadro 3- Atividades da 2ª semana - trabalho individual	21
Quadro 4 – Atividades 3ª semana - trabalho de grupo	24
Quadro 5- Atividades 4ª semana – trabalho de grupo	27
Quadro 6- Atividades 5ª semana – trabalho individual.....	30
Quadro 7- Atividades 6ª semana - trabalho individual	33
Quadro 8 – Atividades 7ª semana – trabalho individual.....	36
Quadro 9- Organização da Prática no Ensino do 1º Ciclo	45
Quadro 10- Categorias e dimensões de análise de dados.....	133
Quadro 11- Aprendizagens proporcionadas pela atividade “À descoberta dos solos”	137
Quadro 12- Aprendizagens proporcionadas pela atividade “Vamos aprender a plantar”	143
Quadro 13 - Aprendizagens proporcionadas pela atividade “Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?”	147

Lista de abreviaturas

APPACDM- Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças com Deficiência Mental

IA- Investigação-Ação

ME- Ministério da Educação

PSEP- Prática Supervisionada em Educação Pré- Escolar

PS 1º CEB - Prática Supervisionada no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

1º CEB- 1º Ciclo do Ensino Básico

OC- Orientações curriculares

Introdução

O relatório consiste em expor por escrito, factos ou dados recolhidos. O que pretendemos através deste relatório é colocar por escrito o processo de PSEP e PS 1ºCEB. Este relatório surge como requisito para a conclusão dos estudos conducentes ao grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Este deverá ser um relato crítico e reflexivo “(...) *A capacidade para refletir emerge quando há o reconhecimento de um problema, de um dilema (...), o professor motivado por estas sensações, recua para analisar as suas experiências.*” (Dewey 1964 citado por Herdeiro e Silva 2008; p. 10)

Como tal apresentamos o percurso de aprendizagem desenvolvido em PSEP no 2º semestre do 1º ano e PS 1ºCEB desenvolvido no 1º semestre do 2º ano do presente mestrado. Ambos são fundamentais na nossa formação como futuros profissionais da educação, pois permitem-nos ter um contacto direto com a realidade de modo a melhorar a nossa formação teórica. A possibilidade de colocarmos em prática a teoria, é muito vantajoso para a nossa formação, pois coloca-nos em situações reais, nas quais detetamos as nossas falhas e potencialidades. Para além disso, a aprendizagem/partilha com profissionais que lidam diariamente com a realidade das salas de aula é fundamental para complementar as nossas aprendizagens.

Para além disso, este relatório integra uma investigação que se centra no ensino das Ciências e interação entre espaços formais e não formais. A investigação desenvolvida partiu da seguinte problemática: Em que medida um espaço não formal contribui para aprendizagens relevantes de ciências dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico? Conduzindo definição dos objetivos do estudo: Compreender as potencialidades do Horto Amato Lusitano para o ensino da Ciências no 1º ciclo do ensino básico; Planear, implementar e avaliar em que medida as atividades realizadas no Horto Amato Lusitano facilitam as aprendizagens dos alunos.

Por norma consideramos o ensino, como ensino formal que não possibilita contacto com outros espaços propícios à aprendizagem e que não permite alternativa aos modelos de ensino que se centram na sala de aula.

Quando referido “ensino não formal” somos remetidos para algo pouco credível, sem fiabilidade e do qual não poderemos retirar aprendizagens. Mas, na realidade, alguma investigação já aponta no sentido da *“educação não formal (...) ser considerada mais apta para responder às necessidades individuais do aluno, tende a oferecer valor para a vida, preparar o aluno para lidar com os problemas futuros”* (Dib 1997 citado por Praia 2005; p. 18). Assim sendo, com este estudo pretende-se evidenciar as potencialidades que os espaços não formais possibilitam às aprendizagens dos alunos. Sobre este aspeto, *“vale ressaltar que as práticas desenvolvidas fora da sala de aula devem estar em consonância com os objetivos*

curriculares, possibilitando assim um maior sentido ao que é aprendido pelos alunos” (Oliveira & Gastal 2009; p.7).

Tendo por base o documento Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências essenciais, este considera que

o meio local, espaço vivido, deverá ser objeto privilegiado de uma primeira aprendizagem (...). No entanto, há que ter em conta que as crianças têm acesso a outros espaços que, podendo estar geograficamente distantes, lhes chegam, por exemplo, através dos meios de comunicação social (Ministério de Educação [ME] 2001; p.101).

No documento é visível a valorização da interligação entre educação formal e não formal, pois este refere que

será através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto directo com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, bem como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão apreendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos. (ME 2001; p.102)

A investigação apresentada é de natureza qualitativa, adotando uma metodologia de investigação ação. Pretende-se planejar a forma de ação, durante a ação verificar resultados, refletir sobre a ação e caso não sejam os mais viáveis proceder à mudança de atitudes e estratégias voltando a um novo ciclo. Permite que o investigador tenha possibilidade de refletir sobre o acontecimento e proceder a modificações. Na nossa situação, desenvolveremos apenas um ciclo de investigação pelo condicionalismo do tempo.

Tendo em conta toda exposição realizada anteriormente, o relatório encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte apresentamos o trabalho desenvolvido em PSEP e PS 1º CEB, integrando assim, os locais de implementação, planificações de grupo e individuais, assim como, as reflexões da prática.

A segunda parte do relatório diz respeito à investigação desenvolvida durante a PS 1º CEB a qual se intitula “Aprender em espaços não formais no 1º Ciclo do Ensino Básico- Do estudo do solo ao cultivo de plantas no Horto de Amato Lusitano”. Aqui serão apresentadas a justificação e contextualização da investigação, problema e os objetivos de estudo, enquadramento teórico, metodologia, atividades desenvolvidas no Horto de Amato Lusitano, articulação entre as atividades realizadas em espaço não formal e formal, apresentação e análise de dados, por último, as conclusões do estudo.

Findando o relatório, com a apresentação de uma reflexão final sobre a realização dos estágios e da investigação.

1. Prática de Ensino Supervisionada

1.1. Educação Pré-Escolar

Neste ponto do relatório de estágio pretendemos apresentar a organização e desenvolvimento da Unidade Curricular de Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar, que decorreu entre 5 de março e 21 de junho de 2012, na Associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota.

Apesar de já termos contactado por diversas vezes com crianças, o início de um estágio acarreta algumas inquietações, insegurança e dúvidas. A ideia de contactar com um espaço novo e com um grupo de crianças que iríamos ver pela primeira vez, assim como a educadora cooperante era algo que nos causava algum desconforto e ansiedade. No entanto, após o contacto com o grupo e algumas observações o desconforto, foi desvanecendo, mas a ansiedade, perdurou por algum tempo dado, que daqui a alguns dias estaríamos efetivamente no papel de educadoras. Como referido anteriormente, as duas primeiras semanas de estágio, foram apenas de observação (rotinas, regras...) e contacto com o grupo e, com o ambiente da instituição. Consideramos a fase de observação muito importante pois, além de ser um momento de reflexão é um momento de constantes aprendizagens, pois observamos como a própria educadora apresentava e desenvolvia as tarefas e como captava e chamava a atenção do grupo.

Ao longo da nossa prática, implementamos planificações, refletimos sobre o nosso desempenho e sobre o próprio processo de planificação, uma vez que o plano escrito e o vivido não correspondem exatamente um ao outro. Nestas reflexões também referimos em alguns casos as nossas dúvidas e dificuldades sentidas. Ao refletir sobre as nossas ações, mesmo as menos positivas, pretendemos melhorar como futura profissional. Ao refletir sobre a ação, segundo Serrazina & Oliveira (n.d.) "*reflexão na acção é aquela que ajuda o profissional a progredir no seu desenvolvimento e a construir a sua forma pessoal de conhecer.*" (p. 4)

1.1.1. Contextualização

1.1.1.1. Caracterização do meio, Jardim de Infância e grupo

Para realizarmos uma Prática Supervisionada em Educação Pré – Escolar adequada ao grupo de crianças com idades compreendidas entre 3 e 4 anos da Associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota, foi preciso conhecermos o meio envolvente, da instituição e do grupo de crianças. Deste modo apresentaremos, sucintamente, os aspetos que consideramos relevantes. realizarmos uma Prática Supervisionada em Educação Pré – Escolar adequada

A Associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota situa-se na zona Norte de Castelo Branco, em termos mais específicos, situa-se na Quinta do Olival do Paço,

zona histórica da Cidade de Castelo Branco. Antes de se tornar Associação Jardim de Infância, era Dispensário de Puericultura o qual abriu a 6 de março de 1930 e foi inaugurado a 6 de maio do mesmo ano. Mais tarde junto ao dispensário foi criada uma creche, inaugurada a 10 de maio de 1931. Por razões várias transformaram o Dispensário em Associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota. Trata-se de uma Instituição de Solidariedade Social. Na mesma Quinta, encontra-se também o Jardim Escola João de Deus.

A zona envolvente ao Jardim de Infância, é muito rica em recursos educativos. Seguidamente apresentaremos exemplos de alguns recursos mais próximos, como o Jardim do Paço; o Parque da Cidade; o Museu Francisco Tavares Proença Júnior; o Castelo dos Templários; o Museu Cargaleiro, entre muitos outros.

Em 1989, o Jardim de Infância sofreu a sua primeira ampliação, tendo já sofrido mais duas, de modo a adaptar-se às necessidades das crianças e a necessidade de recursos, sendo atualmente constituída por dois edifícios distintos.

O Jardim de Infância tem vários recursos físicos, encontrando-se estes divididos pelos dois pisos. No rés-do-chão os recursos disponíveis são: cozinha, dispensa, lavandaria, arrumos, refeitório, três casas de banho para crianças, duas casas de banho para adultos, sala polivalente, quatro salas de atividades e, dois pátios exteriores, hall e corredor. No 1º andar os recursos são: duas escadarias, corredor, secretaria, sala da direção, sala de educadoras, duas casas de banho para adultos e, três casas de banho para crianças, copa de leites, dois refeitórios, duas salas de arrumos, cinco salas de atividades e pátio exterior.

As salas têm sistemas de aquecimento, luz natural, encontram-se pintadas de cores claras e apresentam um bom estado de conservação. Na generalidade possuem mesas, jogos, armários, espelhos livros, puzzles, rádios, CD e materiais para atividades plásticas.

A instituição, como equipa pedagógica, têm: dez educadoras, professora de educação musical, professora de inglês, professor de judo e professora de educação física. Como equipa não docente tem catorze auxiliares de ação educativa, duas cozinheiras, cinco auxiliares de limpeza, motorista e jardineiro.

Acerca do grupo com o qual desenvolvemos a Prática Supervisionada em Educação Pré- Escolar [PSEP], este era composto por 19 crianças com idades compreendidas entre 3/4anos. Segundo Piaget crianças entre 2 e 7 anos encontram-se no estágio pré-operatório. Neste estágio, em termos gerais, as crianças ainda são um pouco egocêntricas; focam-se num único aspeto de uma situação; o pensamento é muito concreto. Nesta fase, mais em específico, os jogos de construção passam progressivamente a jogos simbólicos, prevalecendo a assimilação.

Relativamente ao desenho, nesta fase, as crianças já lhe atribuem significado, não dando em concreto nome ao desenho. Começam a projetar no desenho a realidade, Fig.s reconhecíveis, resultando algo inferior à sua expectativa. *“Apesar da maturação*

das aptidões motoras os gestos gráficos são um pouco desajeitados e os seus desenhos pouco estruturados. A importância afetiva atribuída a determinado elemento traduz-se igualmente por desproporções gráficas.”(p.92) (Delmine & Vermeulen 1992)

No que se refere à linguagem, as crianças desta faixa etária demonstram uma certa confusão entre o pessoal e o social, e utilizam frequentemente o monólogo. É também durante esta fase que começam a partilhar socialmente as aprendizagens devido ao desenvolvimento e comunicação.

Durante as semanas de observação, foram visíveis as rotinas diárias. Por volta das 9h as crianças são encaminhadas para a sua sala, seguidamente procedem à higiene. Posteriormente dá-se início às atividades da manhã de que são ,exemplos: história (contadas, dramatizadas, de roda), exploração de poesias lengalengas, adivinhas, entre outros, teatro de fantoches, jogos de imitação até às 10:15 min. Após a exploração e desenvolvimento do assunto a abordar são realizadas atividades em pequenos grupos e individuais, as atividades a desenvolver neste espaço de tempo são variadas, desde atividades plásticas orientadas e/ou escolhidas por cada criança nos cantinhos (casinha, recorte e colagem, leitura, desenho e grafismo, carros, entre muitos outros), terminando às 10h:55 min para as crianças arrumarem os espaços onde estiveram a realizar as atividades, consolidarem-se os conhecimentos da manhã e seguidamente realizarem atividades livres no exterior, até às 11h:10 min para em seguida procederem à higiene para às 11h:20 min almoçarem. No fim de almoço podem voltar a realizar atividades livres no exterior, para ao 12h:40 min se deslocarem até à sala para repousarem até às 14h:30min. Realizando-se seguidamente atividades em pequenos grupos e individuais nos diversos cantinhos até as 15h: 20min, seguindo-se a higiene e o lanche, a partir das 16h:00 são realizadas atividades livres no ginásio, pátio ou sala.

As crianças para além das atividades diárias da sala realizavam atividades de enriquecimento curricular, como ginástica, música, judo e hip-hop, cada uma das atividades tem um dia específico e é realizada após o lanche da tarde.

1.1.2. Organização da Prática em Educação Pré- Escolar

A Prática em Educação Pré-Escolar foi realizada entre março e junho de 2012, em par pedagógico, com o grupo de crianças com idades de 3 e 4 anos, na Associação Jardim de Infância Dr. Alfredo Mota.

Segundo o programa da unidade curricular de Prática Supervisionada em Educação Pré Escolar (PSEP), esta tinha como principais objetivos os seguintes:

- Conhecer as dimensões específicas do contexto educativo em estudo.
- Identificar variáveis processuais promotoras da qualidade da instituição em análise. - Observar, detalhadamente, a ação pedagógica do Educador.
- Elaborar instrumentos de recolha de dados para a elaboração de um diagnóstico de situação.
- Enquadrar dados recolhidos em teorias estudadas.
- Desenvolver estratégias de promoção do desenvolvimento e aprendizagem de todas as crianças.
- Analisar projetos curriculares elaborados com base nas Orientações Curriculares.
- Desenvolver competências de observação, planificação, ação, avaliação e comunicação.
- Saber trabalhar em equipa com todos os elementos da comunidade educativa.
- Conceber, realizar e avaliar experiências educativo-pedagógicas, fundamentando as suas propostas.
- Realizar a adequação curricular como resposta às necessidades educativas especiais.

Tendo presente os objetivos acima descritos, durante a nossa prática desenvolvemos o nosso percurso de forma a correspondermos e alcançarmos os objetivos definidos.

Ao longo deste relatório são descritos e apresentados, alguns dos processos de trabalho desenvolvidos ao longo desta prática, os quais nos fizeram alcançar os objetivos. Os processos desenvolvidos estão de acordo com o referido nas orientações curriculares. Um dos processos educativos que caracteriza a intervenção profissional do educador de infância passa por diferentes etapas que se vão sucedendo e aprofundando. Este processo pressupõe observar, planear, agir, avaliar, comunicar e articular. (OC 1997)

Desde o início da prática, identificamos as variáveis processuais promotoras da qualidade da instituição. Para além da observação, o contacto diário permite-nos ter essa perceção. Ao longo de todo o processo, realizamos uma articulação entre os dados recolhidos e as teorias estudadas; é importante que fundamentemos e verifiquemos, comparemos o real e a teoria.

Durante as duas primeiras semanas de observação para além de, contactarmos com a instituição, grupo de crianças, um aspeto importante antes de iniciarmos a nossa prática é analisar o projeto curricular e, tomar conhecimento do que se

desenvolve a nível de instituição, assim como, de sala.

A estrutura das planificações didáticas ficou ao critério de cada aluno, tendo pesquisado e analisando outras estruturas, resultando na seguinte estrutura apresentada na Fig. 1:

Escola Superior de Educação De Castelo Branco
Prática Supervisionada em Educação Pré – Escolar
Plano Diário



Nome:	Educadora Cooperante:	Supervisora:
Grupo de crianças:	Nível Etário:	_____
Tema:	Data:	Educadora Cooperante:

Conteúdos	Atividades	Material
<u>Área do conhecimento do mundo-Meio social</u> <u>Linguagem oral</u> <u>Expressão Motora</u> <u>Expressão Musical/ Dramática</u> <u>Expressão plástica</u> <u>Área de formação pessoal e social</u>		

ESTRATÉGIA

Figura 1-Estrutura das planificações didáticas de Educação Pré-Escolar

Como é possível verificar a estrutura da planificação encontra-se dividida em três partes. Na primeira parte encontramos os elementos de identificação; a segunda parte encontra-se subdividida em três, conteúdos, atividades desenvolvidas em cada uma das áreas do conhecimento e materiais utilizados em cada atividade; na terceira e última parte, e não menos importante, a estratégia. Neste ponto descrevemos todo o processo didático a utilizar durante a manhã de prática.

Para além disso, de modo a desenvolver competências de observação, planificação, ação, avaliação e comunicação criamos uma grelha de observação de modo a observarmos e avaliarmos, para além do desempenho das crianças, a nossa própria planificação, dado que o desempenho das crianças poderá não ser o pretendido devido a uma planificação menos adequada. Dessa forma apresentamos na Fig. 2 a grelha de observação construída por nós.

Escola Superior de Educação De Castelo Branco
 Prática Supervisionada em Educação Pré - Escolar
 Associação Jardim-de-infância Dr. Alfredo Mota
 Grelha de Observação

Área de conteúdo																				
Crianças																				
Objetivos	1		2		3		4		5		6		7		8		9		10	
	CA	FA	CA	FA	CA	FA	CA	FA	CA	FA	CA	FA	CA	FA	CA	FA	CA	FA	CA	FA

Legenda: CA: Com ajuda; FA: Faz autonomamente; NO: Não observável

Figura 2- Grelha de observação

A nossa prática de ensino supervisionada desenvolveu-se com base no trabalho em par, no qual este se apoiaria e trabalharia em conjunto. A organização dos pares pedagógicos, ficou ao critério das estudantes estagiárias. A nossa prática contempla trabalho individual e trabalho de par, durante o qual a estagiária que está em prática poderá ser auxiliada pela sua colega.

Para evidenciarmos como foi organizada a nossa prática, no quadro 1 apresentamos de forma geral as nossas intervenções.

<i>Trabalho desenvolvido</i>	<i>Semanas</i>	<i>Temas desenvolvidos em prática</i>
<i>Semanas de observação em par pedagógico</i>	5 a 8 de março	Conhecer o corpo Higiene A família- pai
	12 a 15 de março	A família- pai
<i>Prática individual</i>	19 a 22 de março	A família- pai Primavera Primavera- Vestuário Profissão estilista
	16 a 19 de abril	A família- mãe
	14 a 17 de maio	A florista e o quadrado A florista
	28 a 31 de maio	Simulacro de incêndio Meios de transporte
	11 a 14 junho	Animais selvagens
<i>Prática de grupo</i>	2 a 4 de maio	Os sentidos e a expressão musical Ateliê de expressão musical
	7 a 11 de maio	Ateliê de expressão musical

Quadro 1- Organização da Prática em Educação Pré- Escolar

Durante as semanas de prática foram criadas estruturas por parte da educadora cooperante das alunas por forma a facilitar o desenvolvimento da prática. Assim sendo, no final da primeira semana a educadora em conjunto com o par pedagógico delimitou os temas a serem desenvolvidos ao longo de cada uma das semanas de prática anexo 1. No início foi apresentado o guião de atividades para posteriormente ser implementado. No final de cada semana era realizada uma reflexão das atividades realizadas, com a cooperante e com a professora supervisora quando necessário. Era

também realizada uma reflexão por escrito, a ser entregue à cooperante.

Toda a documentação realizada em grupo ou individualmente encontrava-se num dossiê, sendo inserido a cada semana as planificações e reflexões correspondentes. Findado o estágio tínhamos o dossiê organizado e pronto a entregar ao supervisor para posterior avaliação.

1.1.3. Desenvolvimento da Prática em Educação Pré - Escolar

1.1.3.1 Registo de observação

A Prática em Educação Pré-Escolar iniciou-se com a apresentação das estagiárias à educadora cooperante e ao grupo de crianças. Posteriormente foi feita a apresentação de todas as estagiárias presentes na instituição à direção, uma vez que não foi possível fazê-lo previamente.

Consideramos este contacto importante para o nosso desempenho, pois o único contacto com o pré-escolar foi em Iniciação a Prática Profissional que se desenvolveu na Licenciatura em Educação Básica. Apesar dos conhecimentos anteriores, necessitamos sempre de realizar a observação antes de iniciarmos uma prática, pois já existem rotinas e atuações específicas de cada profissional as quais não podemos menosprezar. Para além de podermos observar como é estar perante o grupo de crianças, podemos também ver a postura da educadora e as suas técnicas de controlo do grupo. Permite-nos refletir sobre esses conhecimentos de modo a mantê-los e ou a criarmos os nossos próprios métodos de modo fundamentado. Durante este período de tempo tivemos oportunidade de consultar a documentação relativa ao projeto educativo do agrupamento e ao plano anual de atividades e, a partir destes recolhemos a informação necessária para podermos realizar o nosso estudo da instituição, assim como, para a nossa intervenção na prática.

Para além disso ao longo das duas primeiras semanas foram realizados registos, pelo par pedagógico, acerca de situações que consideramos importantes e sobre os quais refletimos e tecemos algumas considerações.

Reflexão 1ª semana de observação

A primeira manhã de observação da PSEP foi talvez aquela que nos provocou maior ansiedade. Encontrávamo-nos expectantes relativamente à forma como seríamos recebidas pela educadora, pela auxiliar e mesmo pelas crianças, consideramos que estas ficariam um pouco estranhas à nossa presença. No entanto, tal não sucedeu. Foi notória a boa integração que nos foi proporcionada. Ao entrarmos na sala sentimos-nos bem, mais calmas e tranquilas. A educadora colocou-nos extremamente à vontade, quer para nos dispormos pela sala da forma que pretendêssemos quer para lhe colocarmos qualquer questão, assim como, para

ajudarmos nas atividades ao longo da manhã.

Mesmo sendo este o 1º dia, observamos alguns parâmetros que nos suscitaram alguma curiosidade. A educadora, como forma de motivação, escondeu na sala dois objetos que pretendia que as crianças descobrissem (fante e livro). Não era suposto que as crianças recorressem ao saco das surpresas. Como não estava previsto este acontecimento, a educadora aproveitou a ideia das crianças e introduziu pistas para encontrarem o que era pretendido. Este episódio despertou a nossa atenção pelo facto de que tudo o que se planifica, nem sempre ocorre na realidade. A planificação deve ser uma “previsão” do que se pretende fazer, tendo sempre em conta as relações pessoais entre os membros do grupo (educador e crianças ou professor e alunos). Uma planificação deve ser um meio e não um fim e deve também ser flexível. O educador não se deve limitar àquilo que planificou. Quem se limita ao que planifica pode correr o risco de não estar a “escutar” as necessidades das crianças, as suas dúvidas, etc. *“Tal como acontece na vida também durante a prática o professor deve estar preparado para se desprender dos planos ou alterá-los se algum factor, não previsível no momento da sua elaboração, assim o exigir”* Tavares e Alarcão (1999 p. 158)

Na realização da atividade da “massa de sal” foi solicitado às crianças a construção de um “menino (a)”. Apercebemo-nos de que existiam diferenças entre elas relativamente à noção da imagem do corpo humano, pois apenas uma pequena percentagem destas colocava os membros a partir do corpo e não da cabeça. Tal acontece devido a falta de organização por parte da criança relativamente ao desenho ou às construções, como refere Delmine & Vermeulen (1992) por volta dos 3 anos *“as representações humanas podem ser designadas de “cabeçudos”, pois o círculo representa ao mesmo tempo a cabeça e o tronco vistos de frente e ao qual estão unidos dois riscos, as pernas, e muitas vezes, outros dois, os braços”*(p.93) Tendo em conta que o grupo não é homogéneo existem construções em que as representações do corpo já têm olhos, boca e umbigo, são mais elaboradas.

Relativamente ao chefe do dia, não tínhamos noção da organização e responsabilidade dada à criança, para orientar os colegas nas suas brincadeiras e encaminhá-los para o almoço. Através destas pequenas tarefas conseguimos incutir, o sentido de responsabilidade nas crianças e a iniciar um percurso que permitirá à criança melhorar a sua convivência em sociedade, tornando-se mais autónoma e responsável.

Durante a hora de almoço, enquanto ajudávamos a educadora e a auxiliar no auxílio às crianças, deparámo-nos com uma dificuldade: uma criança colocou as mãos na boca de forma a não se poder introduzir comida, de tal modo insistente, que nenhuma de nós conseguiu adotar uma estratégia para lhe darmos comida. Para nós este episódio foi “uma birra à refeição”. Cunha (n.d. ¶ 2) *refere que a birra é uma forma de expressão, pressão e manipulação; “...não é só uma forma de chantagem, que as crianças usam para imporem as suas ideias e conseguirem o que querem, resulta*

também de uma má gestão do mal-estar”.

Na segunda manhã de estágio, pelo facto de a educadora entrar mais tarde, lemos uma história às crianças. Sentimo-nos felizes por isto se ter proporcionado, mas ao mesmo tempo receámos não conseguirmos corresponder ao domínio do grupo e à exploração correta da história, atendendo a que foi tudo muito espontâneo e sem preparação.

Nesta manhã ainda observamos e constatamos como com um simples boneco se consegue introduzir o conceito higiene, não é necessário termos grandes quantidades de materiais para conseguirmos cativar as crianças e despertar o interesse para as atividades. Com isto pretendemos referir que o importante não é a qualidade nem a quantidade dos materiais, mas sim a qualidade com que estes são explorados.

Achámos interessante a forma delicada como a educadora alertou as crianças e lhes solicitou que alertassem os pais, para a importância da higiene. Esta abordagem fez-nos refletir, pois enquanto grupo de estágio, conversamos imensas vezes acerca de como futuramente abordaremos temáticas mais complicadas, pois existirá inicialmente, algum constrangimento referi-los e percebemos que o importante é estudarmos profundamente o historial de cada criança, para que nunca a possamos “magoar” com o que dizemos.

No trabalho de mesa, que consistiu em as crianças traçarem com um marcador os percursos desde as ações até aos objetos (ex: tomar banho-----chuveiro, etc.) consideramos interessante o facto de as crianças já conseguirem traçar de forma tão correta os percursos desde as ações até aos objetos. Como referido das Orientações Curriculares [OC] (1997) *todas as situações permitem que a criança aprenda a utilizar melhor o seu corpo.* (p.25)

Na nossa terceira manhã ficámos espantadas com vários aspetos: o primeiro tem a ver com a educadora ter escondido o livro debaixo do seu bibe e o segundo foi a assertividade das previsões das crianças acerca do conteúdo do livro a ser explorado. Consideramos importante pois um gesto tão simples como este, criou um enorme suspense em redor do que seria apresentado, em segundo, é notável como as crianças conseguem acertar na maioria das previsões que fazem quanto ao título do livro, às imagens e até mesmo ao conteúdo deste.

A ativação do conhecimento prévio como refere Oliveira e Queirós (2009) *”Leitura uma nova concepção”* (¶ 15) *“é um fator essencial para a compreensão do texto, pois trata-se de uma forma de conhecimento que as crianças já têm acerca de determinado assunto”.* Observámos atentamente toda esta preparação antes da história, pois sentimos que até nós próprias estávamos curiosas acerca do que seria apresentado e a caminho de casa conversámos e constatámos que através de uma atividade conseguimos remeter para aspectos de várias áreas, sem termos de abordar especificamente conteúdos de uma determinada área. Neste dia, observou-se que a atividade em si era o contar uma história, mas o suspense gerado à volta do aparecimento do livro, fez com que se trabalhasse também a contagem matemática,

sem que intencionalmente se tivesse planeado trabalhar a matemática. Devemos ser flexíveis relativamente a todas as áreas, isto é, não temos de obrigatoriamente planejar atividades para todas as áreas, mas sim integrá-las, ou seja, em cada atividade podemos trabalhar mais do que uma área específica.

O contar da história também foi algo que nos motivou bastante. A educadora fê-lo de forma tão cativante, que até nós estávamos interessadas. Este é um ponto que temos mesmo de referir, pois um dos nossos receios é o não sabermos contar devidamente uma história. Dizemos isto, não por não conseguirmos contar uma história, mas porque temos consciência que ainda não o sabemos fazer devidamente (vozes, aumentar e diminuir tom, entre outros aspetos). Como refere Dias (2011) *o contar histórias é considerado uma ferramenta pedagógica na formação do caráter social e intelectual da criança. É através das histórias que se desenvolve a imaginação, o espírito crítico, a concentração, etc.* (p.2)

Após a leitura da história foi feita uma breve exploração, questionando as crianças “*O que gostarias que o teu pai fosse?*”, maioritariamente as respostas foram de encontro ao lido anteriormente, concluindo que as crianças captaram a essência do livro. Seguidamente foram propostas mais duas atividades, a primeira que tinha como objetivo trabalhar a expressão dramática e motora, na qual as crianças tinham de imitar a expressão facial do pai quando esta zangado, irritado, entre outras. Foi também ensinada às crianças uma dança para realizarem com os pais, quando chegassem a casa. Consideramos importante existirem atividades deste tipo que proporcionem o aumento dos vínculos entre pais e filhos.

No entanto na manhã seguinte as crianças foram questionadas sobre o assunto, obtendo algumas respostas, tais como: “*Não tive tempo, estava cansada e tive de ir dormir*”; “*O pai estava só a ver televisão e não me ligava nenhuma*”. Podem-se retirar duas informações interessantes: as crianças passam tanto tempo no Jardim de Infância que, quando chegam a casa nem sempre têm muita vitalidade para realizarem certas atividades com os pais, o que nos traz à memória que “*O ideal educativo é **melhor** tempo na escola e **mais** tempo na família*” (João Formosinho citado por Infante 2002 p. 75); e que os pais não têm grande tempo para os filhos e, muitas vezes, acham que ao realizarem certas atividades com eles perdem muito do seu tempo individual; outras vezes, estão cansados.

Também nesta manhã, iniciou-se a realização da prenda do Dia do Pai, na qual nos foi possível ajudar e até trocar ideias com a educadora acerca de certos pormenores da prenda. Uma de nós, do par pedagógico, sentiu mais dificuldade em auxiliar as crianças, mas facilmente se resolveu a questão e se organizou uma equipa de trabalho: a educadora e uma de nós auxiliavam as crianças na moldagem dos materiais e na colagem destes e a outra fazia os acabamentos das prendas. Com isto, sentimos que já éramos uma equipa, e quando dizemos equipa não nos referimos só a nós estagiárias, mas também à educadora cooperante.

Terminada a 1ª semana de observação na PSEPE, pudemos concluir que todos os dias foram dias de aprendizagem; as crianças já começavam a criar afetos conosco e nós com elas; podemos dizer que qualquer pessoa da instituição estava disponível para nos atender, sempre que necessitássemos; ou seja, só com uma semana na instituição já sentimos que estávamos ali há muito mais tempo, o que foi gratificante para nós.

Reflexão 2ª semana de observação

No primeiro dia da 2ª semana de observação da PSEPE apercebemo-nos da preocupação da educadora em integrar as crianças que estiveram a faltar, porque tinham estado doentes, nas atividades realizadas ao longo desses dias. Foi importante visualizarmos isto, pois ainda ficámos com mais certezas de que, enquanto futuras profissionais devemos criar sempre um “ fio condutor” entre o que já foi abordado e os conteúdos novos que se estão a abordar para que a criança consiga acompanhar o trabalho desenvolvido na sua sala, proporcionando-lhe um desenvolvimento cognitivo e social mais consistente.

Foi interessante a atividade em que as crianças recontaram a história “Gosto muito de ti, Papá!”, abordada na semana anterior, aos seus amigos que tinham estado a faltar. Ficámos admiradas com a capacidade de reconto das crianças, pois não sabendo ler e visualizando somente as imagens do livro, souberam recontar a história na perfeição.

A canção deste dia, também foi um momento de grande cumplicidade e alegria, pois sendo dedicada ao pai transmite logo a ideia de amor e afeto. Cantámos e dançámos com as crianças e aumentámos a nossa bagagem musical infantil. Temo-nos apercebido através das canções, de que com estas idades não se pretendem ensinar canções muito grandes, mas sim canções que tenham algum sentido e que sejam curtas, para uma memorização mais fácil.

No dia seguinte quando a educadora estava a contar a história através de imagens coladas no flanelógrafo, verificámos que as crianças são tão perspicazes que questionaram a educadora pelo facto de surgir uma imagem, onde se encontravam duas pessoas só com umas pernas e um corpo, pois não estavam a compreender o porquê destas duas personagens surgirem sem cabeça. A educadora teve de explicar às crianças que naquela imagem encontravam-se os pais da “Ritinha” e como eles são “crescidos” não cabiam na folha. Já começa a ser notória, nesta idade, a preocupação das crianças relativamente à organização espacial das imagens numa folha.

Foi também ensinado um poema dedicado ao Pai, para que as crianças lhe pudessem dizer, quando chegassem a casa. Esta atividade volta a demonstrar a preocupação que existe em fortalecer os vínculos entre pais e filhos

Adorámos a forma como as crianças gesticulavam à medida que iam dizendo o poema, pois notava-se imenso que sabiam quais eram as partes onde deviam dar mais

ênfase ao poema. A ideia da educadora trabalhar o poema em movimento, isto é, de caminharem e marcharem ao mesmo tempo que diziam o poema; de o pronunciarem em diferentes intensidades, mais alto e mais baixo, facilitou a memorização deste. Tirámos desta atividade o ensinamento de que devemos ser dinâmicas, quando ensinamos algo novo às nossas crianças, e de que devemos adotar novas estratégias para que as crianças aprendam o que se pretende ensinar de forma alegre e divertida.

Foi também muito interessante a forma como a educadora abordou a família: *nós por vezes vivemos com o pai e com a mãe, mas outras vezes, podemos viver ou só com o pai ou só com a mãe* (casos de famílias em que os pais estão separados ou um dos pais já faleceu). É essencial que percebamos que, quando estamos a lidar com crianças temos de estudar muito pormenorizadamente o historial de vida destas, pois podemos abordar assuntos delicados que as possam magoar, tal como referido anteriormente

Nota-se que a educadora coopeante tem a preocupação de deixar as crianças brincar, o que é muito importante nos tempos de hoje. Normalmente, as crianças brincam antes do almoço (brincadeiras livres no cantinho) e antes de irem fazer a sesta (brincadeiras no pátio). É também nestes momentos de brincadeira que, por vezes, também entramos no mundo delas : as meninas adoram brincar connosco às cabeleireiras e imaginam que estão a fazer imensas coisas ao nosso cabelo.

Na manhã seguinte educadora, depois de ter contado e explorado a história, levou as crianças para o parque das areias, pois estava bom tempo e lá poderiam realizar as restantes atividades. Foi relevante para nós visualizarmos os comportamentos das crianças, enquanto brincavam livremente no parque das areias, pois os seus rostos transbordavam felicidade. Este episódio permitiu-nos refletir um pouco acerca da importância dos recreios; é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pela educadora e crianças.

Uma das atividades desenvolvidas no parque das areias foi a atividade da pintura de um carpinteiro. Ficámos curiosas relativamente à noção que as crianças tinham das cores da madeira, das roupas do carpinteiro, da pele (interessante o facto de grande parte das crianças pintar os braços e a cara do carpinteiro, de amarelo). Podemos levantar várias hipóteses acerca da utilização de determinadas cores, pois esta escolha pode estar associada a algo mais pessoal; ao facto de ser a cor mais próxima da criança; ou então por ser a cor mais aproximada à cor real da pele com que estão mais familiarizadas.

Este foi um dia em que nos foi possível observar vários parâmetros: o comportamento das crianças fora da sala de atividades (crianças mais tímidas que se revelaram ativas nas brincadeiras); a concentração das crianças na realização de atividades fora da sala é diferente; a utilização das cores a que têm acesso; etc.

Na última manhã de observação, a educadora distribuiu pelas crianças uns círculos e uns triângulos para a realização de um jogo em que os círculos eram os Gepetos, os triângulos eram os Pinóquios. O intuito era percorrerem um percurso e os

Gepetos darem um abraço aos Pinóquios – pais e filhos. Chateau, citado por Kishimoto (1994) “*valoriza o jogo por seu potencial para o aprendizado moral, integração da criança no grupo social e como meio para aquisição de regras*” (p.21). A motivação com que as crianças se deslocaram pelo percurso criado pela educadora foi algo que nos cativou ao longo da manhã. As brincadeiras, os jogos e os brinquedos devem ser objetos de crescimento, que possibilitem à criança a exploração do mundo; o descobrir-se; entender-se e posicionar-se em relação a si e à sociedade de forma lúdica e natural, criando competências para a socialização e a conduta psicomotora.

Ao mesmo tempo, os jogos ativam a escolha de estratégias indispensáveis para a resolução do problema que o jogo coloca, de modo a obter-se sucesso.

Antes do almoço a educadora optou por cantar algumas canções de roda, o que achamos muito importante pois as canções são elementos fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Consideramos importante salientá-lo, pois cada vez menos se utilizam as canções de roda nos Jardim-de-infância. As canções de roda permitem a comunicação entre crianças de várias idades e a consolidação de vínculos afetivos entre gerações (os netos a aprenderem as canções do tempo dos avós). Esta prática das canções de roda não serve apenas para entretenimento, pretende-se que as crianças conheçam a cultura de uma determinada região e, fundamentalmente, que desenvolvam a imaginação, a criatividade, a concentração e a memória a elas associadas.

Terminadas as duas semanas de observação de PSEPE fizemos um balanço muito positivo: o ótimo acolhimento que nos foi feito; a simpatia e ajuda da educadora cooperante; a relação já construída com as auxiliares de educação (assistentes operacionais) dos vários setores e com, outra educadoras de infância, bem como com a diretora.; a boa forma como fomos integradas nas atividades das crianças; e, o fundamental de tudo, a boa relação e a afetividade que construímos com as “nossas crianças” e que nos permitirá uma prática mais divertida e mais profícua, com troca de saberes e aprendizagens, e que também integrava a chamada prática do “Aprender Brincando”!

1.1.3.2 Iniciação à prática individual

Após as duas semanas de observação, como calendarizado, demos início à nossa prática. Apesar de ser individual, com isto não queremos dizer que deixamos de apoiar e auxiliar a colega (par pedagógico) durante a sua prática. Estes momentos de prática permitem-nos desenvolver técnicas por forma a melhorarmos as nossas práticas em par pedagógico assim como aprender a trabalhar em equipa.

Uma vez que nos foram anteriormente entregues os temas a serem desenvolvidos (anexo 1), em cada semana tínhamos apenas de apresentar a planificação e materiais didáticos de acordo com o planeado. A entrega prévia do plano tinha como principal função a verificação da viabilidade do mesmo, assim como a sugestão de estratégias, atividades e recursos didáticos mais adequados ao grupo, pela educadora cooperante.

Terminada a semana, ou a manhã de estágio, era realizada uma reflexão com o par pedagógico de modo a refletir sobre as ações realizadas ao longo da semana/manhã. Este tipo de trabalho desenvolvido na prática é de extrema importância pois permite-nos melhorar aspetos menos positivos e refletir um pouco melhor sobre as ações que desenvolvemos. É frequente que nós, alunas de prática, por vezes não atuemos de forma mais adequada, sendo de extrema importância a troca de ideias reflexivas com a educadora cooperante. Dada a sua vasta prática profissional, esta tem uma capacidade de analisar e detetar falhas, as quais por vezes não tomamos em consideração pois consideramos que estamos a fazer do modo mais correto. No entanto existem formas mais adequadas que pretendemos que nos indiquem de modo a melhorarmos as práticas e a tornarmos-nos profissionais mais competentes e atentos.

Atividades 1ª semana individual

<p>Dia:19 de março de 2012</p> <p>Tema: A família- Pai</p>	<p>Dia:20 de março de 2012</p> <p>Tema: Primavera</p>
<p>Atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Diálogo • História “O pai do João” • Exploração das características físicas do rosto • Construção rosto do pai do João • Canção “Hoje é dia do Pai” • Rosto do pai • Brincadeiras nos cantinhos • Higiene • Recreio • Almoço 	<p>Atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do bom dia” • Poesia “Olá Primavera” • Canção “Quando chega a Primavera” • Pintar uma flor com as mãos • Brincadeiras nos cantinhos • Higiene • Brincadeiras livres no recreio • Almoço
<p>Dia:21 de março de 2012</p> <p>Tema: Primavera- Vestuário</p>	<p>Dia:22 de março de 2012</p> <p>Tema: Primavera- Vestuário</p>
<p>Atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Exploração do tipo de vestuário com que me encontro • Procura do vestuário correto • Canção “Quando chega a Primavera” • Preenchimento das peças de vestuário (através de texturas) • Brincadeiras nos cantinhos • Higiene • Recreio • Almoço 	<p>Atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Pequena dramatização do estilista • Construção de vestuário e adereços • Desfile • Desenho livre • Brincadeiras nos cantinhos • Higiene • Almoço

Quadro 2- Atividades da 1ª semana - trabalho individual

Reflexão 1ª semana individual

Após colocar em prática a planificação concluo que: não foi fácil libertar-me e sentir-me à vontade, apesar de já conhecer o grupo e ter tido um primeiro contacto.

Ao iniciar a manhã estava nervosa, o que dificultou um pouco a minha ação. Algumas das informações planeadas não foram referidas; por exemplo exemplo, muitas das peripécias de um texto, que foi construído previamente para depois contar ao grupo ficaram por referir, acabando a atividade por não ter o brilho que desejávamos para o grupo. Nno entanto, este manteve-se atento e motivado.

No que se refere às atividades seguintes foram encontradas falhas durante a sua execução, tendo de ser alteradas no momento. Na primeira atividade que consistia na construção do rosto do pai do João devia ter explorado e criado um pouco mais de suspense. Não devia ter apresentado em cima da manta e explorado um a um, (olhos, nariz, orelhas) mas sim ir retirando do bolso, ou ter colocado no saco das surpresas, para tentar cativar ainda mais a atenção das crianças e entrar no “mundinho” delas.

O meu primeiro dia não correu como eu esperava, e achei um pouco complicado estar em frente ao grupo a desempenhar um papel tão importante, apesar de ter sempre a ajuda da educadora cooperante, da colega de estágio e da auxiliar de ação educativa. Apesar de sabermos e construirmos todas as linhas orientadoras da nossa prática, o receio de “falhar” ou dizermos algo errado faz com não sejamos espontâneas e não criemos os momentos de magia que cativem o grupo de forma mais entusiasta.

Comparativamente com a primeira manhã, esta decorreu um pouco melhor, apesar do nervosismo se manter. Considero que existem muitas falhas a colmatar, uma delas é após a leitura, ser necessário fazer uma exploração mais atenta pois existem sempre palavras que ainda não se inserem no vocabulário da criança. Outro facto é que ainda nos encontramos no início da prática e não temos uma percepção correta do tempo necessário a disponibilizar em cada atividade, sendo realizadas por vezes “a correr” dificultando a compreensão por parte das crianças. No entanto, com o passar dos dias apercebemo-nos que devemos fazer uma exploração aprofundada das atividades que pretendemos que as crianças realizem de forma mais autónoma. Ao explicarmos e demonstrarmos o que fazer em cada atividade tornamos o grupo mais autónomo e motivado, pois não fica dependente da educadora ou de outro auxílio.

Relativamente ao controlo do grupo, tem-se tornado mais fácil uma vez que também começamos a conhecer melhor cada uma das crianças.

Apesar de já ser a última manhã da semana de estágio, em alguns momentos ainda me senti um pouco nervosa. Tal também ocorreu porque, apesar de pesquisar, estava um pouco em dúvida na forma como defini “o estilista” (Primavera – Vestuário). Achei que a definição estava um pouco confusa, ficando receosa com as atividades definidas para este tema.

Dando por terminada esta semana concluo que apesar de ter planeado todos os

dias tive de “refazer”, o que inicialmente tinha pensado.

Esta semana foi cheia de novas aprendizagens, a serem tidas em conta nas futuras planificações e implementações na prática. É de referir que apesar das aprendizagens adquiridas no 1º ciclo de estudos (Licenciatura em Educação Básica 3 anos) o mais importante será adquirido nesta etapa de aprendizagens (2º ciclo de estudos - Mestrado), e é visível que apesar de sabermos todos os passos teóricos a verdade é que na prática é necessário fazer ajustes consoante a necessidade do grupo de crianças.

Atividades 2ª semana individual

<p>Dia:16 de abril de 2012</p> <p>Tema: A família - Mãe</p>	<p>Dia:17 de abril de 2012</p> <p>Tema: A família - Mãe</p>
<p>Atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Conto da história “Mamã Maravilha” • Exploração da história • Jogo: faz de conta “Sou a mamã...” • Desenho “O que gostarias de fazer com a tua mãe.” • Brincadeiras nos cantinhos • Higiene • Recreio • Almoço 	<p>Atividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Dramatização com o fantoche “Miguel” • Poema “A minha mãe” • Decoração Prenda do “Dia da Mãe” • Brincadeiras nos cantinhos • Higiene • Recreio • Almoço
<p>Dia:16 de abril de 2012</p> <p>Tema: A família - Mãe</p>	<p>Dia:16 de abril de 2012</p> <p>Tema: A família - Mãe</p>
<p>Atividades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Fantoche - A reciclagem • Jogo “Recicla” • Música “Roda, roda vem rodar” • Decoração do postal para o “Dia da Mãe” • Brincadeiras nos cantinhos • Higiene • Recreio • Almoço 	<p>Atividades</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Dramatização com fantoches • Jogo “Mãe dá licença” • Construção do Postal dia da mãe • Brincadeiras livres • Higiene • Recreio • Almoço

Quadro 3- Atividades da 2ª semana - trabalho individual

Reflexão 2ª semana individual

Implementada a planificação do primeiro dia de estágio desta semana, concluí que durante a leitura da história as crianças estiveram atentas, mas na exploração desta existiram algumas conversas que me fizeram pensar que estas não estavam muito motivadas. A forma como fiz a exploração deveria ter sido mais motivadora e entusiasta.

Outro acontecimento importante e que a partir de agora será sempre tido em conta é que, quando me encontro a ler uma história ou algo semelhante o melhor é sentar-me numa cadeira para que todas as crianças tenham visibilidade. Pois uma vez que as crianças se encontravam dispostas em círculo, as que estavam ao meu lado não tinham boa visibilidade. Contudo, penso que é importante dizer que após a leitura, de modo a verificar se as crianças tinham percebido, mostrei-lhes novamente todo o livro, página a página, para que elas dissessem ao que correspondia cada imagem e grande parte acertou no conteúdo, o que me leva a pensar que, afinal tinham estado atentas.

Durante a explicação do trabalho de mesa, aproveitei a ideia das crianças. Começaram a referir o que gostavam mais de fazer com a mãe no seu dia-a-dia e, apesar do meu objetivo não ser esse, aceitei a ideia e foi com esta que trabalhei, deixando o desenho Fig.tivo de ser “O que gostam de fazer com a mãe no Dia da Mãe”, ficando “O que gostam de fazer com a mãe”.

Relativamente a esta manhã de estágio, penso que no geral teve aspetos bastante positivos, apesar de saber dos melhoramentos que ainda são necessários nas atividades futuras, assim como, na forma de exploração. No entanto, pensando e refletindo sobre a manhã de prática tenho consciência de que foi pouco motivadora e enriquecedora para as crianças.

No decorrer da segunda manhã, são muitos os aspetos a assinalar. Primeiro refiro a perspicácia com que uma das crianças encontrou o fantoche que estava escondido.

Enquanto o fantoche “falava” sobre o que tinha acontecido todas as crianças estiveram atentas e demonstraram interesse, apesar da minha exploração não ter sido a mais adequada, uma vez que passei diretamente para a separação do lixo sem ter explicado os ecopontos e fiz tudo muito mais teórico que prático.

Na atividade de mesa, não demonstrei às crianças como se faz a pintura com a escova dos dentes. Parti do pressuposto que já tinham realizado atividades destas, não necessitando assim de demonstração. Portanto concluo que devo sempre demonstrar, pois são crianças muito novas e é importante que visionem e compreendam melhor o que é para fazer.

No que diz respeito a este dia, esforcei-me por mostrar uma postura menos tensa e mais descontraída, tendo sido uma manhã mais “divertida” e não tão monótona e rígida.

Na dramatização com os fantoches, as crianças estiveram interessadas e

participativas, cantando e “lendo” o poema em conjunto com os fantoches. Apesar de não se encontrar na planificação, achei importante cantar e “ler” o poema para que as crianças relembrassem como este foi cantado e como foi dito. No entanto, a dado momento tive um pequeno bloqueio do qual a minha colega de estágio se apercebeu e rapidamente me deu uma ajuda. Tive novamente dificuldade em manter distintas as vozes de ambos os fantoches, no entanto, decorreu um pouco melhor que nas dramatizações anteriores.

Seguidamente tinha planeado ir com as crianças para o ginásio, mas, como não foi possível pois encontrava-se ocupado, optei por realizar a atividade no pátio exterior. As crianças gostaram e mostraram um ar alegre e divertido. No final desta atividade a última forma de deslocação foi a do caranguejo (andar para trás com os membros inferiores), sendo demonstrado às crianças como o fazer. Uma criança sugeriu uma forma diferente de se deslocar à caranguejo tendo sido realizada por toda as crianças após a demonstração de uma criança do grupo.

Na planificação, quando descrevi a atividade de decoração do postal do “Dia da Mãe”, dava a ideia de ser uma atividade a iniciar e a terminar na mesma manhã; no entanto, a atividade realizada nessa manhã foi apenas a pintura de um círculo que faria de rosto, pois seria impossível realizar o postal todo, pelo facto, de ser um pouco trabalhoso e conter muitos pormenores. Mas, de qualquer forma, achei importante descrever nas estratégias uma vez que era a minha última manhã de estágio e não achei correto deixar ficar por concluir a descrição da atividade.

Atividades 3ª semana -trabalho de grupo

<p>Dia:2 de maio de 2012</p> <p>Tema: Os sentidos e a expressão musical</p>	<p>Dia:3 de maio de 2012</p> <p>Tema: Os sentidos e a expressão musical</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Visita e exploração do ateliê de matemática 	<ul style="list-style-type: none"> • Rotinas • Conversa formal acerca do que se passará neste dia; • Apresentação do elemento integrador (2 caixas com imagens de sentidos) e descoberta do conteúdo destas; • Dramatização da história “Os 5 sentidos”; • Exploração da história • Canção “Os cinco sentidos”; • Exploração dos materiais a serem utilizados no ateliê • Brincadeiras livres nos cantinhos; • Higiene; • Recreio; • Almoço; • Higiene; • Descanso
<p>Dia:4 de maio de 2012</p> <p>Tema: Os sentidos e a expressão musical</p>	
<ul style="list-style-type: none"> • Rotinas (Higiene; Canção do “Bom Dia”); • Conversa formal acerca do que foi explorado no dia anterior; • Dramatização “A aldeia dos fabricantes de instrumentos”; • Exploração dos mini ateliês em pequenos grupos • Atividade em grande grupo (construção e aplicação de uma pauta não convencional) • Higiene • Recreio • Almoço • Higiene • Descanso 	

Quadro 4 - Atividades 3ª semana - trabalho de grupo

Reflexão da 3ª semana - trabalho de grupo

Terminada a terceira semana de Prática, são vários os aspetos a referir.

Começaremos por falar um pouco da nossa visita ao ateliê de Matemática da sala dos 5 anos, organizado pelas nossas colegas e pela educadora. As crianças estiveram bastantes interessadas e motivadas ao longo da exploração do ateliê e no decorrer das atividades. Como é natural, existiram espaços que chamavam mais a sua atenção do que outros. Aliás ocorreu um episódio crítico de uma criança que, quando se dirigiu para o espaço onde tinham de ordenar uma sequência de imagens da história “O capuchinho vermelho” recusou-se a participar. Só depois de algumas insistências é que a criança participou realizando tudo corretamente.

Atendendo à idade das crianças do nosso grupo, o objeto do ateliê que lhes despertou mais interesse foi o túnel que se encontrava como passagem de uma atividade para outra, talvez por ser um objeto feito de cartão e que lhes dá asas à imaginação.

Achamos que este ateliê estava muito bem organizado e que as atividades eram criativas e interessantes. Salientamos também o facto de as nossas se terem preocupado com o tamanho e os revestimentos dos materiais, pois estes eram adequados a todas as faixas etárias que participariam no ateliê.

Centrando-nos agora nos nossos dias de prática desta semana conjunta, no primeiro dia de exploração dos “cinco sentidos” e dos materiais associados ao ateliê a ser explorado na semana seguinte (ateliê de Expressão Musical), salientamos o facto de alguns sentidos terem palavras um pouco complexas (por exemplo: audição, olfato, paladar) e as crianças terem demonstrado dificuldade em articular essas palavras. A nossa estratégia foi a divisão silábica através de batimentos de palmas. Esta estratégia resultou muito bem, pois para além de estarem motivados por dizerem as palavras e baterem as palmas ao mesmo tempo, a articulação das palavras tornou-se bem mais fácil e clara.

Durante a dramatização da história “os cinco sentidos” as crianças demonstraram interesse e curiosidade relativamente à função de cada sentido. Sentimos que o facto de explorarmos os sentidos com o grupo, ao longo da dramatização, terá ajudado a compreender melhor tanto as funções, como os próprios nomes.

Um dos erros que cometemos nestas atividades foi o facto de revelarmos antecipadamente que existiriam instrumentos musicais para serem explorados a meio da manhã. Provocámos uma ansiedade que fez com que em algumas atividades as crianças dispersassem um pouco e estivessem constantemente a perguntar “Quando é que são os instrumentos?”. Os instrumentos musicais são objetos que despertam imensa curiosidade, logo era esperada uma tal reação.

Quanto à exploração dos materiais para serem utilizados no nosso ateliê achamos que foi um dos melhores momentos da manhã, mas devido ao facto de termos de explicar o que aconteceria nos próximos dias e, como os teriam que utilizar,

acabámos por ser nós a controlar mais a exploração, não lhes dando tanta liberdade.

Na exploração do ateliê de Expressão Musical com as crianças referimos o facto destas se terem apercebido das mudanças ocorridas na disposição do mobiliário da sala, chegando-nos a perguntar. “Porque que a nossa sala está diferente?”. Sentimos que a mudança da ordem habitual da sala provoca uma “inquietação” nas crianças.

Quando um objeto ou ambiente é aberto a diferentes possibilidades de interpretação e uso, a criança passa a deter o poder de definir o que ele é ou para que serve, em vez de, estereotipadamente, identificar uma maneira “correta” de o entender ou de sobre ele agir (James Talbot e Joe Frost citados por Hohman & Weikart 1997 p. 161)

Quanto à exploração do ateliê em si (preparação para como deveriam proceder na semana seguinte – implementação do ateliê), achamos que, neste dia, as crianças já tiveram mais liberdade para dar “asas” à imaginação, relativamente ao fazer música com materiais tão diversos. Compreenderam o que teriam de explicar aos amigos nos dias seguintes, em que estes nos viriam visitar

Ficámos impressionadas com o facto das crianças conseguirem construir com o nosso auxílio e, aplicarem sozinhas a pauta não convencional. O único auxílio que tinham era o nosso dedo a indicar a ordem pela qual tinham de tocar os instrumentos. É admirável como crianças tão pequenas tenham conseguido no final fazer tudo já sem auxílio.

Apesar de terem sido poucos dias de prática nesta semana, foi uma ocasião de atividades interessantes, diferentes, que nos permitiram ter contacto com outras realidades (ateliê de matemática) e com certas capacidades das nossas crianças, que apesar de sabermos da sua perspicácia na realização das atividades, ainda eram por nós desconhecidas.

Atividades 4ª semana - trabalho de grupo

As atividades realizadas ao longo desta semana foram as mesmas durante todas as manhãs. Tal deveu-se ao ateliê ser aberto à instituição, recebendo em cada uma das manhãs um grupo de crianças.

Dia: 7 a 11 de maio de 2012

Tema: Ateliê de expressão musical

- Rotinas (Higiene; Canção do “Bom Dia”);
- Conversa formal acerca do que foi explorado no dia anterior;
- Dramatização “A aldeia dos fabricantes de instrumentos”;
- Exploração dos mini ateliês em pequenos grupos
- Atividade em grande grupo (construção e aplicação de uma pauta não convencional)
- Higiene
- Recreio
- Almoço
- Higiene
- Descanso

Quadro 5- Atividades 4ª semana - trabalho de grupo

Reflexão da 4ª semana - trabalho de grupo

Esta semana foi toda ela destinada à implementação do nosso ateliê de Expressão Musical. Só este aspeto já a tornou uma semana diferente, pois tivemos contacto com vários grupos de crianças de diferentes faixas etárias.

Na nossa opinião o ateliê correu bem; qualquer grupo de crianças ao entrar na sala, ficava entusiasmado com o que via em seu redor e, quando procedíamos à exploração dos mini ateliês esse entusiasmo ainda era mais notório.

Foi muito importante percebermos as diferenças de perguntas das crianças de 3 anos, 4 anos e 5 anos. Todas estas faixas etárias compreenderam perfeitamente o que lhes era transmitido, mas a sua perspicácia de descoberta e de questionarem era bastante diferente. De um modo geral, as crianças, quando passavam pelo mini ateliê “Oficina de música” (onde se encontravam objetos da natureza e utensílios domésticos) era frequente ouvirmos as seguintes interpelações: “*Música com pinhas? A minha avó utiliza as pinhas para pôr na lareira!*”. As crianças recordavam o que observam frequentemente na sua realidade próxima, associando-o aos objetos que

estavam a visualizar. Somente algumas crianças de 5 anos associavam às pinhas a ideia de que raspando uma na outra obtém-se um som. Foi incrível observarmos que com umas simples tampas, gerou-se um entusiasmo que, por vezes, era tão forte que tínhamos de dizer às crianças que este “instrumento” passaria por todas, evitando deste modo trocas de palavras como “*Isto é meu, sou eu que estou a tocar*”, ou então “*agora quero ser eu a tocar*”. Outra grande atração deste ateliê foram os copos tocados com as colheres, pois como tínhamos copos vazios e copos com diferentes quantidades de água, obtínhamos sons diferentes, com os quais as crianças ficavam encantadas e pediam repetidamente para tocar. O nosso objetivo com este mini ateliê foi conseguir que as crianças interiorizassem que para fazer música não é necessário somente instrumentos específicos, mas que a música pode ser feita através de vários objetos, neste caso em específico, da natureza e utensílios de casa.

Relativamente ao mini ateliê “Salão do Príncipe” onde se encontravam instrumentos reais, o entusiasmo das crianças foi imenso. Faziam inúmeras perguntas acerca dos nomes dos instrumentos e queriam logo explorá-los, quando chegavam junto à mesa. É muito importante a exploração dos instrumentos pelas crianças, pois ao tocarem, desenvolvem a coordenação motora e a memória.

No mini ateliê “Mercado” (onde se adquiriam os materiais reutilizáveis- copos de iogurte- e se construía maracas e tambores) também existiram imensas questões por parte das crianças “*como fazemos instrumentos com isto?*” mas após começarem a construir, ficavam eufóricas e só queriam tocar. Cada vez mais é importante deixar que as crianças construam instrumentos a partir de materiais que já não utilizamos, este trabalho de poder criar o seu próprio instrumento faz com que a criança desenvolva a sua criatividade e imaginação associando música e as artes plásticas. Como referido nas (OC 1997)

a expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora (p.63) (...) desenvolve-se na educação pré-escolar, em torno de cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar (p.64)(...) instrumentos de percussão simples podem ser construídos pelas crianças relacionando-se com o domínio da atividade plástica (...) (p.65).

Todos os ateliês tiveram entusiasmo, motivação e interesse por parte das crianças, mas a atividade com a pauta não convencional foi o grande sucesso do ateliê. Primeiro, porque foi uma atividade de grande grupo (o nosso grupo e o grupo visitante) e, segundo, porque após começarmos a explicar a pauta, o silêncio era tal que até nós estávamos estupefactos. A ideia de implementarmos a pauta não convencional foi um bom método para o final do ateliê. As crianças acalmavam bastante e conseguiam estar concentradas em todos os passos: desenho do percurso; escolha das imagens dos instrumentos construídos e utilizados no ateliê e tocar os instrumentos de acordo com a ordem pela qual estavam dispostos pelo percurso.

Uma outra curiosidade deste ateliê foi o facto das crianças da nossa sala terem representado connosco, quer na dramatização, quer depois na aplicação dos próprios ateliês. Tiveram uma capacidade de improvisação incrível, atendendo a que não

sabem ler e como tal, utilizavam e improvisavam a partir do que captavam da dramatização e do que nós lhes íamos dizendo. Crianças que, habitualmente, são tímidas, libertavam-se representando o seu papel e realizando a sua função de explicar aos amigos a finalidade do ateliê. Sousa citado por Almeida (2012) refere que a expressão dramática é

“natural na criança, surgindo espontaneamente e através da qual ela pode, livremente, expressar os seus mais íntimos sentimentos, dar ampla razão à sua imaginação criativa, desenvolver o seu raciocínio prático, desempenhar no fazer-de-conta os mais diversos papéis sociais e usar o seu corpo nas mais diferentes qualidades de movimento. (...) uma actividade educativa que, ao mesmo tempo, proporciona o mais amplo estímulo no desenvolvimento de valores afectivos, cognitivos, sociais e motores da personalidade da criança. (p.12)

Atividades 5ª- semana individual

Dia: 14 de maio de 2012 Tema: A florista e o quadrado	Dia: 15 de maio de 2012 Tema: A florista e o quadrado
Atividades <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Conversa informal • Conto da história “Florista geométrica” • Exploração da história • Preenchimento do quadrado com barro • Brincadeiras livres nos cantinhos • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso 	Atividades <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Breve diálogo sobre o dia anterior • Reconto da história “A florista geométrica” • Canção • Percurso “Caça às flores” • Brincadeiras livres no parque das areias • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso
Dia: 16 de maio de 2012 Tema: A florista e o quadrado	Dia: 17 de maio de 2012 Tema: A florista e o quadrado
Atividades <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Exploração do cesto com flores • Plantação e sementeira de flores • Brincadeiras livres no pátio exterior • Higiene • Recreio • Almoço • Higiene • Descanso 	Atividades <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Conversa informal • Visita à florista • Ida ao parque infantil • Higiene • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso

Quadro 6- Atividades 5ª semana - trabalho individual

Reflexão 5ª semana individual

Após implementação das planificações posso concluir que: durante esta semana senti-me mais à vontade e liberta, facilitando a minha comunicação e interação com as crianças. No entanto, ainda existem muitas lacunas a melhorar relativamente a este aspeto. Considero que as manhãs foram um pouco mais interessantes e motivadoras para as crianças.

Numa das manhãs estava planeado as crianças manusearem barro. No início

acharam um pouco estranho, no entanto, depois gostaram e comparavam-no um pouco à plasticina. Verificou-se que existiam crianças que estavam interessadas em manusear e experimentar, ou seja, fazer o que normalmente fazem com a plasticina. Enquanto outras estavam mais interessadas em experimentar a sensação de ficarem com as mãos pintadas estando sempre a molhar as mãos na água.

Apesar do planeado, uma das manhãs teve de ser alterada.

Como referem Tavares e Alarcão (1999)

Por planificação entende-se a atividade que consiste em definir e sequenciar os objetivos do nosso ensino e da aprendizagem dos nossos alunos, determinar processos para avaliar se eles foram conseguidos, prever algumas estratégias de ensino/aprendizagem e selecionar materiais auxiliares (...)os planos transformam-se em instrumentos que podem ou não ser, consoante as circunstâncias reais em que decorre o ensino. (p.159)

Inicialmente, tinha planeado fazer um percurso no parque exterior (rés do chão), mas como este se encontrava a ser utilizado por uma das colegas tive de alterar o espaço, assim como algumas das atividades planeadas anteriormente. Tinha pensado realizar as atividades no exterior uma vez que o tempo estava agradável e ao mudar o ambiente de aprendizagem as crianças ficariam motivadas assim como perceberiam que em outros ambientes também é possível descobrir e aprender. Como refere Rodrigues & Martins (2005) “*educação não formal constitui toda a atividade educativa organizada e contínua, pode-se implementar dentro ou fora do estabelecimento escolar.*” (p.12) No entanto o espaço escolhido, no meu entender, não foi o melhor, deveria ter optado pelo ginásio, pois comparativamente com o parque das areias não contém tantos fatores de distração para as crianças. Por outro lado, e ao pensar agora no sucedido penso que poderia ter aproveitado todo o interesse das crianças em brincarem no parque, para que, conjuntamente com o planeado ir ao encontro dos objetivos pretendidos. No entanto, tal não aconteceu e o que poderia ter sido uma manhã “produtiva” de aprendizagens tornou-se em algo fraco, sem qualquer interesse para as crianças, apesar de algumas continuarem participativas na atividade. Outro problema desta manhã foi o posicionamento dos obstáculos, que só na prática foi visível que se contasse apenas com o auxílio de uma pessoa, seria complicado gerir o grupo. Pois no quadrado, no deslocamento em zig-zag, algumas crianças necessitaram de ajuda e assim sendo, ao voltar a implementar este tipo de estratégia terei de reformular para que um maior número de crianças realize a mesma atividade de forma a ser possível acompanhar o grupo de igual modo. Foi importante a ajuda da minha colega de estágio, da educadora cooperante e da auxiliar, pois de outra forma algumas crianças não teriam realizado as atividades corretamente.

No que se refere ao dia da plantação e sementeira das plantas as crianças mostraram-se interessadas e felizes por irem para a rua e para um local com terra. No entanto, foi um pouco desinteressante para elas, pois tiveram apenas oportunidade de manusear um pouco um dos utensílios de jardinagem e colocar as sementes na

terra. Enquanto duas crianças realizavam a atividade as restantes ficavam a ver o que os amigos faziam, aguardando a sua vez. Concluo, assim que, se estivesse num momento de prática efetiva seria complicado controlar o grupo, teria de arranjar uma outra estratégia, pois não poderia dar atenção às duas crianças que se encontravam a semear e às que aguardavam a vez, pois neste caso tinha a auxiliar a ajudar-me. Assim como, também tinha o auxílio da minha colega de estágio que me ajudava na sementeira com as crianças enquanto a educadora cooperante se encontrava a interagir com o grupo explicando o que se estava a fazer.

No último dia como planeado fomos visitar uma florista, e decidimos ir a pé com as crianças. Foi uma boa experiência, pois aprendi como deverei proceder caso faça algo semelhante no futuro, pois uma vez que referidas algumas estratégias a utilizar de forma a manter o grupo junto. Foi um caso excepcional, pois por norma apenas acompanham o grupo duas pessoas (educadora e auxiliar) e neste caso éramos (educadora, auxiliar e duas estagiárias).

Desta manhã é ainda de salientar a admiração e curiosidade das crianças pelos locais por onde passávamos. Apesar da cidade ser conhecida pelas crianças, é visível que estas apenas a conhecem dos percursos de carro, quando se deslocam a pé é que percebem e visualizam pormenores que quando vão de carro lhes escapam.

No final da visita à florista fomos com as crianças ao parque infantil que ficava a no caminho, possibilitando que brincassem num outro espaço com outros tipos de atividades e objetos. As crianças estavam felizes e entusiasmadas com a caminhada e com a possibilidade de brincarem num parque infantil diferente dos que estão habituados.

Atividades 6ª semana individual

<p>Dia: 28 de maio de 2012</p> <p>Tema: Simulacro de incêndio</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Imagens “Em caso de incêndio...” • Exploração das placas de saída de emergência • Simulação de incêndio • Brincadeiras livres nos cantinhos • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso 	<p>Dia: 29 de maio de 2012</p> <p>Tema: Meios de transporte</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Exploração da caixa decorada com meios de transporte • Decoração de meios de transporte terrestres (trabalho coletivo) • Brincadeiras livres nos cantinhos • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso
<p>Dia: 30 de maio de 2012</p> <p>Tema: Meios de transporte</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Meios de transporte marítimos e aéreos • Jogo “Faz de conta que sou um avião” • Decoração do barco • Brincadeiras livres nos cantinhos • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso 	<p>Dia: 31 de maio de 2012</p> <p>Tema: Meios de transporte</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Ida aos bombeiros • Brincadeiras livres nos cantinhos • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso

Quadro 7- Atividades 6ª semana - trabalho individual

Reflexão 6^a semana individual

Após implementação das planificações constatei que existiram falhas principalmente no que se refere ao dia de segunda-feira. Inicialmente quando planifiquei achei que a manhã era adequada, uma vez que as crianças já tinham explorado o tema dos incêndios em casa ou na escola. No entanto na prática tal não se verificou, sendo visível na consolidação dos conhecimentos no final da manhã. A exploração das imagens decorreu tranquilamente, as crianças mostraram-se interessadas e participativas, no entanto, uma delas referiu que um dos meninos do desenho não se encontrava bem colocado e no momento não agi da melhor forma não aproveitando a sugestão da criança para informar o grupo de que, não se devem deslocar assim. Perto do final da manhã já não tinha mais atividades a realizar, optando por um desenho sobre o tema abordado durante a manhã o qual não teve os resultados esperados. Para além disso, a maioria das crianças encontrava-se sentadas na manta a ouvir uma música, aguardando a sua vez para realizarem o desenho. A um dado momento o grupo ficou um pouco agitado, pela espera, sendo sugerido pela educadora que encaminhasse o grupo para o pátio.

Durante a manhã estive por alguns momentos completamente só com as crianças. Inicialmente senti-me um pouco receosa mas consegui realizar as atividades pretendidas mantendo o grupo interessado e sem se dispersar, uma vez que nos encontrávamos fora da sala de atividades habitual. Este momento foi importante pois tive possibilidade de me aperceber melhor das minhas capacidades e de melhorar a minha postura perante o grupo.

Na manhã de terça-feira, após a exploração dos meios de transporte, optei por um jogo de faz de conta. Este consistia em imaginarmos que estávamos a fazer uma viagem pela cidade utilizando alguns dos meios de transporte apresentados. As crianças estavam interessadas em realizar esta atividade mas, refletindo sobre a situação, acho que faltaram alguns pormenores, por exemplo, ter feito bilhetes que teriam de entregar ao entrar no comboio e autocarro. Mas mesmo fazendo de conta, as crianças não se esqueciam de o pedir, dizendo “*Eu ainda não tenho*”. Lourenço (2011) considera que

as actividades dramáticas permitem que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo — unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção. Nestas actividades, as crianças desenvolvem acções ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver: problemas de observação, de equilíbrio, de controlo emocional, de afirmação individual, de integração no grupo, de desenvolvimento de uma ideia e de progressão na acção.(p.6)

Pretende-se, fundamentalmente, que as crianças experimentem, através de diferentes meios, expressar a sua sensibilidade e desenvolver o seu imaginário.

No final da manhã foi pedido que cada quatro crianças escolhessem um meio de

transporte que queriam decorar individualmente, de entre os que foram referidos durante a manhã. Apenas oito crianças realizaram a atividade, tal aconteceu pelo facto de alguns dos meios de transporte necessitarem de um pouco mais de tempo que outros, uma vez que tinham mais pormenores.

Da manhã de quarta-feira é de referir o momento em que me dirigi para ir buscar as crianças, pois uma delas perguntou-me “O que vai ser hoje? Ar ou água?” referindo-se aos meios de transporte aquáticos e aéreos. Foi interessante verificar o interesse da criança, assim como a atenção com que esteve no dia anterior. Foi visível que a criança esteve atenta e se lembrava que no dia anterior foram abordados dois meios de transporte, faltando a abordagem aos aquáticos e aéreos.

Ainda relativamente a esta manhã as crianças participaram ativamente à exceção de uma que, apesar de chamadas de atenção e da ajuda da minha colega de estágio, não prestou muita atenção durante a exploração dos meios de transporte. Apesar disso o grupo não se distraiu e participou ativamente na atividade. Apesar da forte participação, existiu uma ligeira confusão nos meios de transporte aquáticos; inicialmente referiram os animais que vivem/habitam no meio aquático demonstrando já terem adquirido conhecimentos relativamente a esse tema. Relativamente ao nome dos meios de transporte apresentados, todas as crianças acertaram na maioria, apesar da dificuldade em pronunciarem as palavras, pois são palavras demasiado complexas e longas, sendo difícil pronuncia-las desde logo de forma correta. Este é, contudo, um processo normal na aprendizagem da linguagem oral, segundo Sim-sim et al (2008) *“enquanto o conhecimento fonológico não estabiliza, as crianças utilizam processos de redução/omissão, deturpação, repetição, substituição e inserção de sons que desaparecem à medida que o controlo motor se instala.”* (p.16)

Ainda durante a demonstração dos meios de transporte foi interessante verificar que uma das crianças tem um conhecimento mais vasto no que se refere aos meios de transporte aquáticos, tendo referido que também existe o *ferry*.

Durante a atividade de postura corporal as crianças pareceram gostar da atividade e participaram ativamente, sendo que apenas, algumas delas tiveram dificuldade em se colocar a pés juntos e em bicos de pés.

Durante esta manhã, esteve presente a supervisora e, ao contrário do esperado, senti-me à vontade e mais liberta; o facto de esta interagir e intervir ajudou-me.

No que diz respeito à manhã de quinta-feira, apesar de planeada, não foi possível implementá-la pelo facto de ter falecido um colaborador da instituição tendo sido pedido no dia anterior para que se possível as crianças ficassem em casa, por forma a que os funcionários da instituição pudessem comparecer às cerimónias fúnebres. Como o número de crianças era inferior a dez por sala, dos 3 aos 5 anos, estas passaram a manhã juntas a brincarem livremente no parque das areias. Apesar do motivo foi interessante ver as várias faixas etárias partilharem o espaço e os objetos, de forma agradável e sem conflitos.

Atividades 7ª semana individual

<p>Dia: 11 de junho de 2012 Tema: Meios de transporte</p> <ul style="list-style-type: none"> • Higiene • Rotina “Canção do Bom dia” • História “Capuchinho vermelho” • Exploração do habitat, alimentação e revestimento do lobo • Canção do capuchinho vermelho • Desenho sobre o lobo • Brincadeiras livres nos cantinhos • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso 	<p>Dia: 12 de junho de 2012 Tema: Animais selvagens</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Conversa formal • Expedição “os animais” • Decorar os animais vistos • Brincadeiras livres nos cantinhos • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso
<p>Dia: 13 de junho de 2012 Tema: Animais selvagens</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Exploração da carta • Leitura da carta • Produção do pão • Escrita de uma carta • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso 	<p>Dia: 14 de junho de 2012 Tema: Animais selvagens</p> <ul style="list-style-type: none"> • Rotina “Canção do Bom dia” • Exploração dos animais do bosque • Jogo dos pares • Marcha (sala dos 5 anos, educadora Célia) • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Brincadeiras livres no parque exterior • Almoço • Brincadeiras livres no parque exterior • Higiene • Descanso

Quadro 8 - Atividades 7ª semana - trabalho individual

Reflexão 7ª semana individual

Chegada a última semana de implementação, a evolução de todo o meu percurso é visível para mim; no entanto, não deixa de “ser uma gota no oceano”, pois este é apenas o início de um novo ciclo de aprendizagens, deixando de ser predominantemente teóricas e passando a ser muito mais práticas e significativas. É através destas pequenas práticas que nos tornamos cada dia melhores profissionais, não só pela prática mas pelos profissionais que por nós passam e nos ajudam.

Após a implementação das últimas planificações é de referir as seguintes ocorrências: na manhã de segunda-feira, as crianças gostaram de ouvir a história “O Capuchinho Vermelho” mas, mais uma vez, não soube aproveitar algumas das intervenções das crianças. Segundo Dias (2011)

sempre que as crianças ouvem uma história, extravasa a sua fantasia e além de incentivar a sua criatividade, permite explicar e inculcar modelos de acção, que incorpora a sua relação com o meio social, ao mesmo tempo em que constrói conhecimento.(p. 46)

Abrilhantando um pouco a intervenção das crianças e aproveitando- as para a atividade seguinte ser mais interessante, podia ter tido uma maior atenção por parte do grupo. Durante a exploração do lobo, nalguns momentos foi difícil fazer-me ouvir e ter a atenção das crianças. O facto de ter perdido um pouco o controlo do grupo fez com que eu própria ficasse desorientada. Mas, após uns segundos consegui dar a volta de modo a ter de novo a atenção do mesmo.

Durante o desenho do lobo, apesar de um pouco abstrato, foi interessante ver o que cada uma das crianças desenhou. Apesar da dificuldade algumas das crianças fizeram-no com semelhanças com o real. Interpretando o desenho da criança, recorrendo a autores, para Duquet citado por Cardoso e Valsassina (1988) “*a criança quando desenha reproduz o seu modelo interno e ainda as impressões que vive através dos traços ou formas que executa.*” (p.82)

Para a manhã de segunda feira estava ainda planeada uma expedição, mas antes da sua realização, foi questionado: “*Para além do lobo, vivem mais animais na floresta?*”. As crianças rapidamente sugeriram alguns dos animais tendo sido encaminhados até à quinta da instituição de forma a serem encontrados os animais lá colocados (desenhados e coloridos em cartolina). E foi pedido que os identificassem cada um dos animais. Dos animais presentes apenas uma criança identificou o veado, tendo sido a que na sala referiu que o veado vivia na floresta.

Um episódio interessante desta manhã foi uma das crianças antes da expedição ter referido o javali como um animal do bosque/floresta e quando regressámos à sala, essa criança dizer “Não íamos à procura de animais do bosque? Não tinha lá o javali”. Nessa sequência reformulei o que tinha referido anteriormente para, “*apenas fomos procurar alguns dos que são amigos do lobo*”. não tendo sido a melhor justificação pois uma das crianças disse “*mas o coelho não é amigo do lobo ele tem medo dele.*” Concluo, assim que, as crianças já têm alguma noção no que se refere à vida animal e, esta

criança já compreende que na vida selvagem existe uma relação, predador-presa, apesar de não a compreender na sua essência.

Na totalidade as crianças identificaram os animais e estiveram atentas na atividade fora da sala, pois durante a decoração e pintura das imagens dos animais todas os identificaram sem dificuldade e sem ajuda.

Na manhã de quarta-feira as crianças foram até ao refeitório da instituição confeccionar pães com chouriço para a festa de final de ano. Foi interessante ver como estas se encontravam motivadas e empenhadas na sua confeção. Durante a preparação da massa estiveram atentas, apenas algumas geraram um pouco de confusão pois queriam ver melhor e de mais perto todo o processo. No entanto a atividade decorreu da melhor forma tendo sempre o auxílio da educadora e da minha colega de estágio.

Da reflexão sobre esta manhã concluo que as crianças compreenderam o intuito da atividade e os passos da mesma. Mas após a prática constatei que para além da carta (como texto), poderia ter abordado o texto instrucional recorrendo à receita. É ainda de referir que nesta manhã não foi possível realizar a última atividade, a de escrita de uma carta, como estava planificado, pois a atividade de confeção dos pães co chouriço terminou um pouco tarde, tendo apenas conseguido recapitular com as crianças a atividade realizada.

Na manhã de quinta-feira foram realizadas as atividades propostas (). As crianças aderiram e pediram para repetir e assim, os objetivos propostos foram atingidos. Durante a atividade a minha colega de estágio participou de forma a fazer par com uma das crianças; estas acharam engraçada a sua participação. As crianças gostaram de ir ver as marchas populares da sala dos 5 anos, assim como de no final participarem, marchando e dançando com todos os amigos das restantes salas, sendo interessante a interação entre todas as crianças das várias salas. É importantes as crianças interagirem com mais crianças para além das da sua sala, segundo as Orientações Curriculares (OC 1997) “as interações proporcionadas pela vida do grupo, em grande grupo, em pequeno grupo ou no diálogo com outra criança... constituem ocasiões de comunicação diferentes...”

Sendo esta a última semana de Prática Supervisionada (PS) a educadora cooperante deixou ao nosso critério o tema a desenvolver, tendo nós escolhido o tema “animais selvagens”.

A atividade de confeção dos pães foi adicionada, tentando interligar um pouco com o que estava a ser trabalhado ao longo da semana, dada a proximidade da festa de final de ano. No que se refere à atividade de observação das marchas da sala dos 5 anos, esta foi uma decisão que a educadora deixou ao nosso critério, tendo nós decido levar o grupo a assistir, pois considerámos importante a sua participação, assim como, os colegas verem que as restantes crianças gostam de assistir às suas atividades.

1.2. Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Tal como em Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar(PSEP), também em Prática Supervisionada no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (PS1ºCEB) pretendemos fazer uma abordagem e apresentação do desenvolvimento da nossa prática, tendo esta decorrido entre 23 de outubro de 2012 e 7 de fevereiro de 2013.

Como em quase todas as novas experiências, esta não foi exceção, e o nervosismo, inquietações e dúvidas estiveram presentes neste início. Apesar de já conhecer o espaço e a professora cooperante da prática realizada durante a Licenciatura, não foram motivos suficientes para que o desconforto não se sentisse. O contacto com a professora cooperante (que é a professora titular de turma) é fundamental, mas apresentarmo-nos a um novo grupo cria uma enorme ansiedade, que logo é dissipada com a entrada em sala e após o contacto com os alunos. Essa ansiedade voltaria com o aproximar da prática, mas tornou-se um pouco mais simples de controlar por este momento de início ser partilhado com o par pedagógico, uma vez que a primeira semana de prática seria conjunta. Mas antes desse momento, como não poderia deixar de ser, realizamos duas semanas de observação. Nesta fase observamos as estratégias utilizadas pela professora cooperante, assim como estratégias de contacto com a turma e também tivemos a possibilidade de observar como é trabalhar com uma turma que integra três crianças com dificuldades de aprendizagem. Torna-se uma tarefa um tanto complicada pois as três crianças encontram-se com níveis de aprendizagem diferentes. É fundamental que contactemos com a realidade de modo a que aprendamos estratégias de trabalho com o grupo, assim como, comecemos a construir as nossas próprias estratégias. Ainda durante as semanas de observação pudemos prestar auxílio a esses alunos mantendo-os a desenvolver tarefas enquanto a cooperante se encontrava com o restante grupo. Para além disso, nessas duas semanas tivemos acesso ao Projeto Educativo de Escola e ao Projeto Curricular de Turma de modo a podermos realizar a “Caracterização do Contexto educativo: Estudo do meio e Estudo da Instituição.”

Ao longo da nossa prática, implementamos planificações, refletimos sobre o nosso desempenho e sobre o próprio processo de planificação, uma vez que o plano escrito e o vivido não correspondem exatamente um ao outro. Nestas semanas também referimos em alguns casos as nossas dúvidas e dificuldades sentidas. Para além disso tivemos a possibilidade de construir uma ficha de avaliação.

Contrariamente à educação pré-escolar, a estrutura de planificação utilizada na PS1ºCEB foi cedida pelo professor supervisor de estágio, sendo a estrutura igual para todos os alunos de prática.

1.2.1. Contextualização

1.2.1.1. Caracterização do meio, escola e turma

De modo a realizarmos uma Prática Supervisionada no Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico adequada ao grupo de 2º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva, foi necessário conhecermos o meio envolvente da instituição e o grupo de alunos, apresentando em seguida sucintamente os aspetos que consideramos mais importantes.

O estudo do meio envolvente à escola em que estamos a trabalhar é essencial para que pudéssemos conhecer o que há de interesse pedagógico que possa contribuir para o melhoramento e enriquecimento das aprendizagens dos alunos

A sede do agrupamento de Escolas Afonso de Paiva localiza-se na Rua Dr. Francisco Palmeiro - Castelo Branco. Encontra-se numa “zona residencial da cidade com elevada densidade populacional, cujos habitantes se inserem num nível social de classe média e média-baixa.” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva 2007-2010) Em seu redor há bairros sociais, prevalecendo a etnia cigana nas habitações. Encontram-se também, estruturas de apoio social e de possível interesse pedagógico em redor do agrupamento, estas são: o Hospital Amato Lusitano; o Centro de Saúde; o Instituto Português da Juventude; o quartel dos Bombeiros Voluntários; o quartel da GNR; a Associação Portuguesa de Pais e Amigos das Crianças com Deficiência Mental (APPACDM); e o Pavilhão Municipal.

Tal como o próprio nome indica, a escola é integrada porque integra vários anos de escolaridade (do 1º ano ao 9º ano de escolaridade). Esta escola é a sede do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva. Iniciou a sua atividade a 1 de outubro de 1972 e, foi no ano letivo 2006/2007 que tomou esta designação, pois houve atribuição de duas salas ao 1º Ciclo do Ensino Básico (1º CEB)

Ao consultamos o projeto educativo do Agrupamento verificamos que este vigorou entre 2007 e 2010 e que não voltou a ser alterado nem elaborado um novo documento. Este projeto educativo pretende desenvolver-se de acordo com o lema: *Integrar (“identidades distintas”); Unir (“para finalidades comuns”) e Formar (“para o desenvolvimento completo de cada um dos indivíduos, de acordo com as suas potencialidades e anseios”)*. Alguns dos principais objetivos gerais deste projeto educativo são: *“incrementar condições facilitadoras da formação integral do aluno e do seu sucesso”; “melhorar significativamente as condições de trabalho de todos os elementos da comunidade escolar”; “promover condições para reforçar a identidade da própria da Escola tornando-a mais interveniente e aceite de pleno direito junto da comunidade social”*. (Projeto educativo 2007-2010)

A instituição é constituída por 20 salas normais; 10 salas específicas; 1 centro de recursos; 1 biblioteca; 1 refeitório; 1 sala de professores com bar; 1 sala de alunos com bar; 1 pavilhão gimnodesportivo e 3 campos de jogos exteriores.

A escola disponibiliza à comunidade escolar apoios, tais como, refeitório e bar;

biblioteca; serviço de psicologia e orientação; ação social escolar; núcleo de ensino especial (unidade de intervenção precoce e unidades de autismo e de surdos) e desenvolve projetos potenciadores das aprendizagens dos alunos: projetos de âmbito nacional, projetos de escola, assim como, parcerias/ protocolos de colaboração.

A partir das observações e do que foi consultado no projeto educativo da instituição, o seu horário de funcionamento é das 8h às 24h, “acolhendo atividades internas e do exterior”.

Centrando-nos especificamente no Bloco do 1º Ciclo o horário de funcionamento é o seguinte:

8h: as funcionárias abrem a porta para começarem a receber as crianças que chegam mais cedo;

9h: Início das atividades letivas;

10h e 30 min: Intervalo de 30 minutos;

11h: Retorno às atividades letivas;

12h e 30 min: Saída para o almoço;

14h: Entrada para as atividades letivas;

15h e 30 min: Saída das atividades letivas e intervalo de 15 minutos;

15h e 45 min: Retorno para atividades de apoio ao estudo ou atividades extracurriculares (dependo dos dias);

16h e 30 min: Intervalo;

16h e 45 min: Retorno para as atividades não letivas;

17h e 30 min: Termina o horário do dia

Centrando-nos, mais concretamente no Bloco do 1ºCiclo, este é composto por quatro salas de aula, cada uma com uma cor diferente (verde, amarela, laranja e vermelha). Tem também uma sala de audiovisuais; casas de banho para raparigas, rapazes e deficientes; uma sala de arrumos; uma sala para reuniões das professoras; uma porta de entrada e outra porta com saída para as traseiras; um corredor amplo onde se encontram as prateleiras e cabides de arrumos para os casacos e lancheiras das crianças.

A sala dispõe de iluminação natural (uma das paredes da sala é toda composta por pequenas janelas que permitem a entrada de luz solar, mas como por vezes esta é insuficiente, tem de se recorrer à iluminação artificial); encontra-se próxima das outras salas e tem fácil acesso ao exterior; tem um pavimento lavável; há condutas de renovação do ar e possui equipamento para aquecimento e arrefecimento. É uma sala relativamente recente, estando, por isso, em muito boas condições físicas.

A turma com que desenvolvemos a nossa Prática Supervisionada do 1ºCEB foi a de 2º ano de escolaridade. Esta é constituída por 25 alunos, sendo 13 do sexo masculino

e 12 do sexo feminino. As crianças têm idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos.

Segundo Piaget (Papalia; Olds & Feldman, 2001)

As crianças entre os 2 e os 7 anos encontram-se no estágio pré-operatório. Em termos gerais, neste estágio as crianças ainda são um pouco egocêntricas; focam-se num único aspeto de uma situação; e pensam somente no concreto. Este estágio é fundamental para o desenvolvimento da criança. Apesar de ainda não conseguir utilizar operações, já usa a inteligência e o pensamento. Em termos mais específicos, é nesta fase que os jogos de construção passam a jogos simbólicos, predominando sempre a assimilação. (p.345)

Como foi possível verificar a maioria dos alunos estão na fase de transição do estágio pré-operatório para o estágio das operações concretas (dos 7 aos 10 /11 anos).

Já há um desenvolvimento das noções de tempo, espaço, velocidade, etc.; já são capazes de relacionar diversos aspetos e abstrair dados da realidade, mas ainda dependem do mundo concreto para chegar à abstração; são menos egocêntricas e começam já a participar em grupos maiores, mas assumindo chefia; já têm uma linguagem mais socializada. (Papalia; Olds & Feldman (2001; p.458)

A turma da nossa Prática Supervisionada tinha um número elevado de alunos. Era ativa e bastante participativa, mas não era de todo homogênea a nível cognitivo e comportamental. Existiam três crianças em situações especiais: três alunos com problemas de linguagem. Dois deles com grandes problemas e a fazer terapia da fala e uma aluna com problemas moderados sem fazer terapia.

Com a avaliação diagnóstica “foram detetadas dificuldades na atenção e concentração de alguns alunos, o que lhes pode dificultar a apreensão de aprendizagens concretas” (projeto curricular de turma 2011/2012).

Globalmente, “a turma apresenta problemas a nível de atitudes, valores e comportamentos, o que perturba o normal funcionamento das aulas, necessitando de uma atenção especial do professor” (projeto curricular de turma 2011/2012).

Era uma turma que aos poucos foi criando disciplina, mas que progredia lentamente nesse sentido, observando-se alguma imaturidade, tendo alguns alunos bastante dificuldade em cumprir regras.

1.2.2. Organização da Prática no Ensino do 1º Ciclo

A prática no Ensino do 1º ciclo decorreu entre 23 de Outubro de 2012 e 7 de Fevereiro de 2013, em contexto par pedagógico, com uma turma de 2º ano do 1º ciclo do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva.

A prática decorreu de acordo com o programa de PS1ºCEB que tinha como principais objetivos:

- Desenvolver de forma gradual níveis de responsabilização do trabalho de grupo e de cada um dos seus elementos em todas as fases do processo educativo.
- Identificar as variáveis que constituem ou interferem no ambiente escolar.
- Conhecer as ligações que estabelecem entre si os diferentes órgãos que formam a instituição escolar.
- Iniciar de forma integrada, a prática tutelada das competências adquiridas com vista à consecução dos seguintes objetivos:
 - Refletir sobre a característica essencial interdisciplinar da prática letiva no 1º Ciclo do Ensino Básico e enquadrar a conceção e planeamento da ação no processo de gestão curricular;
 - Elaborar a planificação/guião, com base nas reflexões decorrentes da observação da Prática Supervisionada e indicações sugeridas pelos docentes, identificando as operações a realizar para conceber e planificar a ação a ensinar;
 - Experimentar métodos, técnicas, e estratégias adequadas às orientações e objetivos expressos no Programa do 1º Ciclo do Ensino Básico e no Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais;
 - Refletir em grupo sobre os elementos informativos recolhidos nas atividades realizadas, identificando percursos e competências adquiridas e zonas de menor consistência e desenvolvimento capazes de melhorar a prática;
 - Avaliar a aprendizagem;
 - Colaborar na planificação/guião e apoiar, se possível, a implementação das atividades que promovam o relacionamento entre a instituição escolar e a família/comunidade;
 - Desenvolver e/ou participar em projetos de investigação.

Após conhecimento e explicitação dos objetivos, passamos para a prática, tal como em PSEP durante as duas primeiras semanas de observação para além de contactarmos com a instituição, turma, um dado importante a conhecer antes de iniciarmos a nossa prática é analisar os projetos curriculares de escola e de turma,

tomar conhecimento do que desenvolve a nível de escola, assim como em sala.

A estrutura das planificações didáticas foi cedida pelo professor supervisor no início da prática, tendo todos os pares pedagógicos de obedecer a seguinte estrutura Fig. 3:

PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA - GUIÃO DE ATIVIDADES 1

Elementos de identificação:
 Professo(a) Cooperante: _____
 Aluno de Prática Supervisionada: _____
 Professor Supervisor: _____
 Turno: _____
 Unidade Temática: _____ Semana de: _____

Seleção do conteúdo programático 2

Objetivos didáticos gerais

-
-
-

Sequenciação do conteúdo programático por áreas curriculares

Estado do Meio

Competências/Tipologia/Bloco	Descrição de desempenho/Objetivos específicos	Conteúdos	Resultados esperados / Avaliação

Língua Portuguesa

Competências/Tipologia/Bloco	Descrição de desempenho/Objetivos específicos	Conteúdos	Resultados esperados / Avaliação

Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem Guia de aula 3

Tempo	Atividade para o aluno	Recursos
Tema Integrado: _____		
Vocabulário específico a tratar explicitamente durante a aula: _____		
Elemento Integrado: _____		

SUMÁRIO

Figura 3- Estrutura da planificação didática

Através da análise da estrutura da planificação é possível ver que esta se encontra dividida em três partes fundamentais. Na primeira parte encontramos elemento de identificação, no qual devem constar o nome das alunas de prática, do professor cooperante e supervisor, assim como o nome da escola em que nos encontramos a em prática e a que semana de prática corresponde. Na segunda parte encontra-se a seleção dos objetivos programáticos de cada uma das áreas curriculares correspondentes à semana de prática. Por último e não menos importante, temos o roteiro do percurso de ensino aprendizagem, cada dia corresponde a um novo roteiro. Neste ponto temos os recursos a utilizar, identificar o dia a que corresponde o roteiro, vocabulário e elemento integrador do dia ou da semana. Em seguida o sumário, seguindo-se o desenvolvimento do percurso de ensino e aprendizagem no qual descreveremos as atividades, indicando a designação da atividade, descrevendo na coluna do lado direito o processo de aplicação de cada uma das atividades designadas do lado esquerdo. No final de todos os roteiros encontra-se um espaço de reflexão para o professor cooperante e supervisor, assim como um espaço para que professores e o aluno de prática rubriquem.

A organização dos pares pedagógicos ficou ao critério de cada aluna. Tal como a prática em educação pré-escolar, também no 1º ciclo a prática contempla o trabalho de grupo e trabalho individual. De modo a demonstrar como foi organizado o trabalho de prática seguidamente apresentamos uma tabela onde consta o trabalho realizado em cada uma das semanas e o tema desenvolvido.

<i>Trabalho desenvolvido</i>	<i>Semanas</i>	<i>Tema integrador</i>
<i>Semanas de observação em par pedagógico</i>	23 a 25 de outubro	À descoberta de si mesmo
	20 de outubro a 1 de novembro	À descoberta de si mesmo
<i>Prática Individual</i>	20 a 22 de novembro	À descoberta de si mesmo
	4 a 6 de dezembro	O Natal
	15 a 17 de janeiro	As profissões
	29 a 31 de janeiro	À descoberta das instituições
<i>Prática de grupo</i>	6 a 8 de novembro	O seu corpo
	11 a 13 de dezembro	Tradições de Natal no mundo
	23 a 25 de janeiro	Horto de Amato Lusitano

Quadro 9- Organização da Prática no Ensino do 1º Ciclo

Antes de iniciarmos a nossa prática, juntamente com a professora cooperante, criamos estruturas para que a prática se desenvolvesse de modo organizado para ambas as partes. Desta forma no final da primeira semana da observação foi entregue por parte da professora os conteúdos a serem desenvolvidos na nossa primeira semana de prática. Tendo de ser entregue a planificação antes do final da segunda semana de observação, isto é, até quinta-feira. Mas durante o desenrolar da prática foram alteradas as estruturas, de modo a facilitar o nossa prática e disponibilidade da cooperante para nos auxiliar, assim sendo, entregávamos a planificação à segunda-feira. No final da semana para além de reunirmos com a cooperante para a reflexão acerca da prática decorrente dessa semana, esta analisava com as alunas a planificação entregue no início da semana de forma a proceder as alterações, se necessário. No início de cada semana de prática era colocada toda a planificação e anexos de cada guião de atividades, tendo na semana seguinte de colocar a reflexão

relativa a semana de prática decorrente. Desta forma desde o início da nossa prática mantivemos o nosso dossiê organizado. No final da prática foi necessário separar apenas as semanas de cada uma das alunas e fotocopiar as semanas conjuntas, podendo em seguida, cada uma das alunos entregar o seu respetivo dossiê ao professor , para este proceder a avaliação do mesmo.

1.2.3. Desenvolvimento da Prática no Ensino do 1º Ciclo

1.2.3.1. Registo de observação

A nossa prática iniciou-se com uma reunião com todos os pares pedagógicos e professoras cooperantes. O professor supervisor indicou a cada par qual a professora com quem iríamos realizar a nossa prática. No final falamos por alguns minutos com a professora de modo a conhecê-la, a ter algumas informações sobre a escola, a turma e a acertar pormenores sobre a nossa entrada e apresentação aos alunos.

Na semana em que iniciamos as nossas observações, no primeiro dia, os pares pedagógicos que se encontravam a estagiar no mesmo agrupamento procederam às apresentações à direção, assim como, demonstraram interesse em realizar a investigação durante a prática naquele local, procedendo a um pedido informal de autorização, o qual não foi necessário oficializar.

Após as apresentações à direção, aguardamos pelo intervalo, de modo a não perturbarmos o normal funcionamento da turma, para posteriormente nos apresentarmos à turma. Quanto à nossa entrada na sala a professora deixou-nos totalmente à vontade para nos apresentarmos e dialogarmos com a turma por alguns minutos.

Após a nossa apresentação sentamo-nos na lateral da sala de modo a procedermos à observação durante restante manhã. A partir desta manhã iniciamos as duas semanas de observação, durante as quais para além das observações das aulas da professora cooperante, tivemos a possibilidade de consultar o Projeto Educativo de Escola e o Projeto Curricular de Turma, para posteriormente realizarmos a “Caracterização do contexto educativo- Estudo do Meio e Estudo da instituição”

Através das semanas de observação pretende-se que adquiramos conhecimentos dos comportamentos da turma, estratégias de controlo, trabalho e motivação do grupo.

A observação é um processo cuja função é imediata é recolher informação sobre o objeto que se tem em consideração. (...) a observação é um objetivo a alcançar ou uma aptidão a alcançar: aprender a observar; desenvolver o sentido da observação. Colocando o aluno diretamente em contacto com o objeto. Postic & Ketele (2000 p.17)

Durante estas semanas procedemos ao registo de situações que consideramos importantes e acerca das quais refletimos e tecemos considerações.

Reflexão 1^a e 2^a semanas de observação

A primeira etapa de Prática Supervisionada no 1^o Ciclo foi fundamental, porque permitiu o contacto prévio com a turma; com a forma de trabalho da professora; com o contexto educativo; e, principalmente proporcionou a reflexão do que é ser professor e qual a responsabilidade que daí advém.

O primeiro dia de observação foi talvez aquele onde nos encontrámos mais ansiosas, pois estávamos expectantes relativamente à nossa receção no agrupamento, na turma, isto é, havia uma série de questões que precisávamos ver respondidas. Chegado o tão aguardado momento, apresentámo-nos no agrupamento e o Diretor recebeu-nos com palavras de conforto, disponibilizando-se para qualquer esclarecimento e ajuda que precisássemos. Relativamente à turma, fomos bem recebidas, com sorrisos um pouco escondidos pela timidez do primeiro contacto, mas com uma boa receptividade e interação. A professora também nos recebeu muito bem e colocou-nos à vontade para o esclarecimento de qualquer questão sobre algo que precisássemos de saber. Consideramos que tivemos uma receção muito calorosa, desde o Diretor do agrupamento ao pessoal docente e não docente e às próprias crianças, e continuamos a ter uma boa integração.

Durante os vários dias de observação foi-nos possível perceber de que modo a professora cooperante organiza as aulas no seu dia-a-dia e o horário destas, que se encontra dividido por áreas disciplinares. Há uma preocupação em sequencializar e estruturar muito bem as atividades a efetuar pelos alunos. Foi muito importante verificarmos que a professora se preocupa bastante com as aprendizagens dos alunos e que os ensina utilizando estratégias muito eficazes e materiais bastante diversificados, o que facilita a compreensão cognitiva das crianças. A professora também nos ajudou a perceber muito bem os métodos de trabalho utilizados, facilitando-nos a nossa primeira planificação de prática supervisionada. Aprendemos ainda que, na maioria das vezes, o que gera um bom funcionamento na turma em termos de disciplina é o lançamento de desafios constantes aos alunos, pois assim estes sentem-se bastante motivados e participativos.

Algo que também observámos e que achámos importante é que a professora opta pelo envio diário de trabalhos de casa, mas em pequenas quantidades, porque é uma forma dos alunos trabalharem um pouco em casa e sistematizarem as aprendizagens do dia, mas também sem os sobrecarregar demasiado. Perrenoud citado por Araújo (2006; p. 38) defende o tempo despendido na realização de trabalhos em casa, pois considera que este ajuda o aluno no seu ofício de estudante.

Aprender a trabalhar em casa para melhor se integrar no grupo de pares na escola/turma, contribuindo para o seu funcionamento, ou para se preparar e aí desempenhar o seu papel de aluno, é uma aprendizagem fundamental, que só se pode realizar, contudo, assumindo a responsabilidade e dispondo de uma certa autonomia e liberdade.

Quanto ao espaço físico (sala de aula), foi-nos possível verificar que atendendo ao

número de alunos que constituem a turma (25 alunos) o espaço que a sala apresenta torna-se um pouco reduzido.

Visto que no ponto acima referimos o número elevado de alunos, verificámos também que o apoio ao estudo, que se realiza às quartas-feiras e quintas-feiras, acaba por ser um complemento das aulas do dia, sendo aproveitado para correções de alguns trabalhos e pouco mais, pois ao dialogarmos com a professora percebemos que estas horas só seriam apoio ao estudo se fosse possível haver um acompanhamento mais individualizado das crianças, algo que não pode acontecer devido ao número elevado de crianças na turma. Importa salientar que gostámos da forma como o apoio ao estudo é gerido, pois mesmo com este número de alunos, a professora tenta auxiliá-los o máximo que consegue, tentando mesmo, por vezes, realizar um apoio diferente, como por exemplo: sistematizar os conteúdos abordados no dia através de jogos de mímica.

Relativamente à realização da planificação para a implementação na primeira semana de Prática Supervisionada em conjunto, podemos dizer que o planificar foi mais fácil do que estávamos à espera. Estruturamos as ideias com base nos conhecimentos que tínhamos das aulas de didática e com alguns dos conhecimentos apreendidos na observação e todo o trabalho se tornou mais facilitado.

Estas duas semanas foram importantíssimas e por mais curtas que tenham sido, permitiram-nos ficar com alguns conhecimentos, para que a nossa primeira semana de Prática Supervisionada se torne mais facilitada em alguns níveis. Deram-nos essencialmente mais vontade, para além da que já tínhamos, de aprender tudo o que nos possa ajudar a melhorar a nossa ação enquanto futuras professoras. Claro que não esquecendo que sem a professora, os seus conselhos, as suas conversas connosco, nas quais tanto aprendemos, estas duas semanas de observação não fariam sentido.

Percursos de ensino e aprendizagem 1ª semana - trabalho de grupo (segundo conteúdos programáticos) anexo 2

Dia: 6 de novembro 2012

Tema integrador: O seu corpo

Elemento integrador: Caixa literária “Os 5 sentidos”

1.1 Apresentação da caixa literária “Os cinco sentidos”;

- Previsão, por parte dos alunos, acerca do que conterà a caixa no seu interior;

1.2. Apresentação e exploração do conteúdo da caixa

- Serão chamados 5 alunos para junto de nós e cada um pegará no fantoche de mão com um “órgão de um sentido”
- Terão (os mesmos alunos), cada um na sua vez, que falar acerca do órgão que têm na sua mão
- Regista-se no quadro o que vão dizendo;
- Pequeno debate coletivo acerca do que está ou não correto;
- Leitura, pelas professoras, da informação contida nos envelopes que correspondem aos órgãos representados e que se encontravam na caixa literária.

2.1. Explicitação aos alunos dos objetivos da atividade;

2.2. Antes de ler:

- Utilização da caixa literária para as previsões relativas ao conteúdo do texto;
- Apresentação e exploração de um dos elementos presentes no interior da caixa. Este encontrar-se-á desordenado e os alunos coletivamente ordená-lo-ão
- Anotação em folha individual, acerca de qual pensam ser o conteúdo do texto;
- Escolha de 3 ou 4 alunos para dizerem o que registaram, e anotação dessas previsões no quadro.

2.3. Durante a leitura:

Leitura em voz alta pela professora;

Os alunos leem silenciosamente o texto;

Leitura em voz alta por alguns alunos

- Preenchimento da parte da folha individual relativa ao “depois da leitura”
- Comparação, realizada oralmente, das previsões efetuadas antes da leitura com o que foi lido no texto.

2.4. Depois de ler:

- Apresentação de imagens aos alunos representando os órgãos dos sentidos para a compreensão da leitura. Os alunos terão de dizer o que é que cada um dos órgãos dos sentidos queriam ser. O objetivo é que coloquem um órgão junto a outro, por exemplo, “os olhos queriam escutar como as orelhas”, então os alunos terão de juntar a imagem dos olhos à imagem das orelhas

3.1. Introdução da atividade através de um desafio: “Quantos são os órgãos dos sentidos?” (O intuito é que as crianças a partir do número 5, consigam chegar à centena, ou seja, com a nossa orientação percebam que 5 corresponde a meia dezena, que 10 é uma dezena e que 100 são 10 dezenas, através de contagens de 5 em 5 até 50 e de 10 em 10 até 100 - matéria que tem vindo a ser explorada em aulas anteriores)

Nota: Esta introdução da atividade será realizada através de questões levantadas de forma aleatória, por exemplo:

Quantos sentidos tem uma pessoa? R: 5

E duas pessoas juntas?

R: 10

E 10 pessoas juntas?

R: 50

E 11 pessoas juntas?

... até chegarmos às 20 pessoas que no seu total têm 100 órgãos dos sentidos, ou seja, 1 centena.

3.2. Explicitação aos alunos dos objetivos da atividade

- Diálogo sobre a tabela e o alvo apresentados na atividade de trabalho da p. 11 do livro de fichas de matemática e explicitação do seu conteúdo;
- Apresentação da atividade de trabalho da p. 11 do livro de fichas de matemática;
- Leitura das tarefas, pelos alunos, e realização individual;
- Correção coletiva das atividades.

4.1. Preenchimento de um pequeno esquema numa folha individual acerca do que foi abordado ao longo do dia

Nota: A folha individual que será dada neste dia para a sistematização servirá para a realização das sistematizações dos restantes dias.

5.1. Correção dos exercícios à medida que são realizados.

6.1. Ampliação: Produzirem oralmente um pequeno texto que inclua as palavras *órgãos dos sentidos* e *centena*;

Reforço: É entregue aos alunos uma imagem do corpo humano na qual terão de identificar os órgãos dos sentidos e qual a sua função.

Dia: 7 de novembro 2012

Tema integrador: O seu corpo

Elemento integrador: Caixa literária “Os 5 sentidos”

1.1. Pequena revisão do que foi trabalhado no dia anterior

- Questionam-se os alunos acerca de quantos são os órgãos dos sentidos;
- Partindo do número de órgãos dos sentidos, sugere-se que se relembrem de que modo na aula anterior se partiu do número 5 (meia dezena) para chegar ao número 100 (centena);

1.2. “Jogo do 100”

- Explica-se aos alunos que esta atividade será realizada a pares.
- Serão entregues a cada par, 3 cartões que contêm números, cuja soma terá de ser sempre 100.
- Os alunos terão de realizar as somas dos cartões através de cálculo mental.
- Serão colocados no quadro três conjuntos de 4 novos cartões (3 cartões com números e 1 em branco) que equivalem à pontuação de quatro jogadores. O objetivo é que os alunos consigam dar resposta à seguinte questão “Quem está a ganhar neste momento?”.
- Dirão seguidamente, qual o número que se encontra em falta no cartão em branco, para atingir o total de 100. Todo o processo de chegada ao resultado será explicado oralmente pelos alunos.
- Registo das respostas no manual de matemática, na página 18,

2.1. Depois de ler:

- Perguntar-lhes-emos, se ainda se lembram do que é que falámos no início da manhã.
- Solicitaremos a um aluno que procure a caixa literária. Haverá pistas na sala para que seja mais fácil encontrá-la.
- Ao visualizarem a caixa ser-lhes-á pedido que recontem um pouco do trabalho realizado no dia anterior relativamente à área da Língua Portuguesa.
- É afixado novamente no quadro o título do texto e os alunos terão de recontá-lo.

- Seguidamente, serão exploradas as palavras que poderão suscitar mais dúvidas entre os alunos, entre elas: “barafunda” e “zaragata”.
- Após estas atividades realizarão o trabalho da página 14 do caderno de fichas
 - Questões lidas pelos alunos

3.1. Vendar os olhos aos alunos. Pedir-lhes que tentem movimentar-se pela sala de aula, com o nosso auxílio.

- No final desta atividade abordaremos muito brevemente a questão das pessoas com deficiência, neste caso, os invisuais.
- Questionaremos o grupo sobre o que aconteceu quando tinham os olhos vendados, para que concluam que ficaram sem ver, porque lhes tapámos o órgão da visão.
- Pediremos a duas crianças que se dirijam junto à caixa literária e retirem de lá o conteúdo desta, neste caso o fantoche da visão. O fantoche terá junto a si um fio e nele encontrar-se-á pendurado um papel, no qual esta a descrição das funções da visão, os alunos terão de ler, em voz alta, para os colegas.
- Depois de lido o papel, é-lhes proposto que respondam às questões da página 32 do manual de Estudo do Meio.

4.1. Será entregue uma folha branca A4 aos alunos na qual serão colocados três pingos de tinta com as cores primárias (azul, amarelo e magenta).

- Entregar-se-á uma palhinha a cada aluno e estes terão de soprar sobre as tintas de modo a que as cores se misturem e haja obtenção de novas cores (cores secundárias);
- Questões aos alunos acerca dos resultados obtidos.
- Após a realização da atividade registarão na página 32 do manual de Estudo do Meio as conclusões a que chegaram.

5.1. Preenchimento de espaços em branco num texto que descreverá o que foi trabalhado ao longo do dia. Esta atividade realizar-se-á na folha individual de sistematização dada no dia anterior;

6.1. Tabela de autoavaliação

- Entregar-se-á aos alunos uma tabela correspondente ao conteúdo de Estudo do Meio, abordado neste dia (visão). Os alunos terão de preenche-la de acordo com os conhecimentos adquiridos.

7.1. Ampliação: Solicitar-se-á aos alunos a criação de um exercício que envolva o sentido da visão;

Reforço- Jogo de adivinhas sobre a visão

Dia: 8 de novembro 2012

Tema integrador: O seu corpo

Elemento integrador: Caixa literária “Os 5 sentidos”

1.1. Os alunos chegarão à sala de aula e encontrarão um papel nas suas mesas que dirá: “A caixa dos cinco sentidos tem uma surpresa para vocês. Procurem na sala de aula, pois hoje é um dia de muitas aprendizagens”.

- Depois de encontrada a caixa, pediremos a um aluno que venha abri-la para descobrirmos o conteúdo desta. Conterá no seu interior dois fantoches de dedo, que serão duas gémeas;
- Solicitaremos aos alunos que digam o que pensam que acontecerá com aqueles fantoches e para que servirão;
- Diremos que ocorrerá um teatro de fantoches que se intitula “A Gina e a Guida no mundo dos sentidos”.
- Colocaremos a seguinte questão aos alunos: “Quais os sentidos do seu corpo (visão, audição,...) que utilizarão ao longo da representação do teatro?” (revisão dos conteúdos abordados no dia anterior)
- Exploração do teatro e relação com o que será dado na semana seguinte (paladar, olfato e tato). O próprio texto do teatro terá pistas para que facilmente se percebam os órgãos dos sentidos.

2.1. Resolução de algumas atividades de trabalho de consolidação / revisão dos sons [ge],[gi] / [gue] e [gui]

3.1. Solicitaremos aos alunos que fechem os olhos e se mantenham em silêncio;

- Apresentação de uma sequência de sons da natureza. Os alunos terão de dizer quais os sons ouvidos pela ordem de apresentação;
- Após a atividade questionaremos os alunos sobre a forma como descobriram os sons apresentados (utilização do órgão da audição);
- Pediremos a duas crianças que se dirijam junto à caixa literária e retirem de lá o conteúdo desta. (fantoche da audição) O fantoche terá junto a si um fio e nele encontrar-se-á pendurado um papel, com uma descrição sucinta do sentido da audição, que os alunos terão de ler, em voz alta, para os colegas;
- Após ser lido o papel realizam as questões da página 30 do manual Alfa de Estudo do Meio.

4.1. Esta atividade terá início em questões levantadas ao grupo: “O que são os sentidos?”; “Onde se encontram?”; “Qual é o sentido que mais utilizamos?”. Consoante a resposta dos alunos, explicaremos que para realizarmos esta atividade utilizaremos com mais frequência a visão.

- Visto que ao longo da semana foram realizadas sistematizações ao nível da matemática, neste dia será realizada uma atividade de consolidação do que foi trabalhado, através de atividades de trabalho da página 21 do manual de Matemática, ao longo da semana a nível matemático.
- Serão dados aos alunos 30 minutos para a realização da atividade (é dado este tempo, para que comecem aos poucos a interiorizar que também é importante a noção de tempo na realização das atividades).
- Corrigir-se-ão as atividades coletivamente e debater-se-ão os resultados obtidos.

5.1. Canção “Os cinco sentidos”

6.1. Tabela de autoavaliação dos sons [ge], [gi]/[gue] e [gui]

7.1. Ampliação: Recriar uma pequena dramatização que envolva os fantoches “Gina e Guida” e as palavras “visão e audição”;

Reforço: Selecionar palavras de excerto de jornal com os sons [ge] e [gi].

Reflexão 1ª semana - trabalho de grupo

De um modo geral, a semana correu bem e houve interação de parte a parte.

Tendo em conta que foi a nossa primeira planificação, sentimos que conseguimos obedecer ao que estava estipulado (aspetos formais e qualitativos) e que a sua construção nos foi mais fácil do que estávamos à espera. Respeitámos os prazos de entrega, o que nos facilitou a construção dos materiais e a observação destes pela professora cooperante.

Relativamente à execução, tentámos respeitar ao máximo o que tínhamos estipulado na planificação ou plano de aula para Nérici (1981; p. 135) “*plano de aula é uma previsão mais precisa possível quanto a conteúdo, materiais e atividades didáticas que ativem o processo de ensino-aprendizagem capaz de possibilitar ao educando alcançar objetivos previamente estabelecidos*” mas nem tudo correu como previsto. Como referido por Tavares e Alarcão (1999; p. 159) “*os professores planificam para dar um rumo às suas atividades pedagógicas e gerir eficazmente o seu tempo de interação com os alunos (...). Os planos transformam-se num instrumento que podem ser utilizados ou não (...)*”

Em termos de comunicação, estivemos bem e conseguimos que os alunos percebessem bastante bem o que pretendíamos. Existiu um aspeto que não correu tão bem e que foi a gestão do espaço e do tempo. Na gestão do espaço isso ocorreu numa atividade de Estudo do Meio em que tínhamos de dispor os alunos pela sala e, devido ao seu número ser elevado, gerou-se alguma confusão que acabou por ser solucionada com a ajuda da professora. A gestão do tempo foi incorreta no primeiro dia, principalmente, porque estávamos um pouco apreensivas relativamente aos

horários de saída, o que acabou por ser melhorado ao longo da semana. Por esse motivo, não nos foi possível realizar as atividades de ampliação/reforço do dia.

Referindo-nos agora especificamente às atividades de cada área, podemos concluir que na área do Estudo do Meio as atividades correram bem, no geral, havendo alguns pontos menos positivos, como a “má” disposição dos alunos pela sala, tal como foi referido anteriormente.

Na área da Matemática o que achamos que não foi tão positivo foi o facto de não termos uma atividade extra, para além disso ainda não termos uma rápida capacidade de análise quanto à implementação de uma atividade que não estava planificada. Numa outra atividade, a falha foi, não termos levado um alvo real, optando por apresentar apenas o do livro de exercícios e no quadro, o que prejudicou a compreensão da atividade. Tendo em conta o estágio de desenvolvimento do grupo, verificou-se que ainda existia a necessidade de poderem visionar e contactarem com o real, pois como refere Flavell (citado por Sprinthall & Sprinthall 1993; p. 108) nesta fase encontram-se no momento de transição entre o real e o simbólico “*é o início do pensamento simbólico, em que as ideias substituem a experiência concreta.*”

A Língua Portuguesa, tal como as outras áreas, teve os seus pontos positivos e algumas falhas. Uma delas e talvez a mais importante foi o facto de não termos explorado corretamente o texto, especialmente as palavras que poderiam suscitar dúvidas aos alunos, fazendo com que no dia seguinte se tivesse que realizar a exploração que deveria ter acontecido naquele dia. O facto de não os ter questionado constantemente, também foi outro fator menos positivo.

Na generalidade, os alunos gostaram dos fantoches que levámos; da dramatização que realizámos; da canção que cantámos e das atividades que proporcionámos.

O material didático, seja qual for a sua modalidade, é aquele que incentiva, facilita ou possibilita o processo de ensino – aprendizagem (...)é uma exigência daquilo que está a sendo estudado por meio de palavras...a fim de torná-lo concreto e intuitivo, e tem um papel destacado no ensino de todas as disciplinas.
Nérici (1981; p.186) (Fig. 4,5 e 6)

Sentimos que o que faltou realmente ao longo de toda a semana foi mais dinâmica, no sentido em que ainda não estávamos à vontade para lançar constantemente desafios aos alunos. Sentimos essa falta de dinâmica, numa das atividades, quem controlou a atividade foi a própria turma.



Figura 4 -Exploração dos fantoches



Figura 5- Leitura da função dos sentidos



Figura 6- Dramatização através de fantoches

Mas como refere Guislain (1994; p. 23) “*é evidente que uma preparação de lição, comunicável e justificável, não pode ser exigida de um futuro docente desde os primeiros momentos da aprendizagem*”. Os erros cometidos ao longo da semana servir-nos-ão para que na seguinte semana diminuíssem as lacunas e o trabalho realizado tivesse muitos mais “frutos”, pois o importante é evoluirmos e demonstrarmos que as aprendizagens foram interiorizadas.

Percursos de ensino e aprendizagem 2ª semana - trabalho individual (segundo conteúdos programáticos) anexo 3

Dia: 20 de novembro 2012

Tema integrador: Tudo lavadinho, tudo limpinho!

Elemento integrador: Imagem do manual

1.1. Apresentação do elemento integrador

- Projeção e exploração da imagem do manual por parte dos alunos.
- Em grande grupo, realizar a atividade da página 35 do manual.
- A partir da imagem anterior orientar os alunos no sentido de reconhecer algumas das modificações do corpo

2.1. Projeção de imagens referentes à dentição, acompanhada da leitura das informações do manual.

2.2 – Após referir as mudanças ocorridas à dentição, serão projetadas imagens sobre a higiene oral. Exemplificação de como devemos fazer a higiene da nossa boca.

3.1. Apresentação da história “Na quinta das Flores” para rever e consolidar os grupos consonânticos [bl]; [cl]; [fl]; [gl] [pl]; [tl].

- Afixação do texto no quadro para que os alunos façam a identificação de regularidades nalgumas palavras presentes no texto.
- Os alunos irão ao quadro rodear as palavras correspondentes a cada um dos grupos consonânticos.

4.1. Construção de palavras com os sons em estudo, através de puzzles, leitura e registo das palavras formadas.

5.1. Continuação da leitura da história apresentada em Português para trabalhar o número 300. Após audição da história será feita exploração do texto em grupo para rever o número 299.

- Seguidamente um aluno fará no quadro a composição do número seguindo as indicações do texto.
- Outro aluno representará o número com material multibásico.
- Após esta atividade questionarei os alunos sobre o que acontecerá se adicionarmos uma unidade às nove unidades, o que será feito, partindo assim para a composição das 300 unidades. Orientarei a atividade no sentido de fazer a relação entre unidades, dezenas e centenas.
- Para continuar a aprendizagem sobre a composição, leitura e escrita dos números será realizado exercício exemplificativo sobre composição do número 318 fazendo em grupo a sua leitura e escrita.

- Para aplicação dos conteúdos trabalhados, será entregue aos alunos, uma folha contendo vários exercícios com números entre 300 e 350.

6.1. Correção coletiva dos exercícios.

7.1. **Ampliação:** Escrita de frases com palavras com um dos grupos consonânticos [b]; [cl]; [fl]; [gl] [pl]; [tl].

Reforço:

Realização de atividades relacionadas com a leitura, escrita, composição e decomposição de números;

Dia: 21 de novembro 2012

Tema integrador: Tudo lavadinho, tudo limpinho!

Elemento integrador: A partir da “Uma aventura no supermercado” fazer a ligação ao início deste dia uma vez que vamos dar continuidade ao estudo das centenas.

1.1. Reconto oral da história do dia anterior, para recordar a formação das 3 centenas.

Questionar os alunos sobre a forma mais fácil de as representar e pedir a um aluno que o faça no quadro. (material multibásico)

2. Partindo da representação feita, adicionar centenas (até às cinco centenas), fazer leitura por centenas, dezenas e unidades.

3. Resolução de atividades de consolidação da escrita, composição e decomposição de números.

4.1. Texto “Passeio na floresta.”

Antes da leitura

- Exploração do título do texto e chuva de ideias sobre o mesmo. Registo no quadro.

Durante a leitura

- leitura em voz alta pela professora;
- leitura silenciosa por parte dos alunos.
- Levantamento de questões aos alunos no sentido da compreensão do texto e confronto sobre as hipóteses levantadas e o conteúdo do texto. Identificação de palavras desconhecidas e seu significado, registo no quadro

Depois da leitura

- Analisar em grupo palavras presentes no texto que tenham uma parte igual o seu significado e a relação entre elas, para apreensão do conceito de família de

palavras.

5.1- Será entregue uma folha onde se fará o registo e que também irá ter atividades para formação de famílias de palavras.

- Exploração do título do *power point*.

6.1- Através de um *Power point* que contém a obra: “Lavar, Escovar, Esfregar”, de Mick Manning e Brita Granstrom explorar as regras de higiene do corpo.

6.2 Preenchimento coletivo da atividade da p. 42 do manual sobre higiene do corpo.

7.1 – Pedir a um aluno que se dirija à mesa e retire uma das imagens, a qual observa com atenção para transmitir aos colegas, através de mímica, o seu conteúdo.

- O aluno que descobrir, virá jogar em seguida e assim sucessivamente.

8.1- Correção das atividades no quadro, coletivamente.

9.1.Ampliação:

- Será entregue uma folha que contém números entre 300 e 500, e os alunos terão de representar os números na reta numérica apresentada.
- Os três primeiros números, os alunos deverão decompor e escrever por extenso.

Reforço: Será entregue aos alunos uma folha que contém imagens das regras de higiene do corpo. Os alunos terão de fazer a correspondência imagem frase.

Dia: 22 de novembro 2012

Tema integrador: Tudo lavadinho, tudo limpinho!

Elemento integrador: As palavras a utilizar na escrita de texto, que se encontrarão escritas no quadro

Ciclo de escrita

Antes da escrita

1-Planeamento acerca do que deve o texto conter, assim como, o número de linhas.

- Tarefa a desenvolver individualmente.

Durante a escrita

- Escrita propriamente dita, cumprindo com regras de ortografia e com caligrafia legível.

Depois de escrever

- Revisão e leitura do texto escrito.

2.1-Iniciarei esta atividade através de um diálogo com o ponto de partida numa

questão: “Será que só temos de nos preocupar com a higiene do nosso corpo?”

2.2- Apresentação das imagens relativas aos espaços comuns.

2.3- Exploração da mensagem transmitida por cada uma das imagens, anotando no quadro as regras definidas em conjunto.

2.4- Elaboração de cartazes com as regras de higiene, em grande grupo, para manter os espaços comuns limpos.

3.1- Apresentação de garrafão cheio de bolas (sabonetes).

3.2- Será pedido aos alunos que estimem o valor aproximado de bolas que se encontram dentro do garrafão.

3.3- Explicação da palavra estimativa, após os valores determinado pelos alunos.

3.4- Contagem e verificação da diferença entre a estimativa e o valor real.

3.5- Realização de atividades da página 19 do manual.

- Os alunos abrem o livro e visionam durante dois minutos Fig. da tarefa 1 (grupo de berlindes). Indicam a sua estimativa, fazem a contagem de 1 em 1 e verificam a diferença entre estimativa e o valor real.
- Na tarefa 1.1 contam agrupando –os de 10 em 10, registam a contagem em tabela e completam a conclusão. (trabalho em grupo)
- A tarefa 2 será realizada individualmente para verificação da compreensão do que são estimativas.

4.1- Correção coletiva da atividade, no quadro.

5. Ampliação/Reforço

Folha de atividades sobre higiene dos espaços, onde os alunos terão de assinalar quais as frases que correspondem à imagem.

Reflexão 2ª semana - trabalho individual

No final desta primeira semana individual de prática pude concluir que, no geral, correu bem apesar do nervosismo e ansiedade próprio do início da prática mas, com o decorrer da manhã estes foram-se dissipando. O facto dos alunos se mostrarem interessados, recetivos e participativos fez-me sentir mais confiante.

Em termos de comunicação, tentei sempre ser o mais explicita possível, apesar de, em alguns momentos, utilizar um ou outro termo mais complexo, o que também pode ser vantajoso para o enriquecimento vocabular dos alunos.

No geral da semana, foi motivante ver o interesse dos alunos durante as várias atividades propostas. Para Marques (1973; p.153) “*O trabalho em grupo é uma atividade que proporciona troca de ideias, de conhecimentos e de experiências, levando*

cada participante a um crescimento cultural e humano que lhe possibilita a participação direta na busca de objetos comuns.” Uma delas foi a construção de *puzzles* em grande grupo; maioritariamente os alunos estavam tão entusiasmados que chamavam pelos colegas e tentavam que estes fossem mais rápidos na construção dos *puzzles*. (Fig. 7)

Referindo-me em específico a cada uma das áreas, na área de Matemática e Língua Portuguesa os pontos menos positivos foram a não exploração de palavras, raiz da palavra, dificultando a compreensão das mesmas por parte dos alunos. Como as palavras não foram exploradas, os alunos tiveram dúvidas durante a realização dos exercícios.



Figura 7-Construção dos puzzles



Figura 8-Acompanhar das músicas com gestos

No meu entender o último dia foi o que correu menos bem de acordo com o planeado. Tal deveu-se à fraca abordagem, não sendo cativante e interessante para os alunos. É necessário que exista motivação por parte do professor, para que eles estejam motivados, *“a motivação tem por fim estabelecer conexões entre o que o professor pretende que o aluno realize e os interesses deste (...)é levar o educando a aplicar-se ao que ele precisa de aprender.”* Nérici (1981; p.157) Foi mais visível o fracasso quando solicitada a sua participação coletiva pois, como já conheciam as imagens e o assunto ficaram desmotivados, tendo nós perdido o controlo da turma. Ainda neste dia foi sugerido aos alunos a escrita de um texto com palavras selecionadas, as quais deviam ser exploradas com mais profundidade, ajudando os alunos a estruturar melhor o que iriam escrever Não tendo sido a atividade realizada corretamente, os alunos tiveram dúvidas e os textos produzidos acabaram por ser pouco corretos. Sendo sugerido a escrita do texto coletivamente de modo aos alunos contactarem e compreendam quais as etapas de escrita de um texto, tendo em atenção a coerência, a ortografia e a pontuação.

Na área de estudo do meio, apesar de não planificado, em dois dias, após o conteúdo ser abordado, considerei importante os alunos ouvirem músicas relacionadas com o tema, visto que faziam referência ao trabalho. Apesar de serem já conhecidas, os alunos mostraram-se recetivos, participativos e entusiasmados de tal modo que acompanharam a música por gestos,(Fig. 8) pedindo para repetir.

Percursos de ensino e aprendizagem 3ª semana- trabalho individual (segundo conteúdos programáticos) anexo 4

Dia: 4 de dezembro 2012

Tema integrador: O Natal em Portugal

Elemento integrador: Duende com calendário

1.1 O duende “Fernando” entrega na sala de aula o calendário de dezembro que será o elemento integrador da atividade. A partir da exploração do calendário os alunos serão questionados sobre o que se festeja no dia 25.

- Breve diálogo em grupo sobre o Natal.

1.2-Apresentação de *power point* das tradições natalícias da região norte de Portugal.

1.3-Construção do mapa de tradições gastronómicas natalícias portuguesas, que será preenchido ao longo da semana. Para construir este mapa os alunos ao lado da região correspondente colocam legendas das tradições. São selecionados a cada dia um grupo de alunos para realizar a atividade.

- Os restantes que se encontram no lugar preenchem um mapa em escala reduzida.
- Partindo da questão “O que é que as crianças costumam fazer uns dias antes do natal?” (escrever a carta ao pai natal)
- “Sabem escrever uma carta?”
- Introduzirei o texto narrativo, a carta, a partir do *power point* explorando a sua estrutura: data, os vários tipos de saudação, especificar o assunto e os vários tipos de despedida.
- Terminando com a exploração do envelope identificando e explorando as palavras remetente e destinatário/s.
- Aparece debaixo da porta da sala uma carta do Pai Natal, nesta conta o que tem acontecido na sua fábrica.
- Leitura da carta por parte da professora.
- Entrega de folhas quadriculadas para registo da representação do número presente na carta do pai natal, para os alunos o lerem e escreverem por extenso.
- Partindo da representação das 7 centenas feita na carta, introduzir o número 700.
- Na mesma, encontra-se uma adição para ser resolvida através de duas estratégias diferentes de cálculo mental, utilizando os ábacos e em

representação horizontal somando dezenas com dezenas, unidades com unidades, determinando depois o resultado final.

- As duas estratégias serão trabalhadas no quadro para melhor percepção de todo o processo.
- Os alunos observam, acompanham e tiram conclusões acerca do processo usado pelo Pai Natal, sendo sempre orientados.

4. Resolução de exercícios de aplicação. Composição, decomposição, escrita por extenso, relação de ordem entre números, e utilização da simbologia $<$, $>$ e $=$ com números entre 600 e 700. Adições recorrendo à estratégia de cálculo mental trabalhada neste dia.

5- Correção coletiva dos exercícios

6. Escrita de números entre 600 e 700 em folha quadriculada e escrever a sua leitura por extenso.

Dia: 5 de dezembro 2012

Tema integrador: O Natal em Portugal

Elemento integrador: Colega de estágio vestida de Pai Natal

1- O Pai Natal vem à nossa sala e traz consigo mais uma mensagem.

- Em seguida é apresentada a estratégia de cálculo mental que o Pai Natal descobriu. Consiste na utilização de uma reta numérica, na qual aos números de maior valor somam-se as dezenas do número de menor valor (de 10 em 10) e depois as unidades restantes. Para melhor compreensão será feita a representação horizontal onde se destaca a decomposição do número de menor valor em dezenas, para se irem adicionando de uma em uma, até chegar ao resultado final.
- Todos os passos serão realizados no quadro coletivamente e explicitados pelos alunos com a minha orientação.

2.1 Partindo das 7 centenas proponho aos alunos que apresentem diferentes formas de chegar ao número que tem mais 1 centena e qual será o seu nome.

- Realização de exercícios de aplicação composição e decomposição de números entre 700 e 800, realização de adições recorrendo à estratégia de cálculo mental trabalhada neste dia.

3.1 Trabalho sobre o texto “A primeira prenda do Pai Natal”

Atividades antes de ler

- No quadro irá aparecer a frase “a primeira prenda do Pai Natal”, explicarei que é um título de um texto e pedirei aos alunos que antecipem o conteúdo,

recorrendo à chuva de ideias com registo no quadro e individualmente

- Realização da ficha de auto-avaliação para antes da leitura.

Atividades durante a leitura

- Leitura em voz alta pela professora
- Leitura silenciosa pelos alunos
- Identificação de palavras desconhecidas anotando os seus significados no quadro.

Atividades depois da leitura

- Realização da ficha de auto-avaliação para depois da leitura.
- Exploração oral do texto através do levantamento de questões para confronto entre as ideias antecipadas pelos alunos e o conteúdo do texto.
- A compreensão do texto será feita através da entrega de uma frase do texto a cada dois alunos que têm de a ler em voz alta e dizer seu significado sendo orientados se necessário. Seguindo assim até todo o texto ser explorado.

4.1. O Pai Natal deixou dois sacos na sala. O saco dos sinónimos e o saco dos antónimos. Explicar aos alunos o que são sinónimos e antónimos. A partir de algumas palavras do texto procurar no saco os seus sinónimos e antónimos e coloca-los em grelha desenhada no quadro.

- Todos os alunos acompanham a atividade fazendo o registo em folhas previamente distribuídas.

5.1. No final da atividade de aplicação (sinónimos e antónimos) são entregues aos alunos cartas com palavras sinónimas e antónimas. Os alunos têm de encontrar a palavra que corresponde a cada sinónimo e antónimo. Os primeiros três alunos a encontrar colocam-se fora da área de jogo, aguardando que os restantes encontrem os seus pares.

- Terminado o jogo leem as três palavras, de modo a verificar se realmente está correto ou não e dar a conhecer ao restante grupo. Tendo de indicar qual é o sinónimo e o antónimo.

6.1 Apresentação em *power point* das tradições natalícias da região centro de Portugal.

- Construção do mapa de tradições gastronómicas natalícias portuguesas, continuação do trabalho iniciado no dia anterior. Para construir este mapa os alunos escrevem ao lado da região correspondentes as tradições, é selecionado, em cada dia, um grupo de alunos para realizar a atividade.
- Os restantes que se encontram no lugar preenchem o mapa em escala reduzida.

- No final do preenchimento do mapa, entra o Pai Natal, para entregar um saco que contém uma proposta de atividades de expressão plástica.

7.1. Entrega de uma folha com diferentes partes de um Pai Natal articulado. Explicação das diferentes técnicas a utilizar, pintura, recorte, colagem de algodão para a barba e cabelo e sua construção com ataches.

8.1- Correção coletiva dos exercícios do dia.

9.1- Escrita de palavras no quadro para numa folha pautada os alunos as copiarem e atribuir sinónimos e antónimos às mesmas

Dia: 6 de dezembro 2012

Tema integrador: O Natal em Portugal

Elemento integrador: Mensagens do Pai Natal

1.1 Em cima das mesas dos alunos encontra-se uma carta.

- Os alunos terão de a abrir e coletivamente realizam a identificação dos elementos da carta, de modo a relembrar, o que foi abordado na aula do dia 4 de dezembro.

2.1 Seguidamente vão escrever uma carta.

Ciclo de escrita

1º Antes de escrever

- Planeamento acerca do que se vai escrever, para quem vão escrever, o assunto a ser tratado e a forma de saudação e de despedida, consoante o destinatário.

2º Durante a escrita

- Escrita de uma carta, cumprindo regras de ortografia e caligrafia legível, aplicando corretamente todos os elementos que devem existir na carta. A revisão será feita ao longo da produção escrita.

3º Depois de escrever

- Revisão e leitura da carta.

3.1 Recordando as mensagens do Pai Natal será apresentada aos alunos uma nova estratégia de cálculo para a adição. Esta consiste em escrever a operação na horizontal decompondo os números na vertical e somar dezenas com dezenas, unidades com unidades e o resultado das adições para chegar ao resultado final .

- A estratégia é escrita no quadro para todos poderem ver. Observação dos passos realizados e respetiva explicação.
- No final da explicação é pedido aos alunos que relembrem as duas estratégias

abordadas nos dias anteriores, sendo estas também escritas no quadro.

4.1 – Para aplicação e consolidação das estratégias de cálculo mental, será proposta a atividade “Lotaria de números”.

- Um aluno dirige-se à mesa onde está a tombola do bingo, roda duas vezes e mostra os números saídos.
- Individualmente os alunos realizam a adição utilizando uma das estratégias de cálculo trabalhadas. O 1º a acabar vai ao quadro explicitar o procedimento de cálculo que utilizou.
- A atividade continua até serem apresentadas a estratégias de cálculo trabalhadas ao longo da semana

5.1 Apresentação em *power point* das tradições natalícias da região sul de Portugal.

Construção do mapa de tradições gastronómicas natalícias portuguesas, conclusão do trabalho iniciado nos dias anteriores. Para construir este mapa os alunos escrevem ao lado da região correspondentes as tradições, é selecionado o último grupo de alunos para realizar a atividade.

- Os restantes que se encontram no lugar preenchem o mapa em escala reduzida.

6.1 Correção coletiva dos exercícios.

Ampliação/reforço

7.1. Cálculo mental, com números entre 10 e 30, utilizando diferentes estratégias. O aluno que mais rapidamente chegar ao resultado apresenta o seu cálculo no quadro e explica a estratégia utilizada.

Reflexão 3ª semana - trabalho individual

Na generalidade da semana, esta correu bem e, contrariamente à primeira semana de prática supervisionada, o à vontade perante a turma foi significativo. Tal deve-se ao contacto diário ao qual nos habituamos e pelo facto de já conhecermos um pouco melhor a turma e seus comportamentos.

No que se refere à planificação, em si, relativamente aos aspetos formais, esta foi entregue dentro dos prazos respeitando a estrutura e utilizando uma correção linguística adequada. Quanto aos aspetos qualitativos, na generalidade, são adequados respeitando os parâmetros estabelecidos.

Quanto à execução, correu, na sua maioria, conforme o planeado, tendo uma integração didática apropriada, tentando ter sempre em atenção o rigor científico na relação teórico-prática. No entanto, acerca deste parâmetro, é de referir que existiu um ponto menos positivo, apesar de a nível teórico estar estruturado, no momento da prática não executei pela ordem descrita anteriormente sendo-me sugerido que o

fizesse de outra forma indo ao encontro ao planeado. Tendo por base a sugestão consegui “agarrar” o conteúdo de modo a trabalhá-lo corretamente e de forma a que os alunos compreendessem, não lhes gerando confusão.

Na questão do tempo, durante a prática, é notória uma melhoria. No entanto, na área curricular de Língua Portuguesa devido à demora na exploração de uma das atividades tive de realizar uma das tarefas de forma mais rápida sem recorrer ao material construído. O motivo pelo qual não recorri ao material foi o facto de tornar a atividade mais demorada, ficando sem tempo para trabalhar um novo conteúdo, o qual não podia ficar por abordar. A opção tomada não prejudicou as aprendizagens pretendidas, uma vez que recorri ao método utilizado habitualmente, os materiais construídos eram apenas uma forma diferente de realizar a mesma atividade e experimentar formas diferentes de trabalhar.

Ainda durante a execução, numa das manhãs, após ter explorado todo o conteúdo verifiquei que ainda me restava algum tempo e não tinha atividade para o grupo realizar. Um pouco atrapalhada, tive de me socorrer da minha colega de estágio, pedindo uma sugestão de atividade, sendo sugerido que realizasse uma carta, oralmente, com a turma. Após a sua ajuda senti-me capaz de prosseguir, explorando e aplicando o conteúdo abordado. Através da atividade sugerida foi possível o grupo, na sua totalidade, contactar e conjuntamente elaborar uma carta, seguindo toda a sua estrutura (data, saudação, assunto, despedida e assinatura), sendo visível na última manhã as aprendizagens realizadas pelos alunos. Primeiramente foi-lhes entregue uma carta, que individualmente tinham de identificar os constituintes. Depois, escrever uma carta a um amigo ou ao Pai Natal, maioritariamente, os alunos foram capazes de realizar a atividade de forma positiva e autonomamente. Um dado importante a referir foi o facto de alguns alunos sentirem uma ligeira dificuldade mas, autonomamente, socorreram-se da carta que foi utilizada para iniciar a manhã. Sendo visível o seguinte: quanto à estrutura da carta, os alunos foram capazes de identificar os seus constituintes sem qualquer problema, no momento da escrita os constituintes encontram-se todos mas o seu posicionamento está por vezes no local errado.

Na área curricular de matemática, os alunos mostraram-se interessados e motivados, sobretudo no que se refere às aprendizagens das estratégias de cálculo mental. O dia que suscitou mais interesse e em que os alunos ficaram empolgados com a atividade foi o último, em que para cada soma tinham de utilizar as três estratégias.

Analisando cada uma das áreas curriculares, ao longo da semana a que decorreu de forma mais monótona e menos interessante com o passar das manhãs, foi a área de Estudo do Meio. Apesar da motivação inicial dos alunos, foram ficando desmotivados. *“A motivação representa elementos, fatores ou circunstâncias que despertam, no educando, algum motivo ou atitudes favoráveis para certas atividades, porque lhe aguçam a necessidade”* (Nérici 1981; p.161) Como referido por Nérici é necessário que a motivação aguçe a necessidade, neste caso, a curiosidade dos alunos,

no entanto, devido ao formato da motivação ao longo dos três dias, os alunos foram perdendo interesse, tal deveu-se à não alteração das linhas orientadoras. Considero um ponto menos positivo da minha semana uma vez que só me apercebi do sucedido após toda a implementação e refletir sobre a semana.

**Percursos de ensino e aprendizagem 4ª semana- trabalho grupo
(segundo conteúdos programáticos) anexo 5**

Dia: 11 de dezembro 2012

Tema integrador: Natal em todo o lado!

Elemento integrador: Livro que conterà a história da avó Cacilda

1.1 Realização da ficha de avaliação de Língua Portuguesa.

2.1. Entrarão na sala as personagens avó Cacilda e neta Ermelinda. Trarão consigo um livro onde estará uma história sobre algumas das viagens natalícias da avó Cacilda.

- Dá-se início à dramatização. (contar da avó a neta do Natal passado na Finlândia)

3.1. Visto que na dramatização se aborda a Finlândia pede-se aos alunos que, segundo a ordem pela qual forem designados, se dirijam junto ao planisfério e a localizem.

4.1. Apresenta-se aos alunos um *power point* musicado com as tradições natalícias mais importantes da Finlândia.

4.2. Exploração coletiva do *power point* apresentado

5.1. Entrega aos alunos de uma folha de atividades para verificação das aprendizagens desta área.

- Correção coletiva das atividades.

6.1. Apresentaremos aos alunos canções de Natal características da Finlândia. Tentaremos cantá-las coletivamente.

7.1. Distribuiremos aos alunos, uma folha com atividades relacionadas com a matéria que constará na ficha de avaliação que realizarão no dia seguinte (orientação espacial; composição e decomposição de números; retas numéricas; estratégias de cálculo; etc.)

- Correção coletiva das atividades.

8.1. Canção “O que já sei da Finlândia”;

9.1. Correção das atividades realizadas ao longo do dia;

10.1. Escrita por extenso e representação de três números (831; 854; 875).

Dia: 12 de dezembro 2012

Tema integrador: Natal em todo o lado!

Elemento integrador: Livro que conterà a história da avó Cacilda

1.1. Realização da ficha de avaliação de Matemática.

2.1. A avó Cacilda entrega aos alunos um panfleto que trouxe de um dos países por onde viajou (Alemanha).

2.2. Antes de leitura:

- Exploração do panfleto apresentado: título; partes do panfleto; locais específicos de cada informação; etc.

Durante a leitura:

- Leitura em voz alta pela professora;
- Leitura silenciosa e individual pelos alunos;
- Identificação e exploração do vocabulário desconhecido.

Depois da leitura:

- Resposta coletiva a questões sobre o conteúdo do panfleto. As questões e as suas respostas serão realizadas coletivamente e através de uma projeção. Para tornar a atividade mais interessante teremos uma buzina e um sino que simbolizarão resposta certa ou errada e que se tocarão assim que for dada a resposta pelos alunos;
- Seguidamente, distribui-se pelos alunos, uma folha com uma tabela para trabalhar os sinónimos e antónimos.

3.1. A avó Cacilda e a neta Ermelinda continuam a contar as suas aventuras natalícias na Alemanha.

4.1. Solicita-se aos alunos, que pela ordem pela qual os chamarmos, se dirijam junto ao planisfério e indiquem onde se encontra a Alemanha.

5.1. Apresenta-se aos alunos um *power point* musicado com tradições natalícias mais importantes da Alemanha.

6.1. Seguidamente, constrói-se uma árvore de natal com materiais recicláveis. Para a sua construção utilizar-se-ão caixas de ovos, tintas e fitas decorativas.

7.1. Questões aos alunos acerca do trabalho desenvolvido nas várias áreas ao longo do dia.

8.1. Correção dos exercícios realizados ao longo do dia.

9.1. Entrega de uma folha de atividade, na qual os alunos têm de assinalar as diferenças entre o Natal em Portugal e o Natal na Alemanha.

Dia: 13 de dezembro 2012

Tema integrador: Natal em todo o lado!

Elemento integrador: Livro que conterà a história da avó Cacilda

1.1. Realização da ficha de avaliação de Estudo do Meio.

2.1. Neste dia, a avó Cacilda e a neta Ermelinda vêm novamente visitar os alunos. A avó Cacilda, mostra aos alunos uma mensagem de Natal que enviou para o rei de Espanha.

- Depois de mostrar a mensagem sugere aos alunos a escrita coletiva de uma mensagem de Natal para os colegas das outras salas do 1º Ciclo. (distribuição de cartões com formas alusivas ao Natal)

2.2. Antes da escrita:

- Planeia-se coletivamente o que pode conter a mensagem de Natal;

Durante a escrita:

- Escreve-se coletivamente no quadro, com a nossa orientação, a mensagem de Natal.

Depois da escrita:

- Revê-se e lê-se o texto escrito;
- Corrigem-se e reformulam-se os aspetos gráficos e ortográficos;
- Os alunos copiam para os cartões que lhes serão distribuídos.

3.1. A avó Cacilda conta aos alunos o Natal passado em França, onde conheceu um cavaleiro chamado Olivier Neuf Cents.

- A partir deste episódio, a avó Cacilda propõe aos alunos que lhe expliquem como chegam ao número 900. Como a neta Ermelinda já trabalhou isto na escola, propõe aos alunos que utilizem o material multibásico;
- Depois de realizada a representação, solicita-lhes que escrevam por extenso o número novecentos.
- Registam tudo o que se realizou numa folha que será distribuída.

4.1. Na mesma folha distribuída na atividade anterior, os alunos têm que completar uma tabela com os números entre o 800 e 900 somando de 5 em 5;

4.2. Revêem-se as estratégias de cálculo da adição trabalhadas nas semanas anteriores e solicita-se aos alunos a realização de três adições utilizando três das estratégias (uma para cada adição).

5.1. Preenchimento de espaços em branco num esquema acerca do que foi trabalhado ao longo do dia

6.1. Correção dos exercícios realizados ao longo de todo o dia;

7.1. Distribuem-se aos alunos folhas pautadas, nas quais têm que escrever duas frases (uma acerca do Natal na França e outra acerca do Natal na Espanha).

Reflexão 4ª semana trabalho de grupo

Terminada esta semana de grupo, fazemos um balanço bastante positivo da mesma.

Relativamente à planificação e execução, respeitámos todos os parâmetros que a esta dizem respeito.

Podemos referir que, no geral, foi uma semana com bastantes pontos positivos, entre os quais destacamos: a boa reação das crianças à dramatização realizada ao longo da semana; a forma “mágica” como levámos as tradições de Natal do mundo às crianças; a importante integração didática que existiu ao longo de toda a semana; a diferente forma de trabalharmos em grupo; a harmoniosa construção da árvore de Natal; a interação com as crianças das outras turmas; a sensação e a responsabilidade da realização de uma ficha de avaliação; a participação das crianças na festa de Natal.

Referimos os pontos acima como pontos positivos, porque de algum modo todos eles contribuíram para o bem-estar e desenvolvimento cognitivo das crianças. Falaremos agora especificamente de cada um deles:

A boa reação das crianças à dramatização realizada ao longo da semana: optámos por, ao longo de toda a semana, motivar as crianças através de uma dramatização entre uma avó e uma neta.(Fig. 9) Foi muito interessante a reação da turma à dramatização, pois para além da concentração que tiveram ao longo da execução da mesma, também “entraram” nesta, no sentido em que permaneceram sempre a chamar-nos pelos nomes das personagens, isto é, “transportámos” as crianças para a história e, assim permaneceram ao longo da semana. A adoção de jogos dramáticos facilita a captação da atenção do aluno, não sendo o professor um mero expositor de matéria, estes *“proporcionam aos seus alunos aprendizagens que através do fictício e o imaginário, reforçam os seus métodos expositivos.”*(Almeida 2012; p.14)



Figura 9-Dramatização entre avó e neta



Figura 10-Aluno a identificar um país no planisfério

A forma “mágica” como levámos as tradições de Natal do mundo às crianças: foi sem dúvida um ponto muito positivo, pois partimos sempre da dramatização anteriormente falada, para introduzirmos as tradições natalícias, fazendo-o da seguinte forma: havia sempre uma história sobre o Natal de cada um dos países abordados, depois íamos identificar o país em estudo, em cada dia, no planisfério passando, (Fig. 10) de seguida, para um *power point* onde tínhamos imensas imagens e explicações sobre o Natal de cada um dos países. Foi muito interessante verificar o espanto de algumas crianças relativamente a certas tradições, assim como, o entusiasmo e envolvimento. Sentimos ao longo da semana que de país para país já relacionavam as tradições, o que permitiu verificar que os conhecimentos tinham sido assimilados. A música também foi outra forma de mostrarmos tradições natalícias. Foi muito gratificante vermos a entrega das crianças às músicas, porque apesar de não serem na nossa língua (atendendo a que lhes mostramos as canções na língua dos países em estudo) verificou-se um esforço e tentativa de cantarem as músicas apresentadas.

A diferente forma de trabalharmos em grupo: como nesta semana, ao longo dos dias, dramatizávamos em conjunto, decidimos não dividir trabalho como na primeira vez que trabalhámos em grupo e realizámos trabalho conjunto, isto é, todas as áreas eram dadas pelas duas, mas cada uma tinha a sua parte para falar e complementávamo-nos. Ambas as formas de trabalhar em grupo correram bem, mas notámos que esta é talvez mais eficaz, pois vamo-nos complementando uma à outra.

A harmoniosa construção da árvore de Natal: esta árvore foi construída com caixas de ovos. Foi muito bom vermos as crianças empolgadas em pintar as caixas. Houve até em alguns momentos alguma competição saudável, entre as crianças, para ver quem pintava um maior número de caixas. O trabalho final ficou bom e as crianças interiorizaram que não precisamos de gastar muito dinheiro para que tenhamos uma árvore de Natal bonita.

A interação com as crianças das outras turmas: pretendemos, nesta semana, que o Natal não ficasse somente na nossa sala, como tal, fomos também às outras turmas desejar um ótimo Natal e entregar uma mensagem para afixarem nas suas salas. Foi muito importante esta interação e verificarmos as reações positivas das crianças das

várias salas. É muito bom haver este tipo de interação, porque trabalhamos numa escola, não somente para uma sala com determinados alunos.

A sensação e a responsabilidade da realização de uma ficha de avaliação: foi muito positivo o facto de termos realizado uma ficha de avaliação, pois ficámos a perceber qual é a responsabilidade da mesma. Foi com algum nervosismo que a implementámos, mas conseguimos resultados positivos, o que nos deixou muito satisfeitas.

A participação na festa de Natal das crianças: foi muito bom podermos assistir à festa de Natal das crianças, pois é uma sensação tão boa, quando vemos os nossos alunos a representar, cantar e dançar e a olharem para nós com grande satisfação, pensando: *“As nossas professoras vieram ver-nos”*. Foi notório o entusiasmo das crianças, quando chegámos à festa e elas se aperceberam de que as íamos ver atuar.

Referindo-nos agora aos pontos menos positivos, destacamos apenas um, a má escolha das palavras para trabalhar os sinónimos e antónimos. Tivemos a perceção de que tínhamos feito uma má escolha das palavras, quando começaram a surgir algumas dúvidas relativamente às mesmas. Para que não demonstrássemos que não tínhamos escolhido corretamente as palavras demos a volta à situação, interligando com as palavras do panfleto que estava a ser trabalhado.

Foi sem dúvida uma semana muito boa, com um excelente espírito natalício e onde voltou a ser notória a nossa melhoria na forma de planificar e executar.

Percursos de ensino e aprendizagem 5ª semana- trabalho individual (segundo conteúdos programáticos) anexo 6

Dia: 15 de janeiro 2013

Tema integrador: As profissões

Elemento integrador: Fantoche “João”

1.1-0 João conta uma pequena conversa de quando era mais novo que teve com a mãe. No final são feitas algumas perguntas sobre a conversa que o João teve com a mãe.

2- Para dar a conhecer aos alunos algumas profissões, suas funções, local onde se desenvolve a atividade e utensílios de trabalho é proposto um jogo.

- Para isso será entregue a cada aluno um livro que se intitula “As profissões. Este contém imagens de diferentes profissões, com espaços para os alunos preencherem indicando a profissão, local de trabalho e instrumentos utilizados.
- Para terem acesso à informação é indicado a um aluno que se dirija até ao saco e retire um dos cartões que se encontra no seu interior. Procedendo à leitura da informação sobre a profissão indicada no cartão. Com orientação selecionam a informação necessária para o preenchimento do livro, sendo anotada no quadro para depois copiarem. (até o livro estar preenchido)

3- Após o livro estar terminado e de forma a consolidar aprendizagens é pedido aos alunos para realizarem a atividade 1 do manual de estudo do meio

- Terminada a tarefa é realizada a sua correção oralmente.
- De forma aos alunos terem contacto e verificarem as profissões necessárias para que diariamente tenham pão ou leite é pedido que realizem a atividade 2 do manual de estudo do meio da p. 53. Está será realizada coletivamente, anotando no quadro as várias profissões, copiando depois para o manual.
- João que esteve durante a manhã na nossa sala teve de sair, não podendo ficar para ver o resto das atividades. Mas antes disse-me que há um texto sobre ele no nosso manual de Língua Portuguesa.

4.1- Antes de ler

- São feitas algumas perguntas aos alunos sobre datas de aniversário e a como costumam celebrar o aniversário.
- Qual a data do teu aniversário?
- Conheces datas de aniversários de alguns amigos ou familiares?
- Tens amigos ou familiares que façam anos no mesmo dia?

- Como costumamos celebrar o teu aniversário?

Durante a leitura

- Leitura em voz alta pela professora
- Leitura silenciosa pelos alunos
- Leitura em voz alta pelos alunos segundo a ordem indicada
- Identificação de palavras desconhecidas anotando os seus significados no quadro

Depois da leitura

- Exploração oral do texto através do levantamento de questões para o confronto entre as ideias antecipadas pelos alunos e o conteúdo do texto.

5.1- Realização coletiva das atividades de compreensão do texto no manual, na p.30 e 31 atividades 3 e 4.

6.1-Diálogo com os alunos sobre o novo conteúdo a ser introduzido seguindo-se uma apresentação em powerpoint onde consta a explicação da formação do plural e do singular.

- No final da explicação são revistas as terminações de cada uma das palavras, sendo entregue aos alunos uma folha de registo onde anotam as várias formações do plural.

6.2- De forma a aplicarem o conteúdo trabalhado anteriormente, será entregue aos alunos uma folha que contém as palavras do exercício 5.1 do manual de Língua Portuguesa p. 31, para a formação do plural.

7.1- O tio João após ter enchido todos os balões decidiu contá-los e preencher uma tabela. Para vermos como realizou a contagem, vamos preencher a mesma tabela que ele.

7.2- Realização de exercícios do manual de matemática p.34, relacionados com o milhar.

- Preenchimento da tabela com números entre 110 e 1000, realização de adições recorrendo à tabela preenchida, localização de números entre 100 e 900 e preenchimento da reta numérica com números.

8.1- O tio João para além de gostar de registar as suas contagens, percebe de computadores e páginas da web, como tal decidiu ajudar o Alfa na contagem dos visitantes da página web ao longo de um fim de semana. Leitura do enunciado do problema p. 46 do manual.

8.2- Exploração da estratégia apresentada através da sua representação no quadro recorrendo ao material MAB.

8.3- Realização das atividades do manual, relacionadas com a estratégia abordada.

- Preenchimento do resumo explicativo acerca da estratégia de cálculo trabalhada, atividade 1.2, p. 46.

8.4- É entregue aos alunos uma folha quadriculada, na qual irão realizar as adições presentes no manual de matemática, atividade 2, p. 46 recorrendo à estratégia de cálculo trabalhada neste dia.

9.1 Correção coletiva dos exercícios.

10.1- Escrita de palavras no singular tendo os alunos de as colocar no plural, assim como, palavras escritas no plural e os alunos têm de escrever o seu singular.

10.2- Realização da atividade do manual de estudo do meio, na qual cada aluno tem de escrever o tipo de profissão que gostaria de exercer quando for adulto.

Dia: 16 de janeiro 2013

Tema integrador: As profissões

Elemento integrador: Fantoche “João”

1.1 Diálogo com os alunos sobre o que será arredondar os números. Para trabalhar os arredondamentos à dezena mais próxima mostro uma reta numérica , entre 0 e 50, para realizar um jogo.

1.2. O “João” explica que no recreio desenhavam uma reta numérica no chão. Um amigo dizia um número e ele escrevia-o na reta, depois arredondava esse número à dezena mais próxima. Apresentação de um exemplo em específico, demonstrando na reta que o João trouxe.

- Após a explicação é pedido aos alunos que indiquem a dezena mais próxima do número 12. Sendo pedido em seguida a mesma tarefa para os seguintes números, 23,59,77. (anotando no cartão de retas numéricas dos materiais manipuláveis)

2.1- Realização de exercícios de aplicação do manual de matemática, atividade 1, p. 35, arredondar números à dezena mais próxima .

- Depois de termos aprendido com o João a arredondar, podemos aprender a realizar adições recorrendo aos arredondamentos.

3.1- É escrito no quadro a seguinte adição: $41+27=$

- Em seguida será explicado que arredondamos o 1º algarismo à dezena mais próxima, adicionando as unidades desse algarismo ao seguinte. Decompondo em seguida os algarismos em dezenas e unidades, seguidamente somamos dezenas com dezenas e unidades com unidades.

3.2- Entrega de uma folha para aplicação das adições, onde os alunos terão de efetuar os cálculos.

4.1- De forma a relembrar o texto lido no dia anterior, são feitas algumas perguntas sobre o “O aniversário”. (quem era a personagem do texto?, sobre o que falava o texto?, o que costumava o João fazer?)

4.2- Realização das atividades do livro de fichas sobre o texto lido no dia anterior “O aniversário” p.11.

4.3- Realização da correção oralmente.

5. Questões acerca dos seus aniversários, de modo a introduzir o convite.

6.1- Introdução (tipo de texto) o convite, a partir de um powerpoint, explorando a sua estrutura: nome da pessoa convidada, motivo do convite, data, hora, morada, contacto e nome de quem convida.

Ciclo da escrita

1º Antes de escrever

- Planeamento acerca do que se vai escrever, para quem vão escrever, qual o motivo do convite, a data e a hora a que decorrerá o evento, indicar a morada, como devem confirmar a sua presença e por último o nome de quem convida.

2º Durante a escrita

- Escrita de um convite, cumprindo regras de ortografia e caligrafia legível, aplicando corretamente todos os elementos que devem existir no convite. A revisão será feita ao longo da produção escrita.

3º Depois de escrever

- Revisão e leitura do convite .

7.1. Uma vez que o que estamos a trabalhar em sala de aula são as profissões, o João sugeriu que fizessem de conta que são entrevistadores.

8.2- Teremos como convidada a taxista Manuela (colega de estágio), a qual os alunos terão de entrevistar coletivamente. Para realizar a entrevista os alunos têm um guiã de perguntas, as quais perguntam à taxista.

9.1- Apresentação de imagens relacionadas com os instrumentos de trabalho de três profissões: professora, cozinheiro e carpinteiro. Identificação por parte dos alunos das profissões associadas a esses instrumentos.

- Em seguida são coladas por baixo das imagens anteriores, imagens em que os instrumentos foram substituídos por outros feitos de materiais menos resistentes
- Com orientação, os alunos são levados a indicar os materiais mais adequados para exercer a profissão .
- João volta por momentos a nossa sala e indica aos alunos que vão dirigir-se até a sala de convívio para realizarem uma atividade de dança.

10.1- No chão encontra-se uma folha de jornal, pede-se a cada dois alunos que se coloquem sobre a folha de jornal.

É selecionada uma música e pede-se aos alunos para dançarem ao som da música. O par não pode sair da folha de jornal nem rasga-la. Se isso acontecer, o par perde o jogo. Ao longo do jogo, vai-se alternando o ritmo da música.

11.1- Correção coletiva dos exercícios.

12.1- Jogo dos arredondamentos: é dito um número e selecionado um aluno, este terá de arredondar o número à centena mais próxima.

13.2- Realização da atividade do manual, “de que são feitos certos instrumentos?”, p. 57 do manual de estudo do meio.

Dia: 17 de janeiro 2013

Tema integrador: As profissões

Elemento integrador: Fantoche “João”

1.1-O João traz consigo uma história que leu e gostou muito, mas que no manual dos alunos se encontra por concluir. Com a sua ajuda e através das imagens os alunos têm de terminar o texto “O rapaz magro e a rapariga gorda”.

2.1- Partindo do título do texto será explorado e explicado o género (masculino e feminino). (quem são as personagens do nosso texto?- rapaz; rapariga)

- Pergunta a um aluno (se tu és um rapaz, és do sexo...?) masculino
- Pergunta a uma aluna (se tu és rapariga, és do sexo...?)feminino
- As palavras também poderão ser classificadas quanto ao sexo?
- Explicação da classificação palavras quanto ao género (masculino e feminino).

2.2- Realização de exercícios de aplicação acerca do género masculino e feminino presente no manual de língua portuguesa.

3.1-Realização das atividades do livro de fichas.

4.1- O João para este último dia deixou-nos uma nova estratégia de cálculo da adição que aprendeu com a Petra e o Gaspar.

- A estratégia é escrita no quadro, para uma melhor perceção de todo o processo.
- Os alunos observam, acompanham e tiram conclusões acerca do processo apresentado, sendo sempre orientados.
- Realização dos exercícios do manual de matemática .

5.1- Após terminarem a atividade anterior, é pedido aos alunos que relembrem as

duas estratégias abordadas nos dias anteriores, sendo estas escritas no quadro.

- Para aplicação e consolidação das estratégias de cálculo mental e dos arredondamentos é entregue aos alunos, uma folha de tarefas.

6.1. O João para esta tarde traz consigo um conjunto de fotografias, que demonstram profissões da sua altura de criança e fotografias de profissões atuais .

- Análise e descrição das fotografias, para posterior anotação em folha de registo.

6.2- De seguida questiono os alunos, se as profissões anteriores são de outros tempos, se pode dizer-se que existem novas profissões?

- Exploração das imagens relacionadas com as novas profissões.
- Registando na folha dada anteriormente.

7.1 Correção coletiva dos exercícios.

8.1- Será escrito um conjunto de palavras no quadro as quais os alunos têm de as identificar quanto ao género.

8.2- Escrita no quadro de adições, os alunos têm de usar a estratégias do dia para as resolverem.

Reflexão 5ª semana - trabalho individual

Após implementação de mais um plano de aula, as melhorias em determinados aspetos são significativos. No entanto, ainda existem aspetos menos positivos desta semana sobre os quais refletirei e com os quais aprendi bastante. São visíveis e muito significativas as aprendizagens realizadas durante este período de tempo.

Primeiramente farei referência aos aspetos relacionados com todo o processo inicial da planificação, como habitualmente esta foi entregue dentro dos prazos, respeitando a estrutura e a correção linguística. Sobre os aspetos qualitativos houve respeito pelos princípios da integração, articulação entre objetivos, competências, estratégias e avaliação, assim como, também existiu adequação estratégica e gestão de tempo e do espaço.

Sobre a adequação estratégica esta foi visível a nível da área curricular da matemática, pois devido a complexidade dos conteúdos (arredondamentos) foi necessário alongar as atividades de exploração e realização de atividades conjuntas de modo a que o conteúdo fosse bem trabalhado e bem apreendido. No entanto foram visíveis as dificuldades aquando da junção do conteúdo dos arredondamentos a estratégia de cálculo da adição recorrendo ao arredondamento do primeiro algarismo da operação. Apesar da complexidade também foi possível verificar que uma pequena parte dos alunos compreenderam e aplicavam de forma correta, sendo capazes de explicar o arredondamento realizado.

Numa das atividades de aplicação do conteúdo, arredondamentos, foi utilizado material manipulável,(Fig. 11) disponível na capa de materiais manipuláveis do Alfa, considerei que seria um material interessante e de fácil manuseamento uma vez que pode ser reutilizado. No entanto no decorrer da atividade foi visível a dificuldade dos alunos, porque o material é plastificado, logo um pouco mais difícil de escrever e conseguirem ver, tornando-se mais complicado de comparar o arredondamento anterior com o seguinte. Apesar de ter sido testado anteriormente, no momento da atividade não teve o resultado esperado.



Figura 11-Utilização de material manipulável



Figura 12-Taxista Manuela, entrevistada pelos alunos

Durante a execução da planificação todos os elementos que integram este tópico foram adequados. A exceção da gestão dos recursos, apesar de estar tudo estruturado e bem definido no momento de “dar vida” ao fantoche que servia de elemento integrador existiram falhas. *“O elemento integrador, enquanto elemento físico pode assumir uma infinidade de formas, dependendo da criatividade e das características de individualidade do professor, das características do grupo de alunos (...)”* Pais (2010 p. 8) pretendo com isto dizer que poderia ter optado por outro tipo de elemento integrador tendo em conta a falta de dinâmica e de expressividade durante a sua utilização, não tendo este o impacto pretendido, tornou-se um mero adereço com pouca funcionalidade.

Na área curricular de Estudo do Meio uma das atividades consistia nos alunos realizarem uma entrevista, para isso pedi a minha colega de estágio que interpretasse o papel de taxista. (Fig. 12) Foi interessante ver o interesse e motivação apesar de saberem que se tratava de alguém que eles conheciam e saberem que aquela não era a real profissão. No final da entrevista aproveitei a dica de um aluno que quis fazer uma pergunta para além das presentes nos guiões, para perguntar se a restante turma tinha mais alguma pergunta que desejasse ver respondida. Foi visível a participação da turma e essencialmente o tipo de perguntas realizadas “Qual o teu horário de trabalho”; “Também trabalhas à noite?”; “Falas outras línguas?” entre outras perguntas. Uma vez que também entraram na dramatização e fizeram o papel

de entrevistadores, apesar de não ser algo muito aprofundado, permitiu às crianças através do jogo dedicarem toda a sua atenção e concentração naquilo que realizaram, envolvendo-se de forma integral e completa.

Esta semana a expressão trabalhada foi a expressão motora, através da dança do jornal.(Fig. 13) Achei interessante referir esta atividade pois, achei que para alguns alunos foi uma atividade muito enriquecedora e pelo empenho de alguns grupos. A dança consistia num par se encontrar em cima de uma folha de jornal e dançar sem a rasgar ou sair da mesma. Passado pouco tempo do início da atividade alguns alunos já não tinham folha, sendo sugerido que à medida que iam perdendo dançassem em grande grupo.(Fig. 14) Mas apesar da dificuldade, existiram dois pares que foram os verdadeiros vencedores, mas o mais interessante foi verificar que apesar de dançarem tinham sempre em atenção como colocavam os pés e se a folha não se dobrava. Apesar de ser uma dança os alunos tentaram arranjar estratégias para que conseguissem chegar ao final da dança.



Figura 13- Dança do jornal



Figura 14-Dança em grande grupo

Percursos de ensino e aprendizagem 6ª semana- trabalho grupo (segundo conteúdos programáticos) anexo 7

Dia: 23 de janeiro 2013

Tema integrador: Aprender Matemática e Ciências no Horto de Amato Lusitano

Elemento integrador: Durante este dia surgirão imagens, correspondentes às zonas do Horto de Amato Lusitano, a João Rodrigues de Castelo Branco (Amato Lusitano) e mais duas imagens, a da Escola Básica Afonso de Paiva e a da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

1.1. Estão espalhadas pela sala quatro imagens correspondentes às zonas do Horto de Amato Lusitano. (Plantas aromáticas; Plantas hortícolas; Plantas arbustivas e Plantas arbóreas)

- De seguida, questionam-se os alunos acerca das imagens: o que está representado nestas imagens?



Figura 15- Espaços do Horto de Amato Lusitano

- Debatem-se estas questões com os alunos e avança-se para a atividade seguinte, a fim de encontrar respostas.

2.1. Apresenta-se, seguidamente, um *power point* sobre o Horto de Amato Lusitano. Este *power point* encontra-se dividido em três partes, para ser cada uma delas trabalhada nas diferentes áreas curriculares. A apresentação começa com uma imagem que será a conjugação das imagens solicita-se aos alunos que descrevam a

imagem que estão a visualizar.

- Terminada a descrição, solicita-se aos alunos que através do jogo “O enforcado” descubram qual o nome do local representado na imagem. Explicação das regras. Início ao jogo.

3.1. Descoberto o nome do local representado na imagem (Horto de Amato Lusitano), começou por explorar a palavra Horto.

- Posteriormente, perguntaremos o que será “ Amato Lusitano ”. Orientaremos os alunos, caso seja necessário, em direção à resposta.

4.1. De seguida, será apresentado um diapositivo com a planta do espaço do Horto Amato Lusitano. A planta terá uma legenda das zonas nela presentes e, que será explorada em conjunto com os alunos, para que no dia seguinte, se saibam orientar.

4.2. Explorada a planta, surgirá no *power point* a seguinte pergunta: “Em quantas partes se divide o Horto de Amato Lusitano?”.

4.3. Descrição e demonstração das características de algumas plantas de cada uma das diferentes zonas.

Apresentação de regras a ter em conta, quando formos ao Horto de Amato Lusitano.

5.1. Sistematização dos conteúdos através de questões de escolha múltipla.

- Correção coletiva da atividade

6.1. Antes da leitura:

- Quando as crianças regressam do recreio, é-lhes proposto que observem novamente a sala (imagem afixada no quadro).



Figura 16-Amato Lusitano (1511- 1568)

- É sugerido aos alunos que descrevam o que observam na imagem. De seguida, pedimos-lhes que digam como se chamará o senhor da imagem depois do que falámos a aula. Regista-se no quadro o nome.
- Sugere-se-lhes que, com base na imagem, digam o que acham que será o

conteúdo principal do texto que leremos de seguida.

Durante a leitura:

- Terminada a atividade anterior, projeta-se a 2ª parte do *power point* “Horto de Amato Lusitano”. Esta começará com um texto, onde se fala um pouco de Amato Lusitano, o qual também será distribuído aos alunos,
- Leitura em voz alta pela professora;
- Leitura silenciosa pelos alunos;
- Leitura em voz alta pelos alunos;
- Identificação e exploração do vocabulário desconhecido.

Depois da leitura:

- Terminada a exploração oral do texto e do vocabulário desconhecido, distribuem-se umas folhas aos alunos com questões acerca do texto, as quais responderão através de escolha múltipla.
- Correção coletiva.

9.1. É sugerido aos alunos que olhem novamente em seu redor. O objetivo é descobrirem as imagens colocadas na sala.

- Sugere-se que digam porque é que se encontrarão ali aquelas imagens e qual a relação com as imagens anteriores (Fotografia da fachada da Escola Afonso de Paiva e a entrada da Escola Superior de Educação).

10.1. Depois das sugestões do alunos, relativamente à relação entre as imagens, coloca-se no quadro um mapa ampliado da cidade de Castelo Branco.

- Coletivamente, descobriremos a zona da nossa escola (Escola Básica Afonso de Paiva) e a zona da Escola Superior de Educação, onde se encontra o Horto de Amato Lusitano.
- Chamaremos dois alunos que, com o nosso auxílio circundarão a nossa escola (ponto de partida) e a Escola Superior de Educação de Castelo Branco (ponto de chegada) no mapa.
- Em conjunto, traçaremos o percurso que faremos no dia seguinte, desde a nossa escola ao Horto de Amato Lusitano.

11.1. Sendo, em seguida, lançada a seguinte questão: Ainda te lembras das datas que estavam no texto que lemos de manhã?

- À medida que os alunos forem dizendo as datas, registam-se no quadro. De seguida, coloca-se um friso no quadro onde essas datas estão presentes e, por baixo, estarão uns retângulos onde os alunos terão que, pela ordem de chamada, escrever o que aconteceu naquelas datas. (Os acontecimentos estão descritos no texto lido de manhã, o qual os alunos consultarão).

- Depois de registados os acontecimentos, colocam-se algumas questões, de forma a perceberem o antes, o agora e o depois.

12.1. Questionam-se os alunos acerca do que foi falado ao longo do dia.

13.1. Correção dos exercícios realizados.

14.1. Ampliação: Distribui-se uma folha aos alunos para a realização de atividades para sistematizar o “milhar” e os “números pares e ímpares”, utilizando alguns números falados ao longo do dia relativamente à vida de Amato Lusitano.

14.2. Reforço: Solicita-se aos alunos que escrevam numa folha pautada três frases sobre o que aprenderam no dia.

Dia: 24 de janeiro 2013

Tema integrador: Aprender Matemática e Ciências no Horto de Amato Lusitano

Elemento integrador: Horto de Amato Lusitano e imagens do mesmo.

1.1 Pede-se aos alunos que preparem os estojos, para levarem para o Horto de Amato Lusitano.

- Posteriormente, solicita-se que vão buscar o lanche para o levarem.

2.1. Depois de estarem os materiais prontos, enquanto esperamos que estejam todas as crianças, vamos relembando as regras a ter em conta.

- Perguntamos também aos alunos se ainda sabem quem são os elementos de cada grupo.

3.1. Às 9 h e 30 min, formamos a fila a pares e deslocamo-nos da Escola Básica Afonso de Paiva para a Escola Superior de Educação de Castelo Branco, pelo percurso traçado no dia anterior.

4.1. Depois de chegarmos à Escola Superior de Educação, mais concretamente, ao Horto de Amato Lusitano, distribuem-se os guiões de atividades pelos alunos e pelos professores.

- De seguida, ainda em conjunto, solicita-se aos alunos que se reúnam junto à placa que contém a planta do espaço do Horto de Amato Lusitano, para que a conheçam e verifiquem que é a mesma que foi explorada no dia anterior, na sala de aula e que também é a que se encontra no guião de atividades.



Figura 17-Planta do espaço do Horto

- Organização dos alunos por grupos que se juntam às professoras respetivas. Aos grupos foram atribuídos os nomes: “Horto”, “Amato” e “Lusitano”.

5.1. Os grupos começam a realizar a primeira atividade. Depois de realizada, pararão para o lanche e irem à casa de banho. Quinze minutos depois retomam-se as atividades.

- Os alunos realizarão as atividades em grupo com base no guião e, terão apenas uma pequena orientação de cada professora, no início..
- Os registos são sempre realizados no próprio guião de atividades

A ordem pela qual se realizam as atividades varia de grupo para grupo, para que não haja sobreposição de grupos na mesma atividade e na mesma área o Horto. Essa ordem encontra-se numa tabela presente em cada guião do professor, e deve ser consultada sempre que se termina uma atividade.

	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
Grupo "Horto"	"À Descoberta dos solos"	"Vamos aprender a plantar?"	"Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"
Grupo "Amato"	"Vamos aprender a plantar?"	"Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"	"À Descoberta dos solos"
Grupo "Lusitano"	"Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"	"À Descoberta dos solos"	"Vamos aprender a plantar?"

Figura 18-Ordem das atividades

Cada atividade terá a duração de 45 minutos e saber-se-á quando se troca de atividade, pois toca-se um apito.

6.1. Terminadas as três atividades propostas ("À descoberta dos solos"; "Vamos aprender a plantar?" e "Se plantas apanhar será que um remédio consigo arranjar?"), recolhemos os guiões dos alunos e formamos a fila a pares para nos dirigirmos novamente para a Escola Básica Afonso de Paiva.

7.1. Depois do almoço, analisa-se e explora-se com os alunos a visita realizada na parte da manhã.

Terminado o diálogo, os alunos preenchem um questionário, onde colocam o seu grau de satisfação relativamente à visita e, em particular, à realização das atividades no Horto de Amato Lusitano.

7.2. Construção dos instrumentos do jardineiro Alberto, através das modelagem da massa de sal.

- Terminada a construção, distribuímos a cada aluno uma folha A4 dividida em quatro partes devendo em cada uma colocar o instrumento e o respetivo nome.

8.1. Registos realizados pelos alunos ao longo do dia e notas de campo retiradas ao longo da realização das atividades.

Dia: 25 de janeiro 2013

Tema integrador: Aprender Matemática e Ciências no Horto de Amato Lusitano

Elemento integrador: Horto de Amato Lusitano e imagens do mesmo.

1.1. Antes de iniciarmos as atividades principais do dia, dialogamos com os alunos, a fim de recordarem a visita realizada no dia anterior.

2.1. Distribuem-se folhas que contêm linhas e espaços em branco. Nessas folhas, os alunos terão que escrever uma frase sobre cada uma das atividades que realizaram no dia anterior, e ilustrá-la..

3.1. Apresentação aos alunos de uma folha com retângulos em branco e setas, e algumas imagens. Os alunos são chamados aleatoriamente e têm que colar as imagens, acerca de alguns dos momentos da visita ao Horto de Amato Lusitano, nos retângulos em branco, pela ordem correta dos acontecimentos .

4.1. Hoje é-nos apresentado o desafio de levarmos Amato Lusitano desde a zona D à zona C, passando pela zona B. Para isso, é pedido aos alunos que desenhem o percurso que acharem mais conveniente e que o descrevam através de legenda (→→→).

- Correção coletiva da atividade.

5.1. Terminada a tarefa anterior, distribuem-se folhas pelos alunos.

- Atividades relacionadas com a visita, os alunos têm de ligar os materiais utilizados em cada uma das atividades (através de ligação por setas ou linha que liga ingrediente/material à respetiva atividade).

7.1. Distribuem-se, de seguida, pelos alunos, folhas brancas com o título “A atividade que mais gostei foi...” e solicita-se-lhes que desenhem a atividade que mais gostaram de realizar no Horto de Amato Lusitano.

8.1. Solicita-se, depois, aos alunos que preencham um texto lacunado relacionado com algumas atividades realizadas no Horto de Amato Lusitano.

9.1. Construção, pelos alunos, da canção “Como é bom aprender no Horto”.

10.1. Registos realizados pelos alunos ao longo do dia.

Reflexão 6ª semana - trabalho de grupo

Nesta semana decidimos, de acordo com a professora cooperante, realizar a prática (estágio) de 4ª feira até 6ª feira. Optámos por estes três dias pois nesta semana implementaríamos as atividades para o nosso relatório final de estágio e, visto que na 4ª feira existiria uma atividade do agrupamento (cantar as janeiras), se realizássemos a prática de 3ª feira a 5ª feira, como habitualmente, a visita ao Horto de Amato Lusitano coincidia com a hora de cantar as janeiras. Posto isto, e visto que para

implementar as atividades do estudo de investigação que se desenrolavam em três momentos fulcrais e, preferencialmente, sequenciais (pré-visita; visita ao Horto de Amato Lusitano e pós-visita), nunca seria possível essa realização sem a alteração dos dias de estágio.

Com diversas adversidades, esta semana foi diferente e especial, exigindo um trabalho ainda mais minucioso que o habitual. Começou por ser um trabalho minucioso a partir do momento em que foi necessário selecionar os conteúdos e planificar de que forma os trabalharíamos visto que, na sua maioria eram conteúdos novos. Depois continuou a ser minucioso no sentido em que as condições meteorológicas se encontravam instáveis podendo afetar a nossa planificação.

Apesar disso, planificar para esta semana não foi difícil; o que tornou o processo mais complicado foi quando começaram a surgir algumas adversidades que obrigaram a uma alteração do plano. A planificação deve ser uma “previsão” do que se pretende fazer, tendo sempre em conta as relações pessoais entre os membros do grupo (professor e alunos). Uma planificação deve ser um meio e não um fim e deve também ser flexível, pois o que resulta com um grupo de crianças pode já não resultar com outro. O professor não se deve limitar, na prática, àquilo que planificou. Quem se limita ao que planifica pode correr o risco de não estar a “escutar” as necessidades das crianças, as suas dúvidas, etc. Sempre que se planifica é fundamental que se pense nas crianças, pois são elas a base de todo este processo, atendendo a que é a partir delas que percebemos se as atividades têm interesse, isto é, se contribuíram para as enriquecer de alguma forma.

Durante a atividade de descoberta do percurso, no mapa de Castelo Branco, desde o ponto de partida (Escola Básica Afonso de Paiva) até ao ponto de chegada (Escola Superior de Educação de Castelo Branco), os alunos estiveram motivados (fig. 19).



Figura 19- Aluno a desenhar o percurso

De um modo geral, pareceu-nos ao longo de todo o dia que, apesar de motivados, os alunos se encontravam frequentemente distraídos tínhamos a sensação de que também não estavam, efetivamente, a aprender os assuntos abordados. No entanto, quando aplicamos os questionários e exercícios verificamos que tinham estado a ouvir-nos e que assimilaram tudo o que tínhamos explorado com eles. Pensamos que

desenvolvemos um bom trabalho no antes da visita e que nos será muito útil para o trabalho ao longo da concretização do projeto do estudo de investigação.

Uma outra atividade deste dia que foi interessante e na qual tivemos a honra de participar foi no cantar das janeiras na nossa escola (Figs. 20 e 21). É cada vez mais importante que se mantenham certos costumes e tradições e que as crianças contactem com isso, pois cada vez mais se estão a perder e as crianças de hoje em dia não mantêm contacto nenhum com costumes e tradições. Indo, assim, ao encontro do programa de Estudo do Meio (2004; p. 110)

é importante que os alunos reconheçam que os vestígios de outras épocas (sejam monumentos, fotografias (...), tradições) constituem fontes de informação que eles podem utilizar, de uma forma elementar, na reconstituição do passado. Pretende-se, assim, contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização.



Figura 20-Cantar as janeiras



Figura 21-Cantar as janeiras

Como na 4^a feira choveu, ponderámos logo um outro conjunto de atividades para a manhã de 5^a feira, dia em que nos deslocaríamos ao Horto de Amato Lusitano, se o tempo o permitisse. As nossas atividades consistiam na realização de uma viagem virtual ao Horto de Amato Lusitano sendo esta realizada através de um *power point* e utilizando a mímica. Fundamentalmente, os alunos realizaram virtualmente atividades no Horto de Amato Lusitano (figs. 22 e 23). Foram muito interessantes as reações dos alunos às várias atividades que propusemos e empenharam-se bastante, mesmo sendo virtual a visita. Como não queríamos que fosse tudo virtual, optámos por também levar materiais para as atividades experimentais (curas de Amato Lusitano) as quais os alunos realizaram. Pensamos que seria uma mais valia para o trabalho que viessem a desenvolver no Horto de Amato Lusitano.



Figura 22-Visita Virtual ao Horto



Figura 23- Deslocação por mímica

Também teríamos que ter uma alternativa para trabalhar as outras áreas curriculares. Assim, optamos na área da Matemática, por uma atividade de trabalho que envolvia o milhar e os números pares (matéria abordada nas semanas anteriores) conjugados com a história do Horto de Amato Lusitano, isto é, os problemas que os alunos tinham que resolver envolviam números que já tinham sido abordados, pela sua significância na história do Horto de Amato Lusitano.

Na área da Língua Portuguesa, como na semana anterior tinha sido introduzido o tipo de texto “convite” lembrámo-nos, com auxílio da professora cooperante, de sugerir aos alunos a realização de um convite para uma ida ao Horto de Amato Lusitano, podendo escolher quem queriam convidar. Esta atividade correu bastante bem e surgiram convites muito interessantes.

Como na 6^a feira continuou a chover, acordámos com a professora trocar a 6^a feira pelo dia que fossemos ao Horto de Amato Lusitano, pois não faria sentido estarmos a realizar atividades fora do contexto, pois relacionadas com a implementação já só realizaríamos as do depois da visita e, para isso, era necessário que acontecesse primeiro a visita.

Na globalidade, pensamos que a semana correu bem, que os conceitos foram adquiridos e que conseguimos preparar os alunos para se orientarem quando realizassem a visita ao Horto.

Percursos de ensino e aprendizagem 7ª semana- trabalho individual (segundo conteúdos programáticos) anexo 8

Dia: 29 de janeiro 2013

Tema integrador: À descoberta das instituições

Elemento integrador: Arca das surpresas.

Apresentação do elemento integrador.

1.2 Da arca das surpresas serão retiradas fotografias alusivas às diferentes instituições.

- Breve diálogo com os alunos acerca da imagem para introdução do tema em estudo.

1.4. Formação de grupos de trabalho de três alunos para realização de um cartaz.

- Distribuição de uma folha com a imagem de uma instituição, função desempenhada, tipo de pessoas que procuram a instituição, por cada grupo, de modo a contactarem e conhecerem a instituição.
- Para a realização do cartaz é entregue a cada grupo uma folha de cartolina A₃, na qual já se encontram delimitados espaços para que os alunos cole a imagem da instituição que foi entregue previamente,
- Cada elemento do grupo tem uma tarefa, pintura da imagem da instituição, escrita do nome da instituição e da função desempenhada por a instituição. Após a conclusão das diferentes tarefas, cada grupo elabora o cartaz através da colagem dos diferentes elementos na cartolina.
- Terminados os cartazes, cada grupo fará a sua apresentação à turma.
- Durante a apresentação, os restantes alunos têm em sua posse uma folha de registo a qual têm de preencher com as indicações dadas pelo grupo que apresenta, sendo a informação escrita no quadro de modo a que seja possível todos acompanharem o assunto.

Antes de ler

- É mostrada a imagem do carteiro, que se encontra no exterior da arca das surpresas. A partir da imagem, é pedido aos alunos que façam previsões sobre o conteúdo do texto, que serão registadas no quadro e em folha individual.
- Entrega da folha com o texto “ O dia de trabalho de Carlitos carteiro”.

Durante a leitura

- Leitura em voz alta pela professora.
- Leitura silenciosa pelos alunos de forma sequenciada.
- Leitura em voz alta pelos alunos segundo a ordem indicada.

- Identificação de palavras desconhecidas e anotação dos seus significados no quadro.

Depois da leitura

- Exploração oral do texto através do levantamento de questões
- Comparação entre as hipóteses levantadas pelos alunos e conteúdo do texto

4.1 Realização individual de atividades de compreensão da leitura e sua correção coletiva.

5.1 Do interior da arca das surpresas é retirado um guarda chuva (em cartolina) para apresentação de um diagrama de Venn. Diálogo com os alunos acerca do conteúdo a abordar.

- No quadro é colocado o diagrama de Venn e os restantes guarda chuvas.

A partir da nossa orientação, os alunos vão completar o diagrama de forma a compreenderem a sua função na organização e tratamento de dados. Para isso, os alunos são chamados ao quadro um a um e têm de colocar dois guarda chuvas no local que consideram correto.

Em seguida, para consolidação do conteúdo trabalhado, os alunos realizam a tarefa no manual de matemática p. 36, de forma a ficarem com um registo.

Seguidamente é feita a análise do gráfico e sua leitura

5.2- Como reforço à aprendizagem, apresentado em *power point* do diagrama o Venn da p. 27 do livro de fichas de matemática, do qual será feita leitura e interpretação da informação apresentada.

Realização coletiva de exercícios do livro de fichas de matemática p. 27, relacionados com o diagrama de Venn.

6.1. Correção coletiva dos exercícios

7.1. Realização de exercícios relacionados com diagrama de Venn

Dia: 30 de janeiro 2013

Tema integrador: À descoberta das instituições

Elemento integrador: Arca das surpresas.

1.1 É retirado da arca das surpresas o enunciado do pictograma, sendo este lido. Seguidamente é apresentado em *power point*. Exploração e análise do pictograma

- Preenchimento da tabela com o total de cada uma das peças de roupa, manual de matemática.
- Realização de exercícios de aplicação, relacionados com os pictogramas, livro de fichas.

2.2 Aparece novamente o carteiro, relacionado com o texto do dia anterior, de modo a relembrar o assunto, são feitas algumas questões aos alunos.

- Realização de exercícios sobre o conhecimento explícito da língua, relacionados com a classe dos nomes: próprio, comum e coletivo. Os alunos no texto “O dia de trabalho de Carlitos carteiro ,” têm de sublinhar a verde os nomes próprios e a cor de laranja, cinco nomes comuns.
- No texto encontra-se apenas uma palavra que poderá indicar um grupo ou conjunto de coisas iguais (pessoas); pedido ao alunos que indiquem o nome coletivo da respetiva palavra.
- É entregue uma folha de palavras cruzadas; os alunos têm de indicar os nomes coletivos, e realizarem exercícios de formação do número, assim como, do género dos nomes.

3.1. No texto “ O dia de trabalho de Carlitos carteiro ” aparece o nome da D. Marília. De forma a explorar oralmente o retrato físico, é apresentada uma imagem da D. Marília. Em grupo, os alunos farão uma breve descrição da imagem, anotando a descrição no quadro.

3.2. Para os alunos apreenderem as diferentes etapas da elaboração de um retrato físico é apresentado um powerpoint no qual são apresentadas todas as etapas necessárias para a sua realização. Partindo das orientações dadas os alunos farão a descrição mais pormenorizada da imagem apresentada.

- De modo a relembrar o tema abordado no dia anterior são realizadas algumas questões. (Acerca de que instituições falamos no dia anterior? Qual a função de cada uma?)

4.1- Seguidamente são entregues novamente as folhas de registo sobre as instituições, de modo a concluírem o trabalho iniciado no dia anterior.

- Os grupos que não apresentaram o seu trabalho no dia anterior, vão realizá-lo.

No caso de os alunos acabarem a atividade no dia anterior, realizam enunciada no ponto seguinte (5.1) e a atividade de ampliação/reforço.

5.1- No final de todas as apresentações e de modo a consolidar as aprendizagens são realizados os exercícios do livro de fichas de Estudo do Meio.

6.1- Correção coletiva dos exercícios.

7.1-No livro de fichas de Estudo do Meio, os alunos têm de identificar as instituições existentes em Castelo Branco, tendo de pintar e indicar o nome de cada instituição.

Dia: 31 de janeiro 2013

Tema integrador: À descoberta das instituições

Elemento integrador: Arca das surpresas.

1.1 Depois de relembrar alguns dos aspetos essenciais na descrição física de uma pessoa, surge na nossa arca das surpresas a imagem da Maria e do João.

1.2. Em seguida e de modo a aplicar os conteúdos já trabalhados é pedido aos alunos que realizem a atividade do livro de iniciação à escrita., procedendo em seguida à correção.

- Realização das tarefas 2 e 3, para posteriormente procedermos a correção.

1.3 Seguidamente e com todo o processo de conhecimento das personagens é realizado por escrito o retrato físico de cada uma delas.

- Descrição por escrito de um retrato físico

Ciclo de escrita

1º Antes de escrever

- Planeamento acerca do que se vai escrever, características físicas de cada uma das personagens

2º Durante a escrita

- Escrita de um retrato físico, cumprindo regras de ortografia e caligrafia legível, aplicando corretamente todos os elementos que devem integrar um retrato físico. A revisão será feita ao longo da produção escrita.

3º Depois de escrever

- Revisão e leitura do retrato físico.

3.1- No interior da arca encontra-se a explicação do que a Luana (personagem da atividade presente no manual de Matemática) fez no dia da alimentação.

- Exploração da tabela de frequências do manual de matemática, para posteriormente a completar.

3.2 De forma a introduzir o gráfico de pontos é dito aos alunos que a Luana iniciou um gráfico de pontos para mostrar aos seus colegas as preferências dos alunos, não o tendo terminado. De modo a compreender o gráfico iniciado é feita uma exploração com os alunos.

- Posteriormente completam-no e respondem às alíneas relativas a interpretação do gráfico.
- Realização de exercícios de aplicação sobre gráfico de pontos.
- Uma vez que ao longo da semana é abordado o tema das instituições, neste dia

pretendo que os alunos possam conhecer uma instituição e fazer perguntas sobre a mesma.

Antes da visita

- Apresentação da imagem da instituição que será visitada.
- Diálogo acerca do que os alunos já conhecem sobre a mesma.
- Apresentação, em suporte digital, do mapa relativo a região de Castelo Branco. Os alunos terão de identificar no mapa a escola Afonso de Paiva e o quartel dos bombeiros.
- Após análise do percurso é explicada a importância da visita àquela instituição. No final são entregues os guiões e feita a sua leitura.
- Formação da fila a pares para posteriormente nos dirigirmos ao quartel dos bombeiros.

Durante a visita

- Os alunos farão as perguntas que se encontram no guião, sendo as respostas anotadas por um adulto, de modo a facilitar a visita e a atenção dos alunos para as explicações.
- No final da visita, voltam a formar a fila para regressarem à escola Afonso de Paiva

Depois da visita

- Diálogo com os alunos acerca da visita ao quartel dos bombeiros, intercalando com as questões do guião de modo a proceder ao seu preenchimento. Anotando as respostas no quadro de modo a que todos os alunos possam acompanhar

6.1- Correção coletiva dos exercícios

7.1- Realização de exercícios relacionados com tabelas de frequências e gráficos de pontos.

Reflexão 7ª semana- trabalho individual

No final da implementação da minha última semana de prática, existem vários pontos a serem referidos. Apesar de ser a última ainda existem muitas aprendizagens que gostaria de realizar. De facto, este foi apenas o início de um novo ciclo de aprendizagens.

Acerca da planificação, esta foi entregue dentro dos prazos, sendo os respeitados e integrados aspetos relativos a esta. Ao longo da execução da planificação, tiveram de ser realizados alguns ajustes e, tal deveu-se à alteração do dia da Visita de estudo ao Horto de Amato Lusitano, que estava prevista para dia 24 de janeiro mas que não foi possível devido às condições meteorológicas não serem favoráveis. Ficou acordado que durante esta semana (29 a 31 de janeiro) quando existisse um dia favorável iríamos realizar a visita, sendo esta realizada no dia 29 de janeiro. Assim sendo, nos restantes dias procedeu-se à implementação do que estava planeado e com exceção da Língua Portuguesa, no dia 30 de janeiro, uma vez que utilizamos esse tempo para realizar algumas das atividades do pós visita. Nas restantes áreas foi possível lecionar os conteúdos destinados esta semana.

Acerca da visita ao Horto, considero que esta foi vantajosa e enriquecedora para os alunos e enriquecedora. Os comentários sobre a visita foram muito positivo e, na sua maioria pretendiam voltar ao Horto acompanhados de um familiar.

Durante as atividades, o entusiasmo foi visível e o facto de estarem a trabalhar autonomamente seguindo as indicações descritas nos guiões, para grande parte dos alunos, tornou-os mais interessados e despertados para as aprendizagens. No entanto, inicialmente foi complicado adaptarem-se e conseguirem organizar-se de modo a que os oito elementos funcionassem em uníssono. O chefe do grupo que acompanhei, tentou sempre orientar o grupo e verificar se todos estavam a desenvolver as atividades, chegando mesmo a auxiliar os colegas que sentiam um pouco mais de dificuldade. Foi agradável ver como o grupo foi capaz de se organizar e trabalhar, efetivamente em conjunto, não gerando conflitos. Foi uma experiência positiva para o desenvolvimento dos alunos, permitindo a socialização, estímulo à pesquisa, autodisciplina, assim como um maior interesse pela tarefa.

A visita ao Horto possibilitou-nos também perceber como é sair com um grupo do 1º ciclo, tendo em conta que nos deslocamos a pé até a Escola Superior de Educação.

Sobre os restantes dias de implementação é de referir que os progressos e a postura em sala de aula são visíveis e existe um crescimento. Já sinto uma melhor perceção sobre a turma e suas necessidades, qual o tipo de atividade mais adequada e já mais rapidamente adequo a estratégia pensada anteriormente em função das necessidades dos alunos, assim como, mais facilmente consigo “criar” atividades caso eles executem mais rapidamente as que estavam previstas.

Foi visível a minha capacidade de adequação estratégica. Na área curricular de Língua Portuguesa, no último dia,. Na planificação estava definido que os alunos iriam

realizar as atividades individualmente, sendo tiradas dúvidas sempre que surgissem. No entanto, uma das atividades, devido à complexidade e às dúvidas que surgiram aquando da sua explicação, esta foi realizada coletivamente, participando toda a turma de modo a facilitar a compreensão e a realização da atividade.

No que se refere à área curricular de Estudo do Meio, os alunos, em grupos de três, realizaram cartazes sobre instituições. O resultado final foi bastante positivo, os alunos foram capazes de trabalhar em grupo sem gerar grande “confusão”, apenas a considerada adequada tendo em conta o tipo de atividade desenvolvida. Durante as apresentações dos cartazes alguns alunos mostraram-se mais à vontade que outros, pois alguns limitaram-se a ler, outros acrescentaram algo mais sobre a sua instituição. Neste momento, para além de pretendemos que os alunos adquirissem conhecimentos da área de Estudo do Meio, permitiu uma interdisciplinaridade, em particular com o Português, pois, *“pelo seu carácter transversal, o Português constitui um saber fundador, que valida as aprendizagens em todas as áreas curriculares e contribuiu de um modo decisivo para o sucesso escolar dos alunos”* (Reis 2009; p. 21).

Não tendo sido possível a apresentação de todos os cartazes no mesmo dia, foi visível o interesse dos alunos em exporem o seu trabalho, pois perguntaram quando iriam fazer e se iam fazer. Apesar de não terem sido os alunos a afixar os cartazes no corredor ficaram muito contentes por verem os seus trabalhos expostos e verem os colegas das outras salas interessados (fig.25).



Figura 24- Trabalho em grupo



Figura 25- Trabalhos finalizados

Relativamente à área curricular de Matemática, considero que a abordagem ao conteúdo Diagrama de Venn foi positiva, no sentido em que após a primeira explicação e análise do gráfico os alunos foram capazes de analisar e interpretar os dados de qualquer diagrama. De tal modo que quando apresentado o diagrama que demonstrava a preferência dos alunos por três frutas, apesar da sua complexidade compreenderam e foram capazes de responder às questões.

Terminada esta fase de aprendizagens, considero que esta foi muito vantajosa para mim. Cresci e aprendi muito, mas mais ainda há muito mais para prender e crescer como profissional. Este foi apenas o início de uma longa caminhada de aprendizagens.

2. Projeto de Investigação

Nesta segunda parte do relatório, será apresentada a investigação realizada durante a Prática do Ensino Supervisionada do 1º Ciclo do Ensino Básico. Esta integra: (i) justificação e contextualização do Estudo; (ii) problemática, questões e objetivos da investigação; (iii) enquadramento teórico que se subdivide em quatro subtópicos: ensino das ciências; contextos de educação – formal/não formal ; ensino e aprendizagem em espaços não formais. No âmbito do Estudo de investigação, integra também esta segunda parte do relatório: (iv) a metodologia, que se subdivide nos seguintes pontos: perspetiva metodológica do Estudo; técnica de recolha de dados; validação e procedimentos de execução da visita de estudo que se divide em antes da visita; durante a visita e depois da visita, (v) a exposição e análise de dados; (vi) perspetiva do professor titular de turma, conclusões e considerações finais.

Através desta investigação pretende-se demonstrar de que forma os espaços não formais contribuem para a melhoria das aprendizagens em contexto formal, assim como, contribuir para o desenvolvimento de práticas que melhorem a ação educativa de forma a que os alunos obtenham mais e melhor sucesso.

Com esta investigação pretendemos testar e apresentar algumas das vantagens de práticas educativas em contexto não formal no 1º ciclo do ensino básico, não querendo, com isto, dizer que não seja possível desenvolver práticas desta natureza em contexto de educação pré-escolar. Optamos, por diversos condicionalismos, por desenvolver o nosso estudo com uma turma de 2º ano do 1º ciclo do Ensino Básico.

Quando falamos em investigar, rapidamente associamos à procura de uma resposta a um problema ou questão. Como refere Nieto 2002; p. 16 “(...)una investigación se origina en la aperción de un problema o situación conflictiva y su finalidad consiste en obtener personalmente una respuesta (...)” Isto é uma busca, procura em obter resposta às questões, podendo o resultado validar ou não as hipóteses prévias.

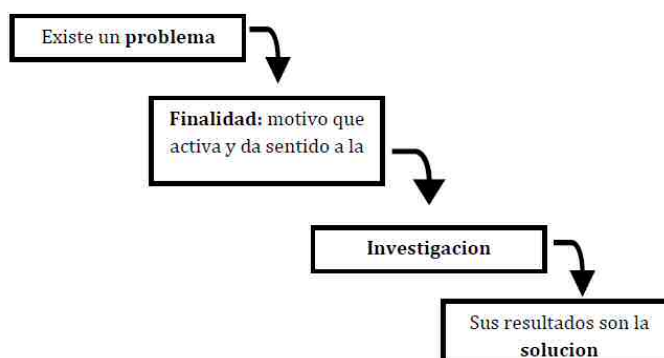


Figura 26- Processo de investigação (Nieto 2002 p. 16)

Cada vez mais é necessário que investiguemos; através da investigação aprofundamos, adquirimos novos conhecimentos e competências. Para além disso, é uma forma de estar, pois o professor questiona e questiona-se, de forma a refletir sobre as suas ações, como refere Alarcão (s/d) *“todo o professor verdadeiramente merecedor deste nome é, no seu fundo um investigador e a sua investigação tem íntima relação com a sua função de professor”*(p.6), considera-se que o papel de professor e o de investigador estão intimamente ligados. Considera-se, também, que a investigação não deverá ser apenas realizada para a obtenção de um grau, esta poderá e deverá ser desenvolvida com o intuito de atingir outros objetivos no sentido da inovação profissional.

2.1. Justificação e contextualização da Investigação

Como mencionado anteriormente, o nosso estudo desenvolveu-se em Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico (PS1º CEB), com uma turma de 2º ano de escolaridade Tal deveu-se à impossibilidade e falta de coordenação para que esta se pudesse também desenvolver durante a Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar (PSEP) que desenvolvemos no 2º semestre do curso.

Com base nos nossos conhecimentos e tendo em conta o panorama geral quando consideramos o ensino, pensamos neste sempre como, ensino formal (dentro da escola), que não possibilita contacto com outros espaços propícios à aprendizagem e que não permite alternativa aos modelos de ensino que se centram na sala de aula. No entanto, ao longo dos anos essa tendência tem-se alterado de tal modo que, quando reformulado o Programa de Estudo do Meio essa tendência tornou-se visível através de

situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto directo com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, bem como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão apreendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos (ME 2001 p. 102).

É, de facto, valorizada a interligação entre educação formal e não formal.

Apesar de algumas investigações já realizadas neste âmbito, consideramos interessante verificar e importante na nossa formação, testar pessoalmente as vantagens que os espaços de educação não formal oferecem. Tendo por base estudos realizados anteriormente, estes indicam que *“a educação não formal responde às necessidades individuais do aluno, tende a oferecer valor para a vida, preparar o aluno para lidar com os problemas futuros”* (Dib 1997 citado por Praia 2006; p. 18).

Pretende-se com este estudo evidenciar as potencialidades que espaços não formais possibilitam às aprendizagens dos alunos. Sobre este aspeto, *“vale ressaltar que as práticas desenvolvidas fora da sala de aula devem estar em consonância com os objetivos curriculares, possibilitando assim um maior sentido ao que é aprendido pelos alunos.”* (Oliveira & Gastal 2009).

2.2. Problemática, questão e objetivos da Investigação

Partindo da temática “espaços não formais de educação” e dos vários estudos desenvolvidos acerca da mesma, os quais têm evidenciado as suas potencialidades para as aprendizagens dos alunos, consideramos importante desenvolver esta investigação, tendo por base o espaço não formal, Horto de Amato Lusitano. Como futuros profissionais e investigadores deveremos vivenciar e colocar em prática novas estratégias de ensino e avaliar a sua relevância. Deste modo, apesar de vários estudos apontarem as potencialidades, nós como futuros profissionais da educação, devemos ter oportunidade de as comprovar por nós.

Deste modo, o estudo que nos propomos desenvolver toma como problema de investigação compreender em que medida um espaço formal conjugado com um espaço não formal de educação estimula e potencia as aprendizagens de Ciências, nos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Propomo-nos, assim, responder à seguinte questão:

Em que medida um espaço não formal contribui para aprendizagens relevantes de Ciências dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico?

Formulada a problemática através da questão anterior, definem-se os objetivos de estudo:

Compreender as potencialidades do Horto Amato Lusitano para o ensino das Ciências no 1º Ciclo do Ensino Básico;

Planear, implementar e avaliar em que medida as atividades realizadas no Horto Amato Lusitano contribuem para aprendizagens dos alunos.

2.3. Enquadramento Teórico

2.3.1. Ensino das ciências

Em termos curriculares o ensino das Ciências ainda não se encontra tão valorizado como o ensino da Matemática ou da Língua Portuguesa. Como é referido por Sá (2002; p. 29) *“a falta de tempo é a justificação para a conhecida falta de empenhamento em relação às Ciências da Natureza nas nossas escolas do 1º Ciclo.”*

Muitos docentes consideram, que ao abordar outras matérias em sala de aula prejudicarão o ensino da Matemática ou da Língua Portuguesa. Porém, para aprender Ciências é necessário a comunicação, a escrita e a compreensão, assim como, a Matemática é importante na aprendizagem das Ciências para fazer contagens e medições em várias atividades, sendo evidente uma necessária articulação entre as áreas, não nos podendo cingir ao ensino de uma disciplina ou área por si só. Pois ao realizar outras atividades, neste caso atividades de Ciências, os alunos são estimuladas a falar, descrevendo e interpretando o que observam, procurando novas palavras, alargando o seu vocabulário face às novas situações. Pretendemos demonstrar que ao trabalhar as Ciências em sala de aula não se colocam de parte outras disciplinas, pelo contrário, poderão contribuir para o desenvolvimento e construção de conhecimentos dessas áreas. Como refere o Ministério da Educação *“O Estudo do Meio está na intersecção de todas as outras áreas do programa, podendo ser motivo e motor para a aprendizagem nessas áreas”.* (ME 2004; p. 101)

O propósito da Educação em Ciências é preparar os jovens para uma vida satisfatória e completa. Assim, o currículo e os professores devem estimular o entusiasmo e o interesse pela ciência de modo a que os jovens se sintam confiantes e competentes para se envolverem com matérias técnicas e científicas; e ao mesmo tempo ajudá-los a adquirir uma compreensão vasta e geral (DGIDC 2010).

Nesse sentido, para além da articulação entre as áreas, vários autores alertam que a contextualização facilita o desenvolvimento de competências básicas. (Sá, 2002; Jorge & Paixão, 2012; Paixão, Jorge & Martins, 2012) Uma das metas referidas por Lemke (2006 p. 7) no ensino das ciências é que *“enseñar ciencias en una relación más estrecha com la matemática, la historia, la literatura, la economía, la política y los valores morales”*

A Unesco em 1983 citado por Sá (2002; p. 32), argumentava que

a ciência pode ajudar as crianças a pensar logicamente sobre o dia a dia e a resolver problemas práticos simples. Tais competências intelectuais serão úteis para elas onde quer que vivam e independentemente da profissão que vierem a ter;” para além disso *“o ensino das ciências promove o desenvolvimento cognitivo; e a escola primária é terminal para muitas crianças em muitos países, e constitui portanto a única oportunidade para explorarem o ambiente de forma lógica e sistemática.*

Como referido anteriormente pretende-se que as crianças pensem logicamente sobre o seu dia a dia, tendo a possibilidade de contacto direto, vivenciando na primeira

pessoa a experiência ou fenómeno, como descrito no Programa de Estudo Meio

(...)através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto direto com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, bem como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão apreendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos.
(ME 2004 p. 102)

Pretende-se, através das Ciências, que os alunos adquiram ferramentas de conhecimentos válidas para hoje e para a sua vida futura. Não apenas que memorizem e, decorem situações, pretende-se que investiguem por si e construam um conhecimento geral. Como refere Lemke (2006 p. 6)

La educación debe proponerse contribuir a la mejora de la vida social: dar a más gente en el mundo oportunidades para una vida mejor y salvaguardar estándares mínimos de bienestar social para todos; enseñar a tener una perspectiva global, y no solo local o nacional (...) para los niños pequeños: apreciar y valorar el mundo natural, potenciados por la comprensión, pero sin eliminar el misterio, la curiosidad y el asombro; para los niños de edad intermedia: desarrollar una curiosidad más específica sobre cómo funcionan las tecnologías y el mundo natural, cómo diseñar y crear objetos y cómo cuidar las cosas, y un conocimiento básico de la salud humana.

Contrariamente ao que algumas vezes se pensa, o conhecimento em Ciências não é estável e seguro, mas sim, algo que se adapta constantemente a diferentes contextos de natureza incerta e complexa. (Morin 1999 citado por Cachapuz et al 2002)

Atualmente ainda é muito falada e elogiada a perspectiva de ensino por descoberta, contudo, para se poder compreender que, em termos das aportações da investigação em didática das ciências, esta perspectiva já está longe de ser apropriada a uma aprendizagem consistente, há necessidade de nos centramos na evolução histórica das perspectivas do Ensino das Ciências. Cada uma das perspectivas não se encontra isolada das restantes, mas enquadrada num movimento evolutivo, tendo tido momentos graduais e de rutura. (Cachapuz et al 2002)

O ensino por transmissão pressupõe que o professor é um mero transmissor de ideias e teorias as quais são retidas e armazenadas pelo aluno, dando importância exclusiva ao papel do professor, deixando de parte conhecimentos anteriores dos alunos. Contrária à perspectiva anterior, surgiu a perspectiva por descoberta que, parte do pressuposto que o aluno, por ele mesmo, a partir da observação, busca e, investiga de forma autónoma, através de um método científico de cariz indutivista, e descobre conhecimento. Apesar das insuficiências desta perspectiva, realçou-se a importância do trabalho experimental e valorizou-se o papel do aluno.

Devido à investigação em didática das ciências, principalmente nos anos 80, vivenciaram-se os anos mais ricos em experiências pedagógicas, evoluindo a anterior ideia de que os alunos descubrem o conhecimento e o registam sobre uma tábua rasa

da sua mente para a perspetiva de ensino por mudança conceitual a qual atribui relevo às ideias pré existentes (concepções alternativas) dos alunos relativamente aos conceitos a aprender e que, ajudados a ultrapassar os obstáculos dessas ideias prévias constroem o seu próprio conhecimento. Na evolução desta perspetiva, situa-se a perspetiva de ensino por pesquisa que considera também o valor do contexto e dos valores (Cachapuz et al 2002), ou seja, da natureza da ciência indissociável da tecnologia e da sociedade, no mundo atual, o que conduz a abordagens educativas radicalizadas na humanização e culturalização das ciências (Paixão 2006)

É visível no Programa de Estudo do Meio o tipo de perspetiva de Ensino pretendido, tendo em conta que é referido que:

(...) cabendo aos professores proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada (...) através de diversificadas situações de aprendizagem que incluam o contacto directo com o meio envolvente da realização de pequenas investigações e experiências reais (...). (ME 2004; p. 102)

Considera-se importante o trabalho prático e ou trabalho experimental pois facilita as aprendizagens dos alunos, na ideia de que se retém melhor o que realizamos e sobre o que refletimos de modo a fazer sentido para quem aprende. Daí que se considere importante que associemos teoria e prática, pois em consonância constroem o conhecimento. Pensa-se que com a utilização do trabalho experimental se consiga abranger um maior número de experiências a nível das sensações e da manipulação enriquecendo a apreensão de conteúdos. (Mesquita 2002)

2.3.2. Contextos de educação- Educação formal/não formal

É importante que clarifiquemos e apresentemos algumas definições de educação formal- e de educação não formal de modo a clarificar esses conceitos dado que nem sempre são convergentes e as definições apresentadas são inúmeras.

Consideramos que a educação tem lugar em todas as idades da vida e na multiplicidade das situações e das circunstâncias da existência. A sua verdadeira natureza é ser global e permanente, e ultrapassa os limites das instituições, dos programas e dos métodos que lhe impuseram ao longo dos séculos (Werthein 2000).

Segundo o autor mencionado, a educação não se baseia apenas na aprendizagem formal. Para Hamadache (1991, citado em Costa, 2007), a aprendizagem formal desenvolve-se em contextos próprios (escolas, universidades, institutos) encontra-se ligada a um currículo bem definido, cronologicamente escalonado e é desenvolvida sob a orientação de técnicos profissionalizados e especializados.

No que se refere ao ensino não formal, em Portugal este não é conhecido ou operacionalizado frequentemente. Mas, atualmente, encontra-se no centro de debates educativos por toda a Europa e no mundo desenvolvido. De tal modo que em 2003 o Comité de Ministros do Conselho da Europa “recomendou” que os Estados

pertencentes à Convenção Cultural Europeia reafirmassem a importância da educação/aprendizagem não formal no processo de aprendizagem ao longo da vida, trabalhando padrões de reconhecimento efetivo da educação não formal como parte essencial da educação em geral, no sentido de qualificar profissionais e qualificar a aprendizagem proporcionada. Sendo as orientações de natureza política partilhadas com a Comissão Europeia que em 2004 reconheceu que “*no contexto do princípio da aprendizagem não formal tem por finalidade tornar visível e valorizar todo o leque de conhecimento e competências detidos por uma pessoa independentemente do local ou da forma como foram adquiridos*” (Pinto, 2005 p. 1).

Atualmente, no que se refere ao conceito de educação não formal, quando mencionado surgem inúmeras definições, não sendo consensual a sua definição.

Para Gadotti (2005) a educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada, como é o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas a nível nacional, com órgãos fiscalizadores dos ministérios da educação.

Hamadache (1991) e Gadotti (2005) defendem que a educação formal tem objetivos claros e contextos próprios onde se desenvolvem essas práticas.

No entanto, se repararmos na nossa sociedade, esta tem cada vez mais multiplicidade de situações e é cada vez mais global, não se resignando a aprendizagem apenas e só à escola. A nossa educação está em evolução pois tem ultrapassado os limites que foram impostos ao longo dos séculos.

Ao “ultrapassarmos” os limites das instituições, estamos a permitir que os alunos possam contactar com espaços não formais de educação.

Segundo a UNESCO (1997)

Non formal education may therefore take place both within and outside educational institutions, and cater to persons of all ages. Depending on country contexts, it may cover educational programmes to impact adult literacy, basic education for out- of- school children, life- skills, work – skills and general culture. Non- formal education programmes do not necessarily follow the ‘ladder’ system, and may not confer certification of the learning achieved. (p. 1)

Para Martins (1999, citado por Praia, 2006) a aprendizagem não formal desenvolve-se fora da escola, é veiculada pelos museus e Centros de Ciência, pelos meios de comunicação e tem lugar de acordo com a vontade dos indivíduos. Dado o seu carácter não obrigatório, e pretendendo os seus proponentes atingir um público heterogéneo, é normalmente concebida de forma a tornar-se agradável para os alunos.

Para além disso, Canavarro (1999, citado em Praia, 2006) refere que experiências levadas a cabo em museus, centros de ciência, jardins botânicos, aquários, planetários mostram que estes locais se podem assumir como experiências de envolvimento e

participação na ciência, mesmo que esta não seja apresentada nesses locais numa forma linear.

Tendo por base as referências anteriores, consideramos importante a ligação das aprendizagens efetuadas no ensino formal com as realizadas em espaços não formais. O facto de um conteúdo ser trabalhado em ambiente formal, pode também ser explorado num ambiente não formal, permitindo aos alunos confiança e aprendizagens mais significativas e mais ativas.

Como refere Pozo (1996) citado por Martins (1999):

Aprender pressupõe um processo pessoal e activo de construção de conhecimento. Esta perspectiva construtivista opõe-se à concepção de sujeito receptor passivo de saberes transmitidos e supõe que, num qualquer processo de ensino e de aprendizagem, o aluno deva ser considerado um sujeito activo. (p. 25)

Ao tomarem consciência de que os saberes aprendidos na escola se podem interligar com saberes práticos do dia a dia, em espaços fora da escola torna os alunos mais motivados.

2.3.3. Horto de Amato Lusitano

Tendo presente a linha de base da nossa investigação, interação de contextos de educação formal/não formal, e considerando as potencialidades do Horto de Amato Lusitano, assim como, os diversos trabalhos desenvolvidos no âmbito da mesma temática, podendo destacar, entre outros, Santos 2012, Jorge, Paixão & Nunes (2012), Paixão, Jorge e Martins (2012), Martins (2011), Nunes (2011), Gonçalves (2009) e Costa (2007). Analisando e tendo em conta todos estes trabalhos, conclui-se que as interações realizadas nestes espaços são vantajosas e favoráveis as aprendizagens dos alunos. Há, contudo, a necessidade de construir, implementar e validar novos temas e atividades destinadas a crianças de diferentes anos de escolaridade.

O Horto de Amato Lusitano foi criado em 1998 e situa-se na área envolvente da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, com vista a homenagear Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco). A arte de curar deste médico albacastrense do século XVI, tinha como grande suporte as plantas, a maioria delas fáceis de encontrar na região da Beira Interior. Dado que os setores agrícolas e florestais contribuíram para o desaparecimento de algumas das espécies utilizadas, foi proposto ao Programa Ciência Viva, do Ministério da Ciência e Tecnologia, a criação desse Horto, no qual se reunissem algumas espécies utilizadas por Amato.

Um Horto é uma pequena horta ou um jardim onde se cultivam alguns exemplares como: espécies ornamentais, medicinais ou para fins experimentais.

O Horto de Amato Lusitano contém três áreas contíguas mas distintas pelo tipo de

cultura: (a) arbóreas e arbustivas, (b) hortícolas e (c) aromáticas, estando cada um dos locais assinalado com uma placa de identificação. O facto de existir espaço pavimentado em quadrados e de ser um espaço amplo aumenta a possibilidade realização de atividades diversificadas.

Este espaço de educação não formal tem potencialidades para o desenvolvimento de atividades de ensino e aprendizagem, tanto para futuros professores como para crianças das escolas da cidade e para investigação da relação entre espaços de educação formal e não formal. (Jorge & Paixão, 2012)

Permite-nos, assim, termos contacto com espaços não formais e conhecer as suas potencialidades de forma a valorizar as inter-relações entre as aprendizagens formais e não formais, por forma a conhecermos e evidenciaremos o valor dos ambientes não formais no ensino e aprendizagem, alertando-nos para formas de ensino mais motivantes e apelativas para os alunos. Como referem as autoras ao realizarmos atividades com as quais os alunos se identificam e vêem a sua utilidade em práticas do dia a dia, mais interessados e predispostos se encontram para a aprendizagem que se pretende transmitir.

Aliás, como referido por Paixão (2006):

as actividades contextualizadas em ambientes não formais do meio próximo dos alunos servem de base à passagem do saber ao saber fazer, saber ser e saber estar, contribuindo para a mobilização de saberes interdisciplinares e transversais e para o desenvolvimento de capacidades, competências, atitudes e valores, de modo mais significativo. Para esta autora, com o meio próximo criam-se situações em que Escola e Comunidade partilham espaços e tempos formais e informais, recursos materiais e experiências de cidadania. (p. 173)

Tirando partido dos recursos existentes, ao dispor da escola e da comunidade, através do Horto de Amato Lusitano, e tendo por base o tema em estudo, pretende-se através dos mesmos, que os alunos conheçam tipos de solos e suas características. Os alunos podem também conhecer um pouco da tradição e da cultura da sua terra, uma vez que este projeto se desenvolverá no Horto que visa salvaguardar algumas das espécies utilizadas por Amato Lusitano e ainda usadas em mezinhas caseiras.

Para além dos conhecimentos relativos aos tipos de solos considero importante o contacto que os alunos terão ao poderem plantar e semear. Ao mesmo tempo, trata-se de possibilitar o contacto com o meio ambiente, ao ar livre e em contacto com a terra, pois atualmente são raras as crianças que contactam diretamente com o solo que conhecem os diferentes tipos de plantas existentes (espontâneas e cultivadas).

2.3.4. Ensino e aprendizagem em espaços não formais

O conceito de Museus e Centros de Ciência surgiu há alguns anos, nos Estados Unidos, sendo atualmente alargado o sentido de ensino não formal a vários espaços, como: Jardins Botânicos, Jardim Zoológicos, Parques da Cidade entre muitos outros espaços que podem contribuir para as aprendizagens dos alunos. Verificamos que ao longo dos anos a ideia de visita a um museu, entre outros, se foi alterando. Como refere (Padilla 2001) a “*primeira geração*” desses espaços enfatiza a herança cultural através da conservação e exposição de objetos de valor intrínseco os de “*segunda geração*” enfatizam a finalidade de mostrar os produtos históricos da ciência, o progresso e tecnologia, colocando ênfase na exposição da tecnologia industrial, com o propósito de utilidade pública e de ensino, os de “*terceira geração*” não têm presença significativa de objetos museológicos no sentido tradicional, abordam vários temas com base em exposições e aparatos interativos. Estes últimos têm como princípio a participação ativa dos visitantes, daí o seu carácter interativo, que procura a interdependência e a ação recíproca entre a exposição e o usuário. Contudo, muitos outros espaços podem transformar-se em locais de educação não formal e proporcionar aprendizagens muito relevantes, particularmente se incentivam a interatividade.

Ainda de acordo com Padilla (2001):

Estes espaços apoiam o ensino formal de variadas formas:

Através de visitas de estudo - das quais se retiram grandes benefícios quando organizadas com objetivos de aprendizagem específicos;

Apoio direto aos professores- alguns centros oferecem formações para ampliar a capacidade docente e desenvolvimento profissional;

Apoio direto às escolas - alguns dos centros comprometem-se a “levar” exposições às escolas, organizando atividades. (p. 120)

Para além disso Proctor (1973) citado por Chagas (n.d.) refere que os espaços interativos têm uma dupla função “*que consiste em estimular a curiosidade do visitante e em despertar-lhe o gosto pela investigação pessoal.*” (p.2) Para além disso, permitem que não se construam barreiras, isto é, ultrapassam a ideia de que os museus são apenas locais para visitar e nos quais temos de nos manter afastados de tudo e sem tocar. Através de ensino neste de espaços pretende-se que essas barreiras sejam quebradas demonstrando e inculcando nos alunos um outro tipo de espírito, relativamente a estes locais.

Achamos importante referir e aprofundar um pouco melhor este assunto no sentido de demonstrar de que forma estes espaços são considerados espaços não formais de educação, pois muitas vezes não pensamos neles como tal, devido às ideias construídas anteriormente.

2.4 Metodologia

2.4.1. Perspetiva Metodológica do Estudo

A natureza da metodologia utilizada foi de tipo qualitativo. Watson e Gegeo (1982, citado por Serrano, 2004) indicam que a investigação qualitativa consiste em descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos observáveis. Para além disso, interessa o que é dito pelos alunos, as suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões, tal como são expressadas por eles mesmos. Neste tipo de metodologia, os interesses e o que cada um pensa sobre o assunto em estudo, são importantes, uma vez que podemos retirar conclusões úteis para a prática daquilo que investigamos.

Taylor e Bogdam (1986, citado por Serrano 2004): na investigação qualitativa os investigadores seguem um desenho de investigação flexível; a metodologia qualitativa do investigador visiona o cenário e as pessoas de uma perspetiva holística, as pessoas e cenários não são reduzidos a variáveis, são considerados como um todo; são sensíveis aos sentimentos que eles próprios causam sobre as pessoas em estudo, a interação com informadores são feitas de um modo natural e não pressionando; é essencial para o investigador experimentar a realidade tal como os outros experimentam.

Desenvolvendo-se a investigação na nossa prática de ensino supervisionada, no sentido de sobre ela refletirmos em maior profundidade, inserido na perspetiva qualitativa o tipo de investigação mais ajustado é a Investigação- Ação (IA). Tal permite ao investigador planear, implementar na prática, observar e refletir para mais tarde, seguindo novos ciclos de investigação e ação adaptar e continuar a melhorar a prática. Podemos sempre refletir sobre o que foi feito podendo recorrer a uma nova estratégia por forma a atingir os objetivos pretendidos.

A investigação-ação desenvolve-se em ciclos sucessivos (fig. 27¹) reajustando a ação inicial.

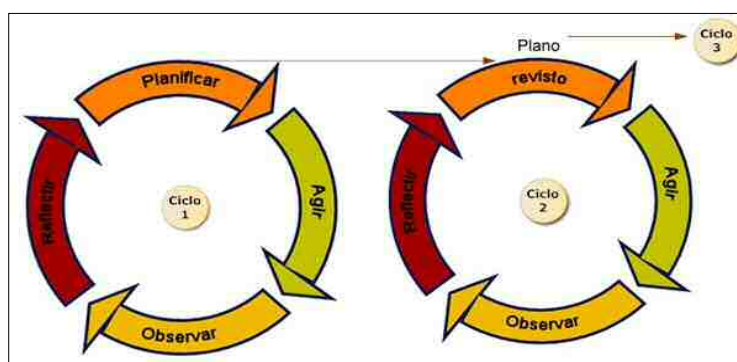


Figura 27- Espiral de ciclos da Investigação Ação

¹ Retirado de http://faadsaze.com.sapo.pt/11_modelos.htm acessado a 29 de setembro de 2012.

Para Halsey (1972, citado por Cohen, 2002) investigação Ação consiste numa pequena intervenção no funcionamento do mundo real e um exame próximo dos factos de tal intervenção.

Ferrance (2000) encara a investigação ação como:

A reflective process that allows for inquiry and discussion as components of the research. Often, action research is a collaborative activity among colleagues searching for solutions to everyday, real problems experienced in schools, or looking for ways to improve instruction and increase student achievement.

Analisando os conceitos citados acerca de IA verifica-se que existem alguns aspetos que são comuns a vários autores e outros que se complementam. Assim, a IA pode ser encarada como uma pequena intervenção que decorre no mundo real e próximo, melhora a prática docente, enriquecendo professores, alunos e investigadores, ajudando o professor a desenvolver as suas destrezas, sendo esta, por vezes, colaborativa, procurando solucionar os problemas existentes todos os dias e procurando sempre melhorar o desempenho do professor e, conseqüentemente as aprendizagens dos alunos.

No que se refere ao nosso estudo em concreto, desenvolvemos apenas um ciclo da investigação ação pelo condicionamento do tempo, sendo possível vir mais tarde a reajustar a ação no âmbito da prática profissional futura.

2.4.2. Técnicas de recolha de dados

Observação

Contrariamente ao que se pensa, não é assim tão linear definir com alguma precisão “observação”. Muitos especialistas fizeram esforços nesse sentido, mas as suas definições são pouco consisas.

Ketele (1993) referiu que “*Observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objetivo final ou organizador e dirigido a um objetivo para recolher informações sobre ele*” (p.22). Quando observamos a nossa capacidade de observação tem de estar toda dirigida e concentrada nos movimentos que nos rodeiam com o intuito de selecionar a informação mais pertinente. Ao observamos, temos de ter em conta os objetivos da investigação, organizando o próprio processo de investigação.

Notas de campo

As notas de campo referem-se a anotações retiradas pelo investigador em contacto direto com população os sujeitos em estudo, tendo em conta acima de tudo as interações e ações dos indivíduos observados.

Produções escritas dos alunos (textos e desenhos)

Este tipo de recolha de dados será elaborado após a realização de atividades relacionadas com a investigação, os alunos poderão redigir pequenos trechos ou mesmo desenhos acerca de como decorreram as atividades, descrevendo/ilustrando a sua atividade preferida.

Entrevista

Quando referida a palavra entrevista ocorre-nos uma pequena definição geral: consiste num diálogo entre duas pessoas, onde existem variadas perguntas que necessitam de uma resposta.

Tendo por base alguma pesquisa, verifica-se que as definições para a entrevista são bastas, e não se cingem, ou mesmo se assemelham, à definição pela qual é vulgarmente definida.

A entrevista, como técnica de recolha de dados, na investigação, é um método de recolha de informação/dados que deverá apresentar um carácter multilateral. Quando o método de recolha de dados se trata da entrevista, a população deve obedecer a uma seleção precisa de pessoas tendo em conta os objetivos da entrevista.

A entrevista designa-se de entrevista livre quando o entrevistador se abstém e deixa o entrevistado à vontade, sem um sentido orientador; entrevista estruturada, quando entrevistador faz perguntas e às quais o entrevistado apenas poderá dar uma resposta, sendo esta planificada e seguindo uma ordem; a entrevista semiestruturada, o entrevistador tem preparadas algumas perguntas mas também contém algumas perguntas de resposta aberta, em que o entrevistado poderá “divagar” no assunto (Ketele & Roegiers 1993 p.21).

Como em todos os métodos de recolha de dados, os objetivos podem ser muito diversos e definidos devidamente, caso contrário os objetivos pretendidos poderão não ser alcançados.

As técnicas a utilizar possibilitam, na totalidade e em interseção, o estudo da nossa ação na prática, envolvendo e considerando a participação dos indivíduos em estudo. Tratando-se efetivamente de um estudo de carácter qualitativo, pela observação é possível ao investigador observar efetivamente o comportamento dos indivíduos perante as situações presentes. Efetuando e retirando anotações, que definimos como notas de campo, essas serão anotadas durante e após observação. Através dos textos e desenhos das crianças poderemos também obter dados relevantes relativamente ao que foi observado ou do que se pretende compreender.

Sendo a entrevista um dos nossos métodos de recolha de dados em seguida apresentaremos o guião de entrevista à professora cooperante construído por nós com o objetivo de obter a sua opinião relativamente ao valor da proposta de ensino, de inter- relação entre o espaço formal da sala de aula e o espaço não formal do Horto de Amato Lusitano, que delineámos e implementamos.

Questões**Sobre o Antes da visita**

Quando lhe apresentámos a proposta para o projeto de investigação, como o encarou? Porquê?

Quando analisou a nossa planificação das atividades, considerou que estavam adequadas? Porquê?

As atividades desenvolvidas antes da visita, na sala de aula, foram adequadas? Proporcionaram motivação para a visita?

O facto de se ter trabalhado a temática “Profissões” na semana anterior à implementação do projeto de investigação facilitou algumas das atividades realizadas em sala de aula, antes da visita? Em que medida?

Sobre o Durante a visita

As atividades realizadas no Horto de Amato Lusitano estavam adequadas à faixa etária dos alunos e aos seus conhecimentos?

Houve articulação entre as diferentes tarefas propostas no Horto de Amato Lusitano?

Das atividades no Horto de Amato Lusitano, houve alguma que considerasse mais interessante? Porquê?

Houve aspetos menos positivos em alguma das atividades, realizadas no Horto de Amato Lusitano? Porquê?

Na sua opinião, existiu integração das áreas da Matemática e do Estudo do Meio nas tarefas propostas? Há alguma atividade onde essa integração fosse mais visível?

Relativamente aos recursos didáticos utilizados nas diferentes tarefas:

Permitiram clareza na apresentação das tarefas?;

A linguagem estava adequada ao grupo de crianças?;

Os materiais estavam adequados às tarefas?

Achou que os alunos tiveram dificuldades na realização das tarefas no Horto?

Considera que houve articulação entre as atividades desenvolvidas antes da visita, em sala de aula, e no Horto de Amato Lusitano?

Sobre o Depois da visita

Considera que a atividade “Ajuda o Amato Lusitano a deslocar-se no Horto” se tornou de mais fácil resolução devido à visita ao Horto?

O facto de os alunos terem contactado com materiais de vários tipos no Horto,

facilitou a realização da atividade “Quais os materiais que utilizaste no Horto de Amato Lusitano”?

Considera que a visita enriqueceu o trabalho desenvolvido em sala de aula? Se sim, de que modo?

Em que medida estas atividades contribuem para o desenvolvimento de capacidades e de atitudes dos alunos?

Como considera, do ponto de vista da aprendizagem dos alunos, a articulação entre os espaços de educação formal e não formal? Porquê?

O trabalho desenvolvido neste projeto de investigação articulou-se com a Prática Supervisionada?

2.4.3. Validação

Tendo presente e confrontando as diferentes fontes de dados: pessoas, instrumentos, documentos ou combinação destes métodos utilizados na recolha de dados, estamos na presença de um método de triangulação usado na investigação qualitativa. Segundo Manion (2002) trata-se “[d]el uso de dos o más métodos de recogida de datos sen el estudio de algún aspecto del comportamiento humano”(p.331). Coutinho (2008) em certa medida defende o mesmo ideal de triangulação acrescentando algo mais, e dando credibilidade e fidelidade aos instrumentos de recolha de dados.

A triangulação consiste em combinar dois ou mais pontos de vista, fontes de dados, abordagens teóricas ou métodos de recolha de dados numa mesma pesquisa por forma a que possamos obter como resultado final um retrato mais fidedigno da realidade ou uma compreensão mais completa dos fenómenos a analisar. (p.9)

Este tipo de método implica a obtenção de relatos sobre uma determinada situação de ensino a partir de três pontos de vista bastante distintos: a partir do professor, dos alunos e do observador participante. O processo de obtenção de dados, a partir dos três pontos de vista referidos, tem justificação epistemológica. Cada vértice do triângulo situa-se numa posição epistemológica única com o intuito de aceder a dados relevantes sobre determinada situação de ensino. A pessoa que ocupa lugar privilegiado de forma a obter intenções e objetivos da situação, é o professor. Os alunos ocupam melhor posição para explicar como as ações do professor influenciam as suas respostas. O observador participante encontra-se na melhor posição para reconhecer os dados relativos às interações entre professor e aluno (Elliot 1990).

A triangulação tal como muitos outros conceitos, gera em alguns casos controvérsias em volta da sua definição, é certo que este método de recolha de dados se realiza com base em vários métodos, mas a principal discordância está em volta da sua validação. Fielding e Schreier (2001) citados por Duarte (2009) defendem a ideia de que os resultados produzidos com diferentes métodos podem ser usados para a validação mútua, considerando que esta constitui uma visão clássica do conceito.

De forma a ser credível a utilização dos dados recolhidos é necessário trata-la e organiza-la. Esta consiste na separação das unidades, identificando e classificando elementos para posterior síntese e agrupamento para que se disponham e transformem para a obtenção de resultados e conclusões (Gómez 2012).

De forma mais sucinta, trata-se de organizar os dados obtidos, transcreve-los para texto e codificá-los, tendo a codificação dois níveis, primeiro gerar unidades de significado e categorias e, segundo, fazer emergir temas e relações entre conceitos, produzindo no final uma teoria fundamentada em dados. (Hernández et al citado por Gómez 2012)

2.5. Procedimentos de execução da visita de estudo

2.5.1. Antes da visita

Todas as visitas de estudo necessitam de uma preparação prévia, não tendo sido a nossa uma exceção. A preparação prévia permite estruturar a visita de modo a que esta corra pelo melhor, assim como, permite a obtenção dos objetivos propostos a atingir.

Antes de nos deslocarmos ao local com os alunos e de planificar as atividades a desenvolver, realizamos uma visita prévia, de modo a verificar o local, conhecer as suas características físicas e potencialidades educativas.

Como referido anteriormente o Horto de Amato Lusitano encontra-se na área envolvente à Escola Superior de Educação, no entanto é de salientar que apesar disso as suas potencialidades não têm sido rentabilizadas. Este espaço tem vindo a ter mais visibilidade e a serem conhecidas as suas potencialidades através das investigações realizadas, sendo também através destas que damos a conhecer aos alunos e professores titulares de turma este espaço e suas potencialidades.

De forma a realizarmos a nossa visita ao Horto de Amato Lusitano, com os nossos alunos, sendo realizada alguma pesquisa acerca do mesmo. Durante a mesma consultamos a obra “Horto de Amato Lusitano – Uma ponte para a Cultura, Educação e Cidadania” (Salvado & Cardoso 2004) a qual descreve o Horto e espécies existentes no mesmo, assim como, algumas das atividades de ensino e aprendizagem aí desenvolvidas, entre 1998 e 1999, por antigos alunos dos cursos de Formação de Professores. A partir desta obra obtivemos uma visão geral das potencialidades oferecidas pelo Horto, pois as atividades eram vastas e diversificadas, demonstrando a possibilidade de adaptação do Horto ao tipo de visita que pretendíamos desenvolver. Consultamos também Relatórios de Estágios de anos anteriores e verificamos outros tipos de atividades proporcionadas pelo espaço, assim como a diversidade de temas.

Através das visitas realizadas e da pesquisa acerca do espaço, planificaram-se e desenvolveram-se as atividades a propor aos alunos, antes, durante e pós visita e construídos os instrumentos didáticos a utilizar durante a visita: guião do aluno, com a planta do Horto e onde se encontravam as atividades a desenvolver, e o guião do professor (Anexo 9) que apresenta informações adicionais fundamentais à supervisão e orientação dos alunos e das diferentes atividades a realizar por estes. Foram também identificados e enumerados os materiais necessários à execução das atividades

Para que o estudo e a visita pudessem ser realizados foram solicitadas as autorizações aos pais/encarregados de educação dos alunos participantes (Anexo 10). De modo mais informal foram solicitados o jardineiro e o técnico de laboratório da ESECB, para que disponibilizassem materiais e ajudassem na organização dos espaços a utilizar.

A turma era composta por 25 alunos, sendo estes acompanhados por 3 adultos (professor titular de turma (cooperante) e par pedagógico), tendo sido a turma organizada em dois grupos de oito alunos e um de nove alunos. De forma a promover a realização de trabalho de grupo e conseqüentemente o desenvolvimento de atitudes de autonomia, responsabilidade e trabalho colaborativo, ao organizarmos os grupos tivemos em conta o comportamento, relacionamento entre alunos e capacidade de liderança, neste último ponto o aluno com melhor capacidade de liderança foi o chefe do grupo. Foi fundamental o contributo do professor titular de turma devido ao seu conhecimento dos alunos e experiência profissional.

Após todo o processo anteriormente descrito deu-se início à preparação dos alunos para a visita ao Horto. No dia anterior à visita foram desenvolvidas atividades com base na visita, como apresentado anteriormente na planificação referente à preparação da mesma (Percurso de ensino e aprendizagem 6ª semana- trabalho grupo).

De forma breve apresentaremos as atividades desenvolvidas:

- Exploração das três imagens correspondentes às três zonas do Horto de Amato Lusitano, espalhadas pela sala
 - Questionando; O que está representado nestas imagens?; Porque é que estarão aqui na sala?; Pensam que serão imagens de Castelo Branco?;
- Apresentação da 1ª parte do *power Point* sobre o Horto de Amato Lusitano (1ª parte está relacionada com as zonas do Horto). A apresentação começa com uma imagem que será a conjugação das três imagens dispersas pela sala.
- através do jogo “O enforcado” os alunos deviam descobrir qual o nome do local representado na imagem. (explicitação das regras)
- Exploração da palavra Horto, leitura da definição no dicionário da definição;
- Apresentação do diapositivo com a planta espacial do Horto Amato Lusitano, exploração dos espaços
- Questão aos alunos, “Em quantas partes, ou zonas se divide o Horto?”
- Apresentação das regras a ter em conta no dia da visita;
- Sistematização dos conteúdos abordados até aqui, entrega de uma folha de sistematização;
- Observação e descrição de uma nova imagem (imagem de Amato Lusitano)
- Com base na imagem anterior é pedido aos alunos que indiquem qual acham ser o conteúdo principal do texto a explorar;
 - Leitura em voz alta pela professora;
 - Leitura silenciosa pelos alunos;
 - Leitura em voz alta pelos alunos;

- Identificação e exploração do vocabulário desconhecido.
- Entrega de uma folha com questões acerca do texto, para responder através de escolha múltipla
- Exploração das imagens Escola Básica Afonso de Paiva e a imagem da Escola Superior de Educação de Castelo Branco
- Exploração do mapa da cidade de Castelo Branco, no qual dois alunos tinham de identificar a Escola Superior de Educação e a Escola Afonso de Paiva e, traçar o percurso entre as duas;
- Questionamento aos alunos acerca das datas presentes no texto lido anteriormente;
- Anotação no quadro das datas; (construção de um friso cronológico)
- Em cada uma das datas os alunos têm de escrever o acontecimento passado;
- Questões aos alunos acerca das datas, de modo a que eles percebam o “antes”, “depois” e “agora”;
- Sistematização oral dos temas abordados ao longo do dia.

2.5.2. Durante a visita

O grande dia finalmente chegou, e após o seu adiamento por causas meteorológicas, o entusiasmo era ainda maior. Primeiramente relembramos as regras e cuidados a terem durante a nossa visita, para posteriormente entregarmos os guiões aos alunos para estes preencherem o seu nome, o nome do grupo e dos elementos que o constituíam. No final desta pequena tarefa os alunos retiraram do estojo apenas o material necessário, lápis, afia, borracha e lápis de cor verde e castanho, e colocaram-no na mochila junto ao lanche. Com a orientação do par pedagógico e professora titular formaram-se os grupos de trabalho para posteriormente os alunos se colocarem a pares e formarem uma fila. Organizados os alunos partimos rumo à nossa visita, dada a curta distância, deslocamo-nos a pé. Durante a deslocação até ao Horto a ansiedade e a vontade de conhecerem o espaço era enorme, quando viram a inscrição que identifica a Escola Superior de Educação mais evidente foi o seu entusiasmo.

Chegados ao Horto os alunos reuniram junto da planta espacial do Horto, como forma de relembrar as áreas que constituem o Horto e de terem uma melhor orientação. Questionou-se acerca de cada uma das zonas, assim como, onde se localizariam. O entusiasmo era tal que saíam dos próprios lugares para se dirigirem ao local mencionado. Após esta pequena exploração em grande grupo, cada uma das responsáveis chamou o respetivo grupo e indicou que poderiam retirar o lápis, a borracha e o guião da respetiva mochila. Cada uma das responsáveis deu o sinal de início. A partir deste momento cada uma de nós deu mais atenção ao seu grupo, não deixando de prestar atenção a pequenos comentários ou reações vindas de outros

lados. O entusiasmo era tal, que quando os grupos se cruzavam tentavam comunicar dizendo em que atividade estavam ou o espaço em que tinham estado anteriormente. Em certos momentos tinham setas para os ajudar a deslocarem-se pelos corredores do interior da escola, nesses momentos ficavam de tal forma curiosos por verem em concreto cada um dos espaços e os materiais que os esperavam que chegavam a correr.

Tentamos ter um aviso sonoro para indicar o início ou final das atividades, mas acabava por existir sempre um grupo que não o escutava. Desta forma optamos, por determinar anteriormente, o tempo necessário para a realização de cada uma das atividades, no final desse tempo passaríamos para a atividade seguinte.

No final da primeira atividade foi dado um tempo de intervalo para os alunos lancharem e irem à casa de banho. Durante este momento foi possível verificar de um outro modo, a reação dos alunos à atividade realizada até este momento. Para além disso, interessava perceber quais os tipos de observações realizadas e o que tinha sucedido até este ponto. Durante esta pausa foi possível recolher dados fotográficos, como também, anotar algumas observações significativas.

Terminada a pausa, os grupos voltaram a reunir-se de forma a procederem à realização das atividades restantes. No final das atividades os alunos voltaram a formar a fila e dirigiram-se para a Escola Afonso de Paiva onde almoçariam, findando assim a nossa visita.

2.5.3. Depois da visita

O depois da visita foi realizado em dois momentos, após a chegada à Escola Afonso de Paiva e no dia seguinte.

Durante a parte da tarde foi proposto aos alunos o preenchimento de um questionário de satisfação, acerca da visita ao Horto. Após o preenchimento do mesmo foram entregues aos alunos folhas A4 brancas divididas em secções e posteriormente foi-lhes entregue, massa de sal. Através da técnica de moldagem os alunos moldaram os utensílios utilizados pelo jardineiro. À medida que iam terminando a atividade foram entregues folhas onde os alunos tinham de desenhar a atividade de que mais gostaram. Durante esta atividade, foram vários os alunos que perguntaram, “mas só pode ser mesmo uma, é que eu gostei de todas” tendo de os auxiliar na escolha da atividade de que mais gostaram.

No dia seguinte durante as áreas curriculares fomos integrando o tema Horto de forma a realizar as restantes atividades planificadas para o depois da visita. Neste dia procedemos à consolidação das aprendizagens realizadas no Horto, através de uma folha que continha os utensílios e os materiais e os alunos tinham de proceder à sua ligação. Para além disso procederam ao preenchimento de um texto lacunado, que pretendia ser um resumo das atividades desenvolvidas no Horto. No final deste dia procedemos à criação da canção “Como é bom aprender no Horto”

Foi necessário fazer modificações ao planeado inicialmente dado que a visita ficou adiada uma semana devido às condições meteorológicas, como já referimos. Apesar dos contratempos foi possível obter resultados e dados muito positivos.

2.6. Desenvolvimento das atividades no Horto de Amato Lusitano

Antes da visita ao Horto existiu uma grande preparação por parte do par pedagógico, pois foi necessário conhecer muito bem os espaços de modo a que chegássemos a um consenso, no que diz respeito às atividades. O projeto de investigação foi desenvolvido em contexto com o par pedagógico, sendo as atividades adequadas aos dois projetos, de forma a ambas alcançarmos os objetivos pré estabelecidos. Sendo o guião constituído por três atividades, a primeira que fazia referência aos solos existentes em cada uma das áreas do Horto, a segunda atividade que fazia referência à área das hortícolas e a profissão de jardineiro e por último a atividade sobre os remédios das curas de Amato Lusitano.

De forma a não existir encontro no mesmo local entre os grupos durante a execução das diferentes atividades, foi criada uma ordem para cada grupo, tendo todos de passar por cada uma das atividades planeadas (Fig. 28).

	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
Grupo "Horto"	"À Descoberta dos solos"	"Vamos aprender a plantar?"	"Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"
Grupo "Amato"	"Vamos aprender a plantar?"	"Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"	"À Descoberta dos solos"
Grupo "Lusitano"	"Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"	"À Descoberta dos solos"	"Vamos aprender a plantar?"

Figura 28- Ordem das atividades de cada grupo

Antes de iniciarmos as atividades os grupos e respetivos professores concentraram-se junto à placa em que se apresenta a planta do Horto de Amato Lusitano (Fig.30).



Figura 29- Planta do Horto de Amato Lusitano

As atividades desenvolvidas pelos alunos participantes do estudo foram propostas através de um guião.

Antes de mais, é de salientar a importância das atividades propostas e o desenvolvimento das tarefas nas quais estiveram presentes a preocupação de colocar os alunos perante novas situações de aprendizagens, sendo estas ativas em contexto não formal, tendo em conta as atividades desenvolvidas anteriormente em contexto sala de aula. Através dos conteúdos abordados em sala de aula fizemos a ligação ao Horto de Amato Lusitano, mais em concreto através das profissões abordando duas delas durante a visita ao Horto (jardineiro e médico). Através das atividades desenvolvidas pretendíamos que os alunos alcançassem os seguintes objetivos gerais:

Conhecer e valorizar o património histórico;

Conhecer e identificar profissões de outros tempos e atuais relacionando utensílios utilizados por cada uma delas, sua função e importância e função para a sociedade;

Identificar algumas das características dos solos;

Promover o trabalho autónomo e coletivo;

Respeito pelo ambiente natural.

Para facilitar o manuseamento e utilização do guião este foi construído em formato A5, em forma de livro agrafado, impresso frente e verso e a cores. Na capa (Fig. 30), encontram-se os elementos de identificação tais como nomes das escolas, espaços para o nome do grupo e elementos que o constituem e no final uma linha para cada aluno identificar o seu guião e espaço para a data.



Figura 30- Capa do guião do aluno

Nas duas páginas seguintes apresentamos a planta do Horto de Amato (Fig. 32) e o início da atividade 1 (Fig. 33). Na primeira encontra as partes constituintes do Horto Lusitano, assim como, uma área exterior ao espaço do Horto, esta foi utilizada apenas para a primeira atividade, na segunda página apresentamos a primeira etapa da primeira atividade a realizar pelos alunos. Nesta atividade, os alunos tinham de analisar os diferentes solos presentes no Horto e um não pertencente ao Horto. De modo a facilitar a obtenção de dados e não despendem demasiado tempo no registo das observações, apresentamos as respostas possíveis tendo os alunos apenas de assinalar a correta, por esse motivo a atividade parece demasiado extensa e demorada. (Fig. 33)




Figura 31- Planta do Horto de Amato Lusitano

Atividade 1- “À descoberta dos solos”

Atividade 1: “À Descoberta dos solos”

Olá, eu sou o Miguel. Vim ao Horto Amato Lusitano para estudar os solos.




Questão: Será que o solo de diferentes lugares é diferente? Sim Não
Porquê? _____

- Observa a planta do Horto de Amato Lusitano e completa:
A zona D é a zona das plantas _____
- Dirige-te para a zona D.
 1. Coloca-te junto ao muro que se encontra nessa zona.
 - 1.1. Escreve nas linhas abaixo os nomes dos materiais que se encontram no tabuleiro.


 2. Pega nas etiquetas e cola uma em cada um dos copos.

3. Leva contigo os materiais e recolhe neste espaço uma amostra de solo.


- Com a pá cava um pouco a terra.



- Com a colher retira um pouco de terra.




- Coloca a terra no copo 1.




3.1. Observa a planta do Horto e completa:
A zona A é a zona das plantas _____
Dirige-te para a zona A.


- Com a pá cava um pouco a terra.



- Com a colher retira um pouco de terra.



- Coloca a terra dentro do copo 2.



3.2. Observa a planta do Horto e dirige-te para a zona 1. Repete os procedimentos anteriores e coloca a amostra de solo que recolheres no copo 3.

4. Leva contigo os copos 1, 2 e 3:

Partindo da zona onde estás segue as indicações que se encontram abaixo. Pelo caminho vais encontrar algumas setas de cor verde. Caso não as vejas, é porque não estás no caminho certo.

- Coloca-te junto ao muro;
- Segue sempre em frente;
- Entra na segunda porta à tua direita;
- Segue em frente;
- Vira para a esquerda;
- Segue em frente;
- Entra na primeira porta à tua esquerda (sala 7).

5. Coloca-te em volta da mesa.

Observa o nome do material que vais utilizar e regista-o na linha abaixo.

6. Coloca o solo do copo 1 no peneiro superior.

6.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

➤ Em qual dos peneiros: fica mais solo? 1 2 3

➤ Em qual dos peneiros: fica menos solo? 1 2 3

7. Limpa os peneiros. Pede um pincel à professora e um tabuleiro para não espalhares a poeira na mesa.

8. Coloca o solo do copo 2 no peneiro superior.

8.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

➤ Em qual dos peneiros: fica mais solo? 1 2 3

➤ Em qual dos peneiros: fica menos solo? 1 2 3

10. Limpa novamente os peneiros.

11. Coloca solo do copo 3 no peneiro superior.

11.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

➤ Em qual dos peneiros: fica mais solo? 1 2 3

➤ Em qual dos peneiros: fica menos solo? 1 2 3

Conclusões:

- Os solos _____, _____ e _____ são _____.
- Observando os peneiros verificamos que a quantidade de _____ que fica em cada peneiro é _____.
- Concluímos então que os _____ são constituídos por partículas de _____ tamanhos.

Obrigado amigos pela vossa ajuda! Podem continuar a trabalhar.




Figura 32- Atividade 1 “À descoberta dos solos”

Os alunos iniciavam a primeira atividade dando resposta à pergunta “Será que o solo de diferentes lugares é diferente?” tendo de justificar a sua resposta. Seguidamente procederiam à leitura da seguinte pista “A zona D é a zona das plantas_____”, tendo os alunos de identificar o nome das plantas, posteriormente dirigiam-se para essa zona, colocando-se junto ao muro. Neste local encontrava-se um tabuleiro com materiais os quais os alunos tinham de identificar e escrever os seus nomes nas respetivas linhas. Antes de iniciar a recolha dos solos os alunos tinham de colar etiquetas de identificação nos copos, cada número (1,2 e 3) correspondendo ao solo recolhido numa zona diferente. De forma, a procederem a primeira recolha de solo, os alunos levariam os materiais consigo e, chegados ao local (zona D- plantas arbóreas) um aluno pegaria no copo nº 1. Seguidamente, utilizando a pá cavariam um pouco e com a colher recolheriam para o copo, guardando em seguida a primeira amostra de solo. O processo das duas restantes amostras de solos proceder-se-ia do mesmo modo, primeiramente identificariam a zona correspondente para depois se deslocarem até lá, procedendo assim à recolha.

No final do processo de recolha os alunos tinham de seguir as setas de cor verde e as indicações dadas no guião, até encontrarem a porta com a identificação da atividade. Chegados à sala os alunos colocar-se-iam em volta da mesa, de modo a todos terem visibilidade e registariam o nome do objeto colocado em cima da mesa; conjunto de peneiros.

Registado o nome do utensílio os alunos teriam de colocar a primeira amostra de solo no peneiro superior, tapar e agitar. Em seguida, o peneiro seria aberto para os alunos verificarem qual dos peneiros reteve mais solo e a diferença das amostras retidas em cada um deles, registando em seguida os resultados. Seria retirado o solo e limpo o peneiro procedendo-se à análise do solo da amostra seguinte, realizando o mesmo processo a terceira amostra.


No final da atividade os alunos teriam de preencher um texto lacunado, no qual tinham de colocar as palavras que consideravam mais adequadas tendo em conta as observações efetuadas, realizando depois um breve resumo das suas conclusões.

A segunda atividade designava-se **“Vamos aprender a plantar”**.

Atividade 2: “Vamos aprender a plantar?”

- Observa a planta do Horto de Amato Lusitano e localiza as zonas A e B.
- Completa: a zona A é a zona das plantas _____; a zona B é a das plantas _____.
- Dirige-te para o local entre a zona A e B.
- Sentar-te no muro.

1. O jardineiro Alberto não encontra as suas ferramentas de trabalho. Ajuda-o e procura na grelha que se encontra do lado direito as seguintes palavras: pá; tesoura; enxada; ancinho.



t	a	s	d	f	g	i	t	r	p
e	e	n	x	a	d	a	j	o	a
s	p	l	n	o	z	x	a	s	d
o	r	f	g	t	h	j	n	k	p
u	f	v	b	n	a	d	e	i	o
r	a	a	n	o	i	n	h	o	h
a	o	v	b	g	i	x	a	e	
b	g	r	f	m	s	d	j	l	u

2. Olha à tua volta e vê se descobres alguma destas ferramentas.

2.1. Pede etiquetas à tua professora e cola-as nas ferramentas que encontraste.

2.2. O jardineiro Alberto precisa de plantar uma horta (a alface) e não sabe que ferramenta deve utilizar.

Escreve na linha abaixo o nome da ferramenta que utilizarias.

3. Observa a planta do Horto e dirige-te para a zona das hortícolas.

Vamos plantar a alface. Para isso vais precisar de:

- Uma pá;
- Um pé de alface;
- Um regador.

➤ Segue as seguintes indicações que o jardineiro Alberto te deixou:

- 1- No espaço onde vamos plantar a alface, estão duas estacas. Coloca as outras duas que faltam de modo a formarmos um quadrado;
- 2- Põe corda à volta das estacas, para sabermos qual é o nosso canteiro;
- 3- Com a pá, faz um pequeno buraco na terra;
- 4- Pega no pé da alface e coloca-o dentro do buraco;
- 5- Com o auxílio da pá tapa o buraco;
- 6- Rega com cuidado a terra onde plantaste a alface.

➤ Escolham um elemento do vosso grupo. Retirem do tabuleiro que se encontra no muro junto ao canteiro, a placa com o nome do vosso grupo. Coloquem-na em frente às vossas plantações.

figura 33- Atividade 2 “Vamos aprender a plantar”

Na segunda atividade (Fig. 33) os alunos começariam por observar a planta espacial do Horto presente no seu guião e identificar as zonas A e B (plantas hortícolas e planta aromáticas) identificando o nome de cada uma das zonas por escrito no seu guião, no espaço indicado. Seguidamente dirigir-se-iam para o local entre as duas zonas, sentando-se no muro, de modo a realizarem a tarefa da “sopa de letras”, que ajudaria o jardineiro Alberto a encontrar os seus utensílios de trabalho. Terminada tarefa tentariam encontrar algumas dessas ferramentas, e depois de as encontrarem, seriam entregues etiquetas de identificação, tendo os alunos de colar cada uma delas na ferramenta correta.

É proposto aos alunos que ajudem o jardineiro Alberto, ele tem alfaces para plantar e não sabe qual das ferramentas utilizar, para o ajudarem devem escrever no guião o nome da ferramenta a que utilizariam. Após identificarem a ferramenta deviam dirigir-se para a zona das hortícolas e pegarem nos utensílios indicados. Em seguida, os alunos pegariam nas duas estacas de modo a completarem o quadrado para delimitar um canteiro, pois já lá se encontravam colocadas outras duas estacas. Após estar completo o quadrado, os alunos, um a um deviam plantar a sua alface, e no final da plantação colocarão a placa com o nome do grupo. Cada grupo tinha uma placa com o seu nome.



A última atividade do guião designava-se de “Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?”.

Atividade 3: “Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?”

- Dirige-te para junto da placa do Horto de Amato Lusitano.
- Segue as setas de cor amarela que estão no chão e, dirige-te para a sala onde vais realizar esta atividade. Na porta dessa sala encontrarás o nome da atividade.

1. Lê o texto que se encontra abaixo.

O purgante

Amato Lusitano viajava por todo o mundo.

Um dia, numa das suas viagens, encontrou um senhor chamado Lourenço. Este senhor pediu ajuda a Amato Lusitano, pois sabia que ele era médico e que fazia umas curas fantásticas com plantas. O problema do senhor Lourenço era nos intestinos, pois este tinha muita prisão de ventre e até algumas dores.

Quando Amato Lusitano se apercebeu do problema do senhor Lourenço, imediatamente lhe preparou um purgante (remédio para os intestinos).

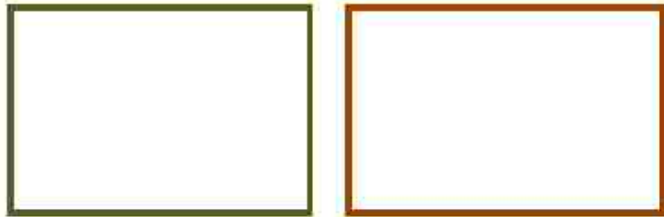
A partir daí o senhor Lourenço nunca mais teve problemas nos intestinos.

- Vamos aprender a fazer um remédio, que se chama purgante.

1. Observa atentamente a planta que está em cima da mesa e copia o seu nome para a linha abaixo.

2. Observa novamente a planta e desenha nos quadros abaixo a sua folha e o seu caule.

Folha Caule




3. Regista, na tabela abaixo, os ingredientes necessários para a experiência.

Ingredientes

4. Regista agora os materiais necessários para a realização da experiência.

Materiais

5. Com uma colher retira um pouco de lino ralado que se encontra numa tigela. Coloca-o num almofariz.



6. Com a colher retira agora um pouco de gengibre que se encontra numa tigela. Coloca-o no almofariz e esmaga tudo com o pilão.

7. Novamente com uma colher, retira um pouco de mel que se encontra numa tigela. Coloca-o no almofariz e mistura tudo muito bem, desta vez utilizando uma colher e não o pilão. Despeja o preparado para um frasco e tapa.

➤ **Parabéns, conseguiste preparar o remédio que Amato Lusitano prescreveu a um doente seu. Se continuares a trabalhar assim, ainda serás um médico como ele.**

ATENÇÃO: A mistura que fizeste não se pode provar, pois é um remédio e os remédios só se tomam quando estamos doentes.

Se ainda tens atividades por realizar, podas continuar.

Figura 34-Atividade 3 “Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?”

Para darem início à atividade os alunos tinham de se colocar junto a planta do Horto, seguindo as setas que se encontravam no chão, tendo de com ajuda das setas encontrar a sala que tinha escrito na porta “Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?”. Chegados à sala, um dos elementos do grupo lê o texto que se encontra no guião acerca de um purgante receitado por Amato Lusitano a um doente. Posteriormente dividiu-se o grupo pelas duas mesas, tendo de, primeiramente, se identificar o nome da planta que se encontrava em cima da mesa procedendo à escrita do nome da mesma no guião. Observando com mais cuidado a planta, os alunos tinham de desenhar no primeiro quadro a folha da planta e no segundo o caule. Para poderem realizar a experiência da preparação do remédio necessitavam de conhecer previamente os ingredientes e materiais a utilizar. No final da identificação tinham de seguir as indicações do guião de modo a colocarem os ingredientes nas proporções corretas no almofariz. Com o pilão os alunos misturavam e esmagavam os ingredientes e no final com o auxílio de uma colher colocavam o purgante já preparado num frasco, dando por terminada a tarefa.

2.7. Apresentação e análise de dados

A análise de dados é um processo de organização/ordenação de dados, interpretando e atribuindo significados à análise podendo relacionar padrões e procura relações entre as dimensões descritivas, (Patton 1980 citado por Dias 2000) permitindo ao investigador desenvolver conceitos, ideias e entendimento a partir dos padrões encontrados nos dados (Reneker 1993 citado por Dias 2000).

Recorrendo ao citado anteriormente e tendo em conta o tipo de metodologia utilizado, pretendemos apresentar ao longo deste ponto a análise e cruzamento das evidências obtidas por cada uma das técnicas de recolha de dados utilizada, (observação, notas de campo, entrevista e produções escritas dos alunos), interpretando-as, assim como, inferir conclusões acerca das aprendizagens dos alunos e das vantagens do estudo realizado. Este passo consiste na separação das unidades de registo, identificando e classificando elementos para posterior síntese e agrupamento para que se disponham e transformem para a obtenção de resultados e conclusões (Gómez 2012).

Neste sentido, a definição das categorias de análise de dados deve tomar como ponto de partida a problemática da investigação, as questões dela resultante e os objetivos de estudo. O problema da investigação interroga-nos sobre se a realização de atividades de aspeto prático no Horto de Amato Lusitano estimula e reforça as aprendizagens de âmbito curricular, neste caso em Estudo do Meio no 1º ciclo do Ensino Básico.

Partindo do referido anteriormente, definimos duas categorias de análise que se organizam em dimensões de análise apresentadas no quadro 10. Importa referir que para a categorização apresentada se tomaram como referência os trabalhos desenvolvidos por Nunes (2011), Martins (2011) e Santos (2012) apropriando-nos das seguintes categorias: aprendizagem e componente afetiva. Para além disso foram tidos em conta os objetivos apresentados em cada um dos blocos abordados em contexto sala de aula, que posteriormente foram reforçados em contexto não formal. A partir das referências anteriores e de forma a analisarmos o desempenho dos alunos, tivemos em conta o conhecimento em Ciências/Estudo do Meio, capacidades transversais e atitudes.

Categoria de análise de dados	Dimensões de análise/Indicadores	
Aprendizagem dos alunos nas tarefas propostas	Conhecimento de termos e conceitos relacionados com conteúdos no âmbito do Estudo do Meio	
	Capacidades transversais	Utilização de processos básicos de conhecimento da realidade envolvente
		Mobilização de conhecimentos na resolução das tarefas propostas.
		Interpretação do enunciado (identificar o objetivo e a informação relevante para a resolução da tarefa)
		Representação de informação.
	Atitudes	Autonomia no desenvolvimento da tarefa
		Interesse, responsabilidade e empenhamento na realização das atividades.
Consideração de outros pontos de vista e trabalho colaborativo com os pares.		
Afetividade face as atividades propostas	Apreciação da atividade desenvolvida	
	Curiosidade por indagar e explorar a realidade física envolvente	

Quadro 10- Categorias e dimensões de análise de dados

2.7.1. Aprendizagens e desempenho dos alunos nas tarefas propostas

Atividade 1: “À descoberta dos solos”

A primeira proposta de atividade do guião designada “À descoberta dos solos”, tinha como desafio levar os alunos a conhecer melhor os tipos de solo e demonstrar que mesmo em locais circundantes a um espaço podem existir diferentes tipos de solo e ainda que o solo não é homogéneo mas tem diversos materiais e grãos de variados tamanhos. A primeira fase da atividade consistia em os alunos responderem a seguinte questão presente no guião, traduzindo as suas previsões com base nas suas experiências de vida:

Questão: Será que o solo de diferentes lugares é diferente? Sim Não

Porquê? _____

Seguidamente numeravam os copos de recolha de solos com os números de 1 a 3, após a recolha seguiam as indicações dadas deslocando-se até ao local da recolha, cavando um pouco para procederem à recolha do solo, realizando o mesmo processo para os dois solos seguintes. Através da Fig. 35 podemos ilustrar o processo realizado pelos alunos.



Figura 35- Recolha de diferentes solos por parte dos alunos

Finalizada a recolha dos solos, os alunos dirigiram-se para a sala, seguindo as indicações do guião. Chegados ao local, com o auxílio do peneiro, tinham de indicar no guião, assinalando com um X, em qual dos peneiros se concentrava maior quantidade de solo e no final completar as conclusões retiradas.

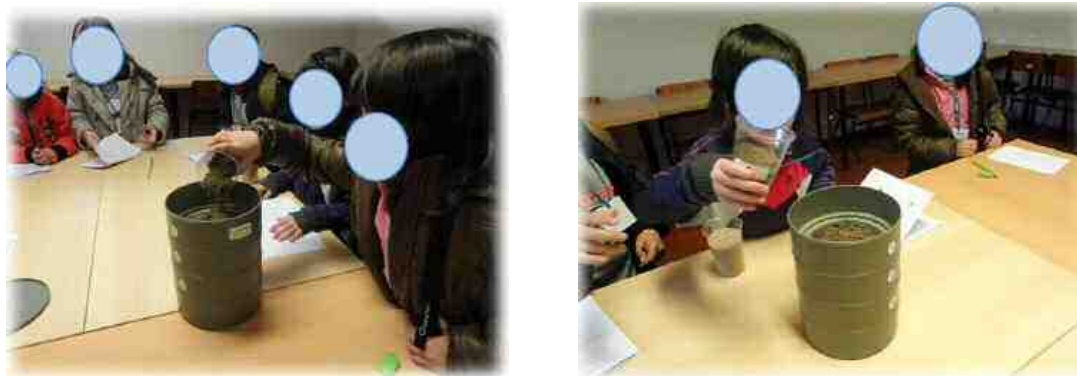


Figura 36- Alunos a colocar o solo no peneiro



Figura 37- Alunos a fazerem o registo das conclusões

As atividades desenvolveram-se pela área do Horto, como também por uma pequena área circundante. As notas de campo tomadas por parte da professora cooperante e par pedagógico confirmam que os alunos não sentiram dificuldades **em ler e interpretar as indicações dadas**, assim como de interpretar, a planta espacial do Horto, **tendo-se deslocado facilmente para cada uma das áreas**, com exceção da caixa de areia que suscitou algumas dúvidas, mas que com a ajuda do responsável de grupo, foram colmatadas. Como referido na entrevista realizada a professora titular de turma a qual reforça a autonomia e capacidade de interpretação das indicações dadas “não existindo por parte dos alunos dificuldade em realizar nenhuma das tarefas”.

No caso da primeira pergunta, os alunos, maioritariamente afirmaram que existem solos diferentes, embora não respondendo ao porquê. O tema em questão, solos, foi abordado anteriormente mas de forma pouco aprofundada. No entanto, decidimos avançar com a pergunta no sentido de sensibilizar os alunos para a questão da existência de diferentes solos. Apesar da breve abordagem alguns **alunos**

mobilizaram esses conhecimentos no sentido de responderem se existem diferentes solos, 14 alunos responderam que sim, no entanto não encontraram resposta para o porquê. (Fig. 38)

Questão: Será que o solo de diferentes lugares é diferente? Sim Não

Porquê? _____

Questão: Será que o solo de diferentes lugares é diferente? Sim Não

Porquê? _____

Figura 38- Resposta dos alunos à questão

A realização da atividade dos peneiros não levantou dúvidas aos alunos durante a sua execução, contudo, durante o preenchimento da conclusão foi necessário uma pequena orientação no sentido de prestarem atenção à largura da rede dos peneiros como ao tamanho dos grãos retidos em deles. As conclusões retiradas pelos alunos foram ao encontro dos objetivos estabelecidos. Pretendemos com isto dizer, que o que efetivamente importava era que os alunos observassem e comprovassem que existem solos diferentes e que o que os distingue são as partículas que estes contêm, na sua natureza e dimensões sendo visível através da atividade realizada.

6. Coloca o solo do sopo 1 no peneiro superior.

6.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica mais areia?

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica menos solo?

7. Limpa os peneiros. Pede ao professor a profundidade e um tabuleiro para ser espalhado e posto na mesa.

8. Coloca o solo do sopo 2 no peneiro superior.

8.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica mais areia?

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica menos solo?

10. Limpa novamente os peneiros.

11. Coloca o solo do sopo 3 no peneiro superior.

11.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica mais areia?

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica menos solo?

6. Coloca o solo do sopo 1 no peneiro superior.

6.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica mais areia?

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica menos solo?

7. Limpa os peneiros. Pede ao professor a profundidade e um tabuleiro para ser espalhado e posto na mesa.

8. Coloca o solo do sopo 2 no peneiro superior.

8.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica mais areia?

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica menos solo?

10. Limpa novamente os peneiros.

11. Coloca o solo do sopo 3 no peneiro superior.

11.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica mais areia?

1 2 3

➤ Em qual dos peneiros fica menos solo?

Figura 39- Respostas dos alunos quanto a quantidade de solo presente em cada peneiro

Tendo por base o preenchimento da conclusão realizada no guião, relativamente aos tipos de solo, **foi visível a compreensão e a aprendizagem** realizada pelos alunos. (Fig. 39)

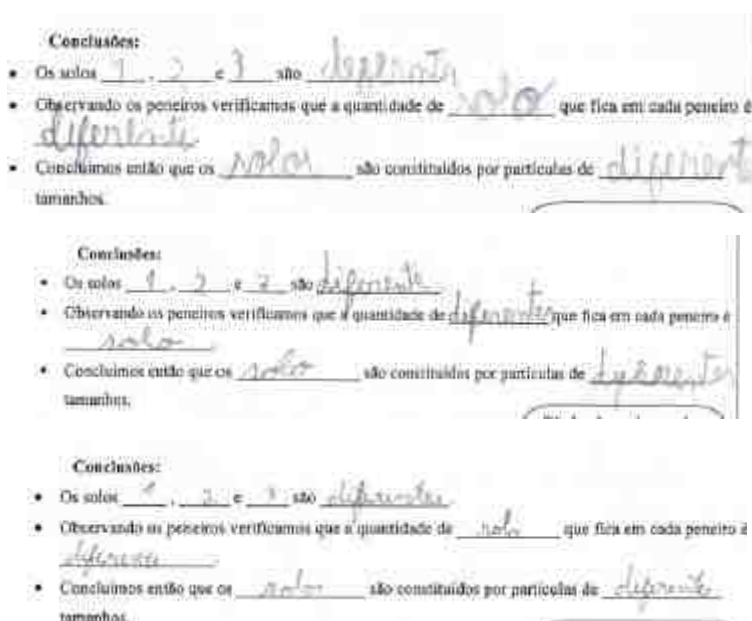


Figura 40- Conclusões dos alunos à atividade “À Descoberta dos solos”

Dimensões de análise/Indicadores		
Utiliza termos e conceitos relacionados com Estudo do Meio		X
Capacidades transversais	Utiliza processos de conhecimento da realidade envolvente	X
	Mobiliza conhecimentos	X
	Interpreta o enunciado	X
	Representa a informação.	X
Atitudes	Autonomia	X
	Interesse e responsabilidade	X
	Aceita outros pontos de vista e realiza trabalho colaborativo	X
Gosto pelas atividades		X
Curiosidade		X

Quadro 11- Aprendizagens proporcionadas pela atividade “À descoberta dos solos”

O quadro 11 resume as aprendizagens de capacidades transversais e de atitudes e de dimensões afetivas relativa à atividade em análise. Ao longo da realização da atividade é visível cada uma das dimensões/indicadores, estando estes assinalados a negro. A atividade poderia ter contribuído para o desenvolvimento das restantes dimensões no entanto não temos indícios explicativos disso. No que se refere ao gosto pelas atividades e curiosidade estas foram evidenciadas através das observações.

Após a visita foi pedido aos alunos que escrevessem uma frase sobre a atividade assim como a ilustrassem. Através desta atividade foi possível verificar que os alunos utilizam termos relacionados com a atividade e ainda recordavam passos realizados na mesma. Nas várias ilustrações é visível que os alunos tentaram ilustrar a fase da recolha e de peneiração dos solos.

Apresentamos em seguida alguns dos resultados obtidos. (Fig. 41)



Eu gostei e a minha parte preferida foi cavar e peneirar a terra.



Na atividade à descoberta dos solos tivemos de cavar e fomos peneirar para uma das salas.

Figura 41- Escrita e ilustração da atividade "À descoberta dos solos"

Atividade 2: “Vamos aprender a plantar”

A atividade “Vamos aprender a plantar”, teve início no local onde cada grupo terminava a atividade anterior, dado que cada um dos grupos tinha uma escala de realização das atividades diferente, como referido anteriormente na Fig. 29. No início da tarefa os alunos observavam a planta espacial do Horto para posteriormente se dirigirem ao local indicado pelo guião. Chegados ao local tinham de “ajudar” o jardineiro Alberto na procura das ferramentas de trabalho, tendo de encontrar o nome de cada uma das ferramentas na sopa de letras. (Fig. 42).



Figura 42- Alunos na procura das ferramentas na sopa de letras



Figura 43- Alunos a auxiliar um amigo com dificuldades

Durante esta atividade foi visível o entusiasmo na procura das ferramentas, como também a rapidez e facilidade da mesma para a maioria dos alunos. Tendo em conta que existem alunos com algumas dificuldades e com necessidade de um acompanhamento diferenciado, foi visível que para estes não foi tão simples, sendo manifesto o **cooperativismo do grupo** e o **espírito de entre ajuda no auxílio desses colegas**. (Fig. 43)

O próximo passo da atividade foi rápido, os alunos enquanto aguardavam os restantes colegas **leram os passos seguintes. Começando a visionar o espaço em redor e encontrando as ferramentas**, chegado o momento de recolha das ferramentas este decorreu rapidamente, procedendo em seguida à colagem das etiquetas de identificação em cada uma das ferramentas (Fig. 44 e 45). Apesar de serem instrumentos pouco usuais no dia a dia dos alunos a sua identificação foi rápida e não suscitou dúvidas.



Figura 44- Alunos a identificarem as ferramentas



Figura 45- Alunos a identificarem as ferramentas

A última tarefa desta atividade, propunha aos alunos ajudarem o jardineiro Alberto a plantar alfaces. Para isso, tinham de ter em sua posse uma pá, um pé de alface e o regador com água. Em seguida verificavam as estacas em falta para a construção do quadrado, terminando-o. Com o auxílio da pá faziam um pequeno buraco onde colocavam o pé da alface (Fig. 47). Depois tapavam a raiz, regando no final (Fig. 49 e 50), sendo este processo realizado por todos os elementos do grupo. No final de todos os elementos terem plantado, colocavam a placa de identificação do grupo (Fig. 50). Após todos os grupos terem plantado encontravam-se as três placas de identificação dos três grupos. (Fig. 51)



Figura 46- Alunos a aguardarem a sua vez



Figura 47- Aluno a plantar



Figura 48- Aluno a finalizar a sua plantação



Figura 49- Aluno a regar



Figura 50- Aluno a colocar a placa de identificação do grupo



Figura 51- Identificação das plantações dos três grupos

Durante a realização desta atividade foi visível o trabalho de grupo e cooperativismo entre elementos. Neste caso o “chefe” de grupo teve um papel preponderante. Apesar de terem de aguardar pela sua vez para realizarem a plantação não desmotivaram, nem criaram conflitos. **O “chefe” do grupo encarregou-se de distribuir os pés de alface** pelos colegas, assim como, de passar a pá ao colega seguinte. Os colegas mantiveram-se ansiosos por realizarem a plantação, mas aguardaram de forma ordeira e coordenada (Fig. 46), estando atentos a tarefa desenvolvida pelo colega, **dando por vezes alguma orientação a quem se encontrava a plantar**, assim como, cuidaram de plantar e regar a sua alface a qual foi entregue previamente pelo “chefe”.

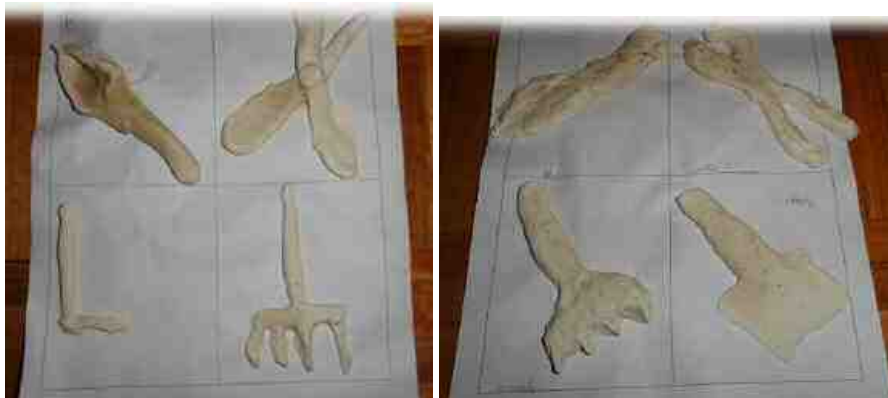
Dimensões de análise/Indicadores		
Utiliza termos e conceitos relacionados com Estudo do Meio.		X
Capacidades transversais	Utiliza processos de conhecimento da realidade envolvente	X
	Mobiliza conhecimentos	X
	Interpreta o enunciado	X
	Representa a informação.	X
Atitudes	Autonomia	X
	Interesse e responsabilidade	X
	Aceita outros pontos de vista e realiza trabalho colaborativo	X
Gosto pelas atividades		X
Curiosidade		X

Quadro 12- Aprendizagens proporcionadas pela atividade “Vamos aprender a plantar”

Na proposta de atividade do após a visita, foi pedido aos alunos que através da modelagem de pasta de sal construíssem as ferramentas encontradas no Horto. Como referido no programa de Expressão Plástica “*A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.*” (ME 2004 p. 89)

Através desta atividade foi possível verificar o nível de motricidade de cada aluno, assim como, a imaginação utilizada para a modelação de cada ferramenta. Deste modo fomos ao encontro do que se preconiza nas orientações e programa do 1º ciclo, referindo o seguinte: “*Amassar, separar, esticar, alisar, proporcionam explorações sensoriais importantes, a libertação das tensões e o desenvolvimento da motricidade fina.*” (ME 2004 p. 90)

Apresentamos em seguida alguns dos resultados obtidos pelos alunos. (Fig.



52)

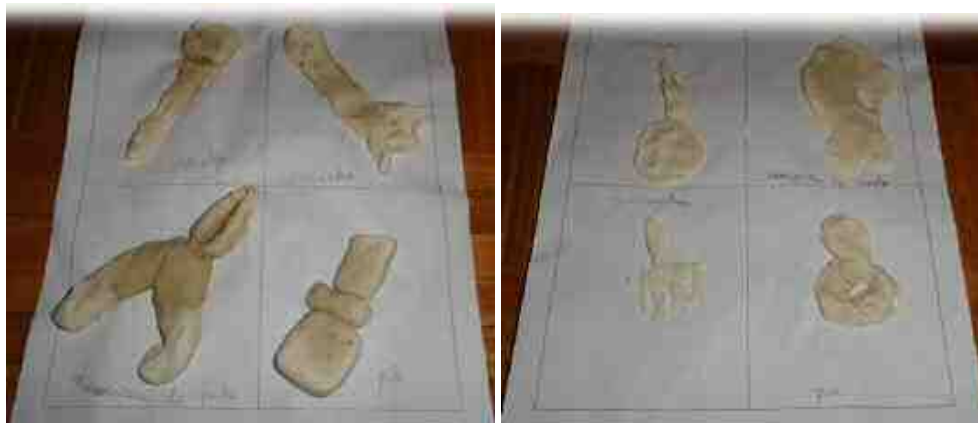
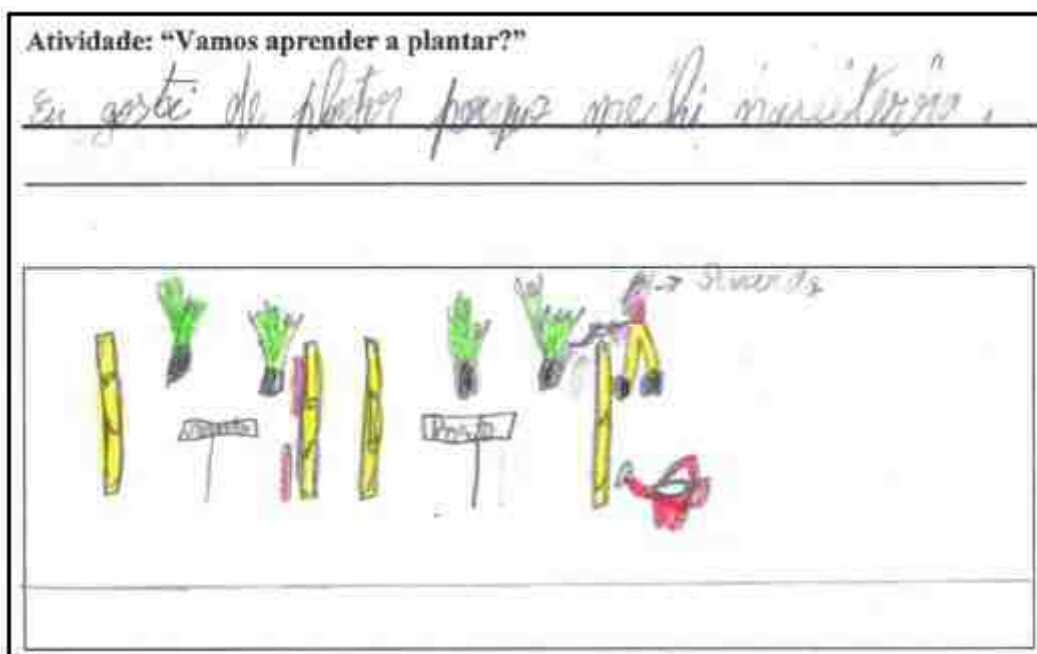


Figura 52- Ferramentas modeladas pelos alunos

Para além da atividade anterior foi pedido aos alunos para escreverem uma frase sobre a atividade assim como para a ilustrarem. Nos trabalhos observados maioritariamente os alunos ilustraram a fase de plantação, não fazendo referência à identificação das ferramentas de trabalho, é notória que esta fase foi a que mais entusiasmou e motivou os alunos, no que se refere a atividade em análise.



Eu gostei da plantar porque mexi na terra.



A atividade de plantar foi o máximo eu estive a regar e a plantar.

Figura 53- Escrita e ilustração da atividade "Vamos aprender a plantar."

Atividade 3: "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"

A última atividade do guião, consistia na preparação de um purgante usado por Amato Lusitano na cura de um doente. Na primeira fase da atividade os alunos deslocaram-se até ao local onde preparariam o purgante, para isso tinham de seguir as indicações presentes (Fig. 54) no guião. Chegados ao local, o grupo dividia-se por duas mesas. Para tomarem conhecimento do que realmente é um purgante e qual o seu fim, o guião continha um pequeno texto. Este foi lido pelos alunos em voz alta, (Fig. 55) possibilitando a participação de vários alunos. Após a leitura e exploração de vocabulário, tinham de prestar atenção aos materiais e instrumentos presentes em cima da mesa. A primeira observação recaiu em exclusivo para a planta que se encontrava em cima da mesa (lírio) (Fig. 56 e 57), seguidamente desenhavam nos quadros correspondentes o caule e as folhas. Nas tabelas que se seguiam descreviam o nome dos ingredientes e materiais a utilizar na preparação do purgante. Após tomarem conhecimento dos materiais e ingredientes passaram preparação, juntando os ingredientes seguindo a ordem indicada e os procedimentos necessários. (Fig. 58, 59, 60 e 61)



Figura 54- Alunos seguindo indicações dadas



Figura 55- Leitura “O purgante”



Figura 56- Alunos a desenhar o caule e as folhas



Figura 57- Alunos a desenhar o caule e as folhas



Figura 58- Alunos a colocar ingredientes no almofariz



Figura 59- Alunos a colocar ingredientes no almofariz



Figura 60- Alunos a macerar os ingredientes com o pilão



Figura 61 - Alunos a colocar o purgante no frasco

Dimensões de análise/Indicadores		
Utiliza termos e conceitos relacionados com Estudo do Meio.		X
Capacidades transversais	Utiliza processos de conhecimento da realidade envolvente	X
	Mobiliza conhecimentos	X
	Interpreta o enunciado	X
	Representa a informação.	X
Atitudes	Autonomia	X
	Interesse e responsabilidade	X
	Aceita outros pontos de vista e realiza trabalho colaborativo	X
Gosto pelas atividades		X
Curiosidade		X

Quadro 13 - Aprendizagens proporcionadas pela atividade “Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?”

Na execução desta atividade foi visível o quão importante é a formação dos grupos. Como referido anteriormente estes foram organizados com base em comportamentos e atitudes dos alunos, sendo necessário o auxílio da professora cooperante para melhor organização dos mesmos. Consideramos importante referir este facto pelo seguinte motivo, presenciado no grupo que acompanhava, o chefe do grupo era um aluno considerado um pouco irrequieto, sendo fácil este deixar de prestar atenção à atividade e ao que é dito. No entanto, durante as atividades que decorreram no Horto, este foi **muito atento, motivado, interessado e preocupado com o seu grupo, prestando auxílio durante a execução das atividades assim como, na organização do grupo perante as atividades**. Os restantes elementos não se sentiram “inferiores” ao chefe de grupo, pelo contrário. A sua atitude foi muito positiva para o grupo, **os restantes sentiam-se motivados e interessados pois funcionaram como equipa** e não como se apenas um aluno fosse o líder. Como refere Belo e Bruno (2002)

Um importante ponto a favor do recurso a esta metodologia de trabalho (trabalho grupo) é o diálogo e a interação que se gera entre os intervenientes. Os participantes expõem as suas dúvidas, raciocínios e ideias inerentes às suas descobertas e às do grupo ou simplesmente pensam alto e em conjunto à procura de um caminho, processo ou resultado.

O referido anteriormente é reforçado pela professora cooperante na entrevista realizada, na qual a professora diz que os alunos se organizaram “bem dentro do grupo de trabalho de forma a todos poderem participar”, não apenas nesta atividade, mas também nas restantes.

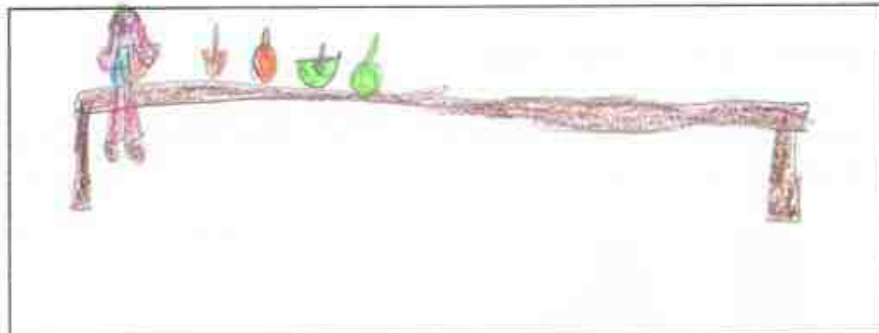
Após a visita foi pedido aos alunos para escreverem uma frase sobre a atividade assim como para a ilustrarem. Analisando as frases a maioria diz que gostou de fazer o remédio de Amato Lusitano, porque tiveram um papel ativo. Tal como referiu a professora titular de turma, na entrevista realizada, esta considera que a atividade mais interessante do seu ponto de vista foi “Se plantas apanhar um remédio consigo arranjar?” porque os alunos construíram o saber, fazendo.

Por ser a confeção de um remédio, considero que os alunos acham que é muito mais importante tendo assim, dado muito mais importância a essa fase. Relativamente às ilustrações, alguns alunos centraram-se mais no trabalho desenvolvido na sua mesa, no entanto outros alunos fizeram alusão às duas desenhando os respetivos materiais e ingredientes de cada mesa, demonstrando o interesse no desempenho da sua mesa, mas no entanto prestaram atenção aos restantes pormenores.

De forma a ilustrar o acima descrito apresentamos alguns dos trabalhos realizados pelos alunos.

Atividade: "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"

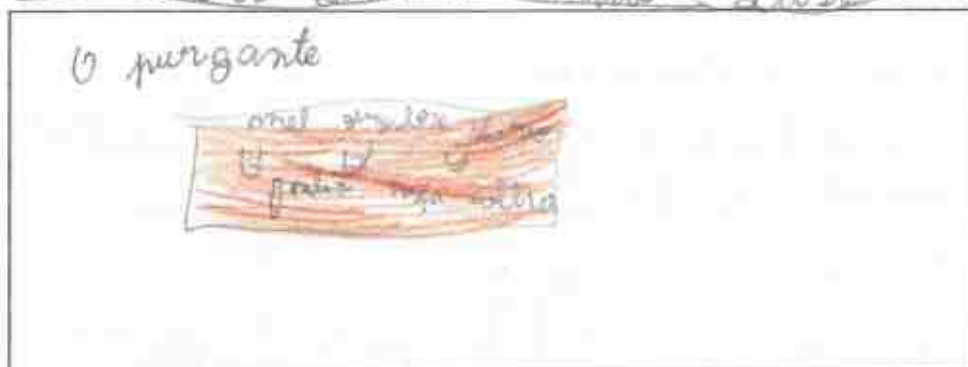
Eu gostei desta atividade de fazer um remédio foi muito fixe e também gira.



Eu gostei desta atividade de fazer um remédio foi muito fixe e também gira.

Atividade: "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"

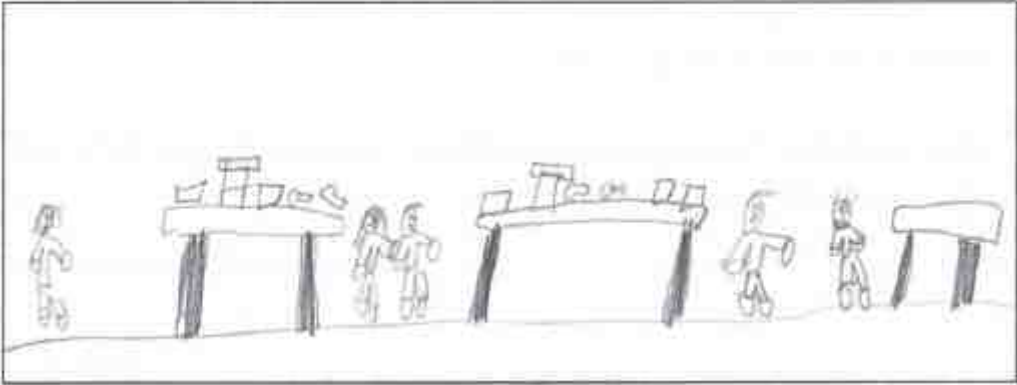
Esta foi a minha atividade preferida porque aprendemos outro remédio de João Rodrigues de Castelo Branco Amato Lusitano.



Esta foi a minha atividade preferida porque aprendemos outro remédio de João Rodrigues de Castelo Branco, Amato Lusitano.

Atividade: "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"

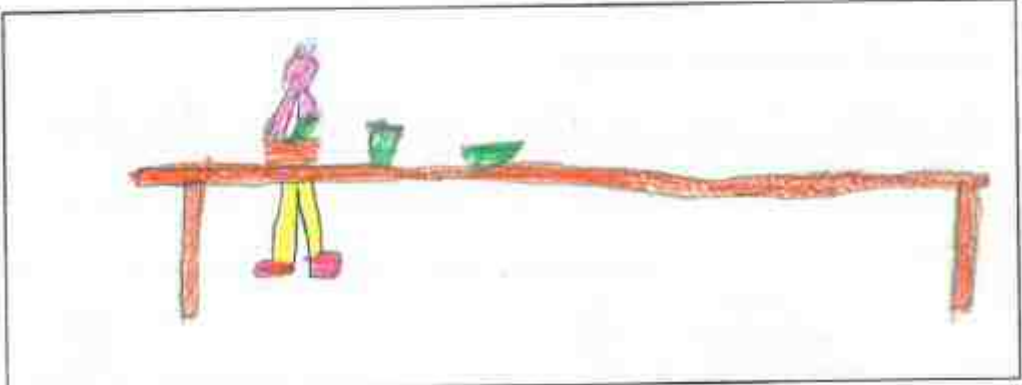
Fiz o remédio e pus dentro do frasco e gostei porque eu nunca fiz um remédio



Fiz o remédio e pus dentro do frasco e gostei porque eu nunca fiz um remédio.

Atividade: "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"

Eu gostei de fazer o remédio de Amato Lusitano



Eu gostei de fazer o remédio de Amato Lusitano.

Figura 62- Escrita e ilustração da atividade "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"

2.8. Conjunto de atividades realizadas após visita

As atividades propostas aqui apresentadas fazem referência ao conjunto de atividades gerais.

Após a visita e um breve diálogo com os alunos acerca da mesma foi entregue uma folha, com uma escala (nada, pouco ou muito), e tendo em conta a mesma, cada aluno tinha de classificar cada uma das atividades realizadas no Horto assim como, dizer se

achou divertido realizar as atividades, se percebeu e se as considerou difíceis. No total de 25 alunos as respostas maioritárias foram entre muito (que este é positivo) e nada (em este é positivo), obtendo apenas o total de 6 alunos que assinalaram pouco.

Em seguida apresentamos algumas das respostas dos alunos.

• Coloca uma cruz no quadrado que te parecer mais adequado para cada uma das perguntas.

Questões	Nada	Pouco	Muito
1. Gostaste de visitar o Horto de Amato Lusitano?			X
2. A atividade "A Descoberta dos Solos" foi interessante?			X
3. A atividade "Vamos aprender a plantar?" foi interessante?			X
4. A atividade "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?" foi interessante?			X
5. Divertiste-te a realizar as atividades?			X
6. Percebeste as atividades?			X
7. Achaste as atividades difíceis?		X	

• Coloca uma cruz no quadrado que te parecer mais adequado para cada uma das perguntas.

Questões	Nada	Pouco	Muito
1. Gostaste de visitar o Horto de Amato Lusitano?			X
2. A atividade "A Descoberta dos Solos" foi interessante?			X
3. A atividade "Vamos aprender a plantar?" foi interessante?			X
4. A atividade "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?" foi interessante?			X
5. Divertiste-te a realizar as atividades?			X
6. Percebeste as atividades?			X
7. Achaste as atividades difíceis?	X		

Figura 63- Questionário de classificação das atividades

O final da folha continha duas questões, uma acerca da atividade que os alunos menos gostaram e o porquê e a outra sobre “se pudessem voltariam ao Horto?” e porquê. Acerca da primeira questão os alunos, na sua maioria, disseram “Eu gostei de todas as atividades” não tendo nenhuma que gostasse menos. Apenas dois alunos disseram qual a atividade que menos gostaram e o porquê. Sobre as respostas obtidas à segunda questão a totalidade disse que voltaria ao Horto e que gostaram muito das atividades, que tinham aprendido coisas novas de forma divertida.

• Qual foi a atividade que menos gostaste? Porquê?

Eu gostei de todas as atividades porque aprendi coisas novas.

Eu gostei de todas as atividades porque aprendi coisas novas

• Qual foi a atividade que menos gostaste? Porquê?

Plantar alfaces. Porquê? Porque eu fui o penúltimo.

Plantar alfaces. Porque eu fui o penúltimo.

• Qual foi a atividade que menos gostaste? Porquê?

Eu não gostei do xarope porque deitava muito cheiro.

Eu não gostei do xarope porque deitava muito cheiro

• Se pudessem voltavas ao Horto de Amato Lusitano? Se sim, porquê?

Sim. Porque no horto de Amato Lusitano aprendi coisas novas e divertidas.

Sim, porque no Horto de Amato lusitano aprendi coisas novas e divertidas.

• Se pudessem voltavas no Horto de Amato Lusitano? Se sim, porquê?

Sim. Porque aprendi coisas novas de uma maneira divertida.

Sim, porque aprendi coisas novas de uma maneira divertida.

Figura 64- Respostas sobre as atividades realizadas e o Horto de Amato Lusitano

Em seguida, de modo a verificar algumas das aprendizagens realizadas foi entregue uma folha que do lado esquerdo continha os materiais e ingredientes e do lado direito as atividades realizadas no Horto. O propósito desta atividade era ligar os instrumentos e ingredientes a atividade correspondente.

Apresentaremos alguns exemplos da atividade resolvida.

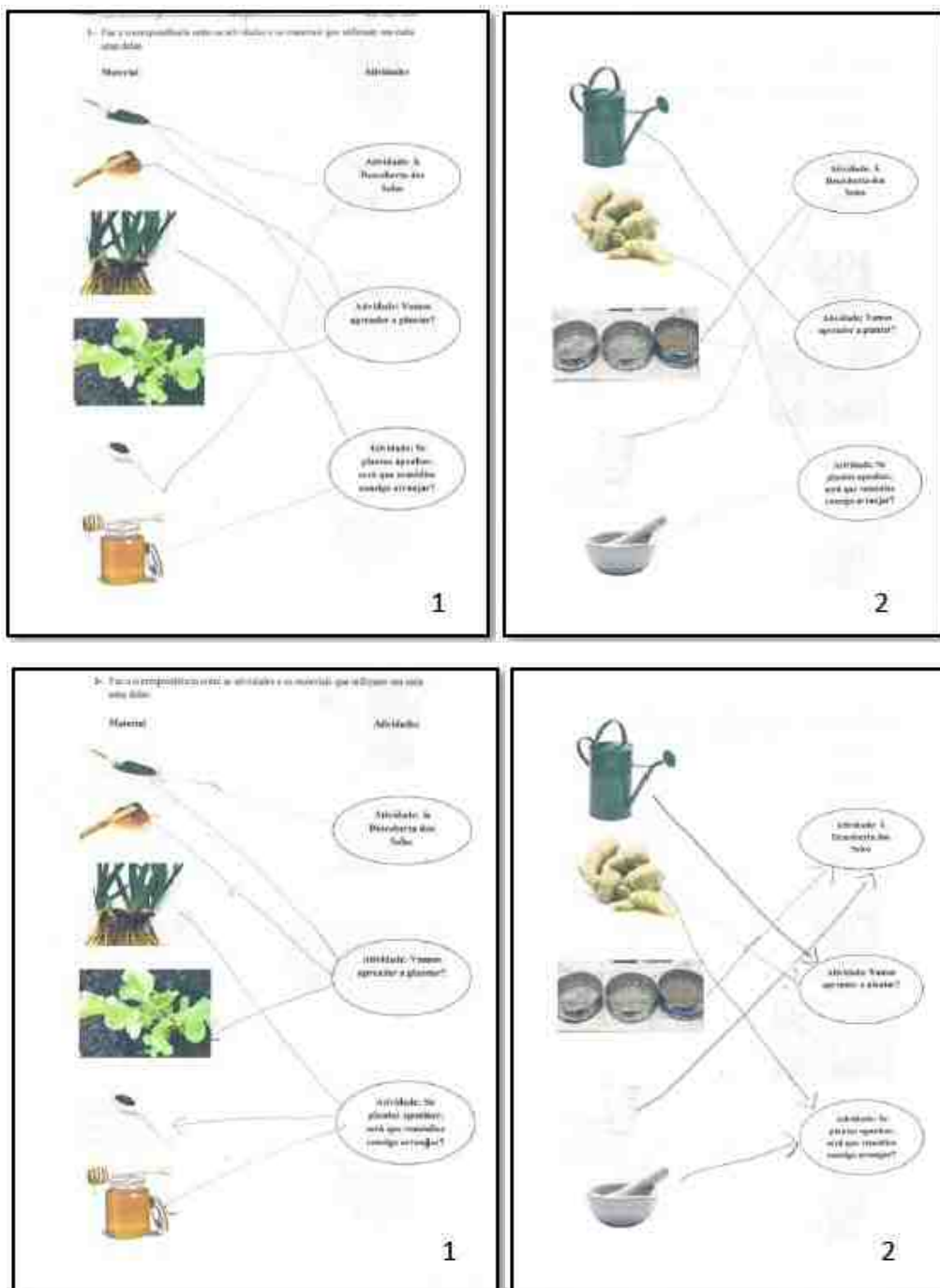


Figura 65- Atividade “Quais os materiais que utilizaste?” resolvido pelos alunos

A última atividade proposta aos alunos foi a ilustração da atividade que mais gostaram. Quando entregue a folha os alunos ficaram um pouco "desiludidos" e não acharam justo o que era pedido. Tendo sido realizadas as perguntas "Mas é mesmo só uma?"; "não podemos desenhar as duas que mais gostamos?" repetidas sucessivas vezes. Quando questionados acerca do motivo da repetição das perguntas os alunos disseram que era muito difícil escolher, pois tinham gostado de todas e que não era justo terem de escolher. No entanto e após algumas considerações da nossa parte, os alunos conseguiram escolher a que mais gostaram. Observando os desenhos realizados, a atividade maioritariamente apresentada, foi "Vamos aprender a plantar."

Apresentamos algumas das produções realizadas pelos alunos.

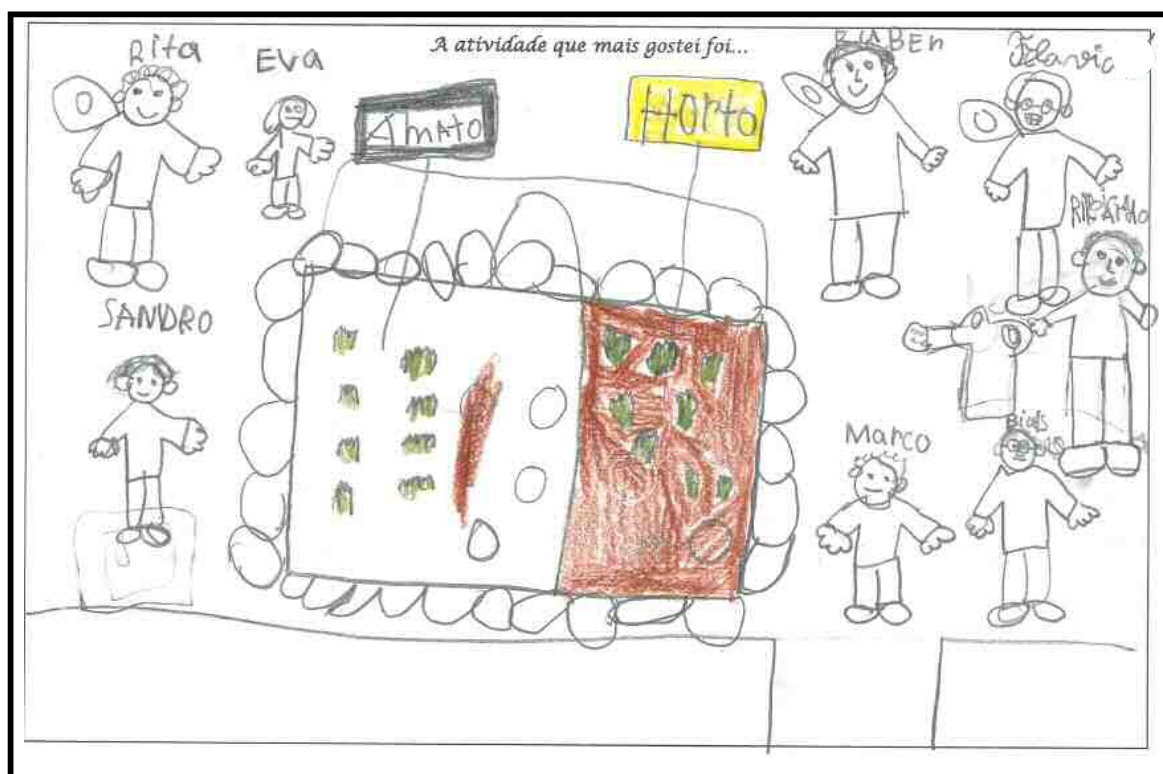




Figura 66- Ilustração da atividade que mais gostaram de realizar

Para finalizar, consolidar e verificar as aprendizagens realizadas no Horto foi entregue uma folha de sistematização de todas as atividades, na qual os alunos tinham de preencher os espaços em branco. Através da correção foi possível verificar que as aprendizagens foram realizadas, os alunos foram capazes de preencher todo o texto de forma correta, como evidenciam os exemplos a seguir apresentados.

No Horto de Amato Lusitano realizei três atividades. Numa das atividades plantei uma alface. Essa atividade designava-se como aprender a plantar.

Uma outra atividade consistiu em apanharmos solos e colocarmo-la dentro de um copo, para depois a passarmos por um moinho. Essa atividade chamava-se a descoberta dos solos.

A terceira e última atividade era um remédio que Amato Lusitano fez para os seus doentes. Os ingredientes utilizados nesta atividade eram o lírio valado, o gengibre e o mel. Esta atividade tinha como nome "Se plantas apanhar, será que um remédio cozido com apanhar?"

No Horto de Amato Lusitano realizei três atividades. Numa das atividades plantei uma alface. Essa atividade designava-se como aprender a plantar.

Uma outra atividade consistiu em apanharmos solos e colocarmo-la dentro de um copo, para depois a passarmos por um moinho. Essa atividade chamava-se a descoberta dos solos.

A terceira e última atividade era um remédio que Amato Lusitano fez para os seus doentes. Os ingredientes utilizados nesta atividade eram o lírio valado, o gengibre e o mel. Esta atividade tinha como nome "Se plantas apanhar, será que um remédio cozido com apanhar?"

No Horto de Amato Lusitano realizei três atividades. Numa das atividades plantei uma alface. Essa atividade designava-se plantar alface.

Uma outra atividade consistiu em apanharmos solos e colocarmos-a dentro de um pacote, para depois a passarmos por um processo. Essa atividade chamava-se a descoberta dos solos.

A terceira e última atividade era um recepto que Amato Lusitano fez para os seus doentes. Os ingredientes utilizados nesta atividade eram o gengibre, o leite azedo e o mel. Esta atividade tinha como nome "Se plantas apanhar, será que que um vegetal comestível se pode fazer?".

Figura 67- Atividade de consolidação preenchida pelos alunos

Para recordar e para o culminar de todas as atividades após visita, foi possível realizar a atividade de reforço. Esta tinha como objetivo a construção de uma canção com elementos relativos à visita ao Horto. Para tal foi pedido aos alunos que dissessem algumas palavras relacionadas com a visita, sendo estas anotadas no quadro, em seguida com o nosso auxílio organizamos as ideias. Desta forma obtivemos o resultado que em seguida apresentamos:

"Como é bom aprender no Horto

A cavar e a plantar

Para que as plantas cresçam temos que as regar

Cavar, plantar

Cavar, plantar

Cavar, plantar

E remédios preparar"

Letra dos alunos do 2º ano do 1º Ciclo do Ensino Básico da Escola Afonso de Paiva 2012/2013

Apesar de não integrar o quadro 10, a partir da análise da atividade e tendo em conta o processo de escrita da letra, é visível a presença da criação e adaptação de melodias para textos e textos para canções (ME 2004 p. 73). Através desta atividade fomos ao encontro do programa de expressão musical onde se encontra o seguinte. "Pretende-se também que a criança seja capaz, por si só ou em grupo, de desenvolver projectos próprios, contando com a ajuda do professor na escolha e domínio dos meios utilizados." (ME 2004 p. 72)

2.9. Perspetiva da professora titular de turma

Como referido anteriormente foi realizada uma entrevista semiestruturada à Professora Titular de Turma/Professora Cooperante. Os objetivos da entrevista eram os seguintes:

- Conhecer a opinião da professora cooperante relativamente às atividades desenvolvidas em contexto de sala de aula e no Horto de Amato Lusitano e sua articulação;
- Conhecer a opinião da professora cooperante relativamente ao desenvolvimento de uma investigação durante a prática supervisionada.

De modo a conhecermos a sua opinião foi elaborado um guião de entrevista, que se encontra dividido em três partes: antes da visita, durante a visita e após a visita.

A entrevista foi realizada na sala de professores da Escola Afonso de Paiva, após a implementação da atividade no Horto de Amato Lusitano, tendo sido áudio- gravada. A gravação, posteriormente, foi transcrita.

Realizada a análise de conteúdo das respostas da professor titular de turma, apresentamos algumas das conclusões.

Consideramos relevante questionar acerca da proposta de projeto, como foi encarada e qual o motivo da aceitação. A quando da apresentação da proposta, é dito que esta lhe pareceu exequível uma vez que os conteúdos a trabalhar não prejudicavam as aprendizagens e davam continuidade às aprendizagens realizadas.

No que concerne às atividades desenvolvidas antes da visita, a professora titular de turma refere que: estas foram adequadas à faixa etária dos alunos e estavam de acordo com as suas competências, tendo motivado os alunos para a visita e estimularam a vontade de descobrir Amato Lusitano, assim como visitar o Horto. No geral foram pertinentes e significativas, originando aprendizagens e desenvolvimento de competências. Foi referido ainda, que a abordagem às profissões possibilitou aos alunos fazerem a relação profissão- função – instrumentos de trabalho e perceberem melhor a realização das atividades.

Relativamente as atividades desenvolvidas no Horto a professora considera que “as atividades eram apropriadas para os alunos da turma (2ºano) e ao seu currículo e estavam direcionadas às competências por eles desenvolvidas.” No entanto achou que ““eram muitas” para o tempo de realização de que” dispúnhamos. Quanto à articulação, considera que houve articulação entre as diferentes atividades uma vez que a preparação da visita em sala de aula foi bem explicada, bem explorada e no terreno estava bem organizada. Das atividades propostas, considera que a atividade mais interessante do seu ponto de vista foi “Se plantas apanhar um remédio consigo arranjar?”, pelo facto de os alunos construírem o saber, fazendo.

A professora cooperante considera que a escassez de tempo é um aspeto menos positivo, pois refere que talvez este tenha contribuído para a reduzida realização

pormenorizada das atividades (observação, análise, discussão, reflexão e conclusão), que “foi feito mas sem o tempo necessário.” Quanto a integração das tarefas refere que “houve integração nas áreas de matemática e estudo do meio, sendo mais visível em estudo do meio.”

Questionada acerca dos recursos didáticos utilizados refere que estes foram apropriados. “A linguagem utilizada foi adequada e clara na apresentação das tarefas e os materiais foram corretos e de fácil utilização. Não existindo por parte dos alunos dificuldade em realizar nenhuma das tarefas organizando-se bem dentro do grupo de trabalho de forma a todos poderem participar.” Menciona ainda que “as atividades desenvolvidas no Horto estavam bem articuladas com as que foram desenvolvidas em sala de aula, complementando-se.”

Acerca das atividades realizadas após a visita refere que as atividades desenvolvidas no Horto estavam bem articuladas com as que foram desenvolvidas em sala de aula, complementando-se.

A professora aprecia o enriquecimento do trabalho em sala de aula, referindo que a visita foi fundamental para que fizessem a ligação da teoria à prática e naturalmente a aquisição de conhecimento na área de estudo do meio. Faz referência ao facto de “as capacidades adquirirem-se e desenvolverem-se fazendo, por isso a atividade experimental é importante porque envolve o conhecimento teórico e a sua aplicação prática.”

Acerca da articulação entre o projeto e a prática supervisionada a professora cooperante diz: “A articulação entre a aprendizagem formal (estruturada, sistematizada e com orientações curriculares) que é adquirida através da comunicação do professor tem de ser necessariamente complementada com a educação não formal, em que a aquisição do conhecimento é feita com base na motivação, pesquisa, observação, análise, registo, experimentação e reflexão, porque só assim os alunos fazem aprendizagens corretas e completas.” Dizendo que o projeto apesar de ser planeado e o objetivo principal ser a articulação entre espaço formal e não formal, o professor como educador e formador que é, deverá ter em conta estes espaços, pois dessa forma conseguirá que seus alunos obtenham aprendizagens corretas e mais completas.

Sobre a realização da investigação durante a prática supervisionada a professora cooperante salienta a importância dessa realização considerando o seguinte: “Qualquer projeto de investigação origina mais conhecimento, melhores aprendizagens, desenvolvimento das capacidades e aumento de competências e de níveis de desempenho dos alunos. Assim sendo a prática supervisionada não é nem deve ser um impedimento para que isso aconteça bem pelo contrário.”

3. Conclusões

Terminada a análise de dados, a partir da qual obtivemos resultados acerca da investigação desenvolvida, consideramos oportuno apresentar as conclusões retiradas.

Retomamos, aqui, o problema da investigação: *Em que medida um espaço não formal contribui para aprendizagens relevantes de ciências dos alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico?*, assim como os objetivos. Comprometemo-nos em compreender as potencialidades do Horto de Amato Lusitano para o ensino das Ciências no 1º ciclo do ensino básico. Consideramos, que efetivamente o Horto tem potencialidades para o ensino das Ciências, como também para outras áreas curriculares. Pela sua riqueza de espaços e de recursos permitem estudar e adaptar as suas potencialidades aos conteúdos curriculares em estudo.

Durante o desenrolar das atividades, os intervenientes passaram por vários espaços, por esse motivo ficaram mais curiosos, entusiasmados e motivados na realização das atividades. Recorrendo à triangulação dos dados obtidos, verifica-se que os intervenientes da ação encaram os espaços não formais como um contributo favorável às suas aprendizagens, porque têm a possibilidade de trabalhar o Estudo do Meio/Ciências num contexto de aplicação real, o qual proporciona aos alunos a realização de atividades práticas/experimentais. Esta nossa opinião é corroborada pelos alunos e pela professora cooperante.

É de salientar, o facto dos alunos indiretamente saberem que aquele espaço era diferente mas onde efetivamente estavam a aprender. Como é referido pelos alunos, em algumas das frases “gostei muito de visitar o Horto porque aprendi coisas novas de forma diferente”. Através do que foi referido anteriormente vamos ao encontro do nosso outro objetivo: Planear, implementar e avaliar em que medida as atividades realizadas no Horto de Amato Lusitano facilitam as aprendizagens dos alunos.

O facto dos alunos se encontrarem num espaço, que não está confinado a quatro paredes e no qual o papel mais ativo é o seu, o gosto pelo desenvolvimento das atividades e pela aprendizagem tornou-se muito maior. Recorrendo aos nossos resultados, a nível das atitudes é possível dizê-lo, sendo visível a autonomia, interesse e aceitação de outros pontos de vista em todas as atividades.

Sucintamente, consideramos que os resultados sustentam, que através da realização de atividades no Horto de Amato Lusitano se estimularam aprendizagens de âmbito curricular, em Estudo do Meio/Ciências.

A partir deste estudo podemos inferir que efetivamente os espaços não formais contribuem para uma melhoria da prática no sentido de proporcionar aprendizagens significativas e ativas no âmbito dos conteúdos curriculares de ciências que foram objeto de planificação.

Tendo em conta os resultados deste estudo, importa repensar na exploração dos espaços não formais, não apenas como meio de mera visita, mas como potenciadores

de divulgação, cultural e de conhecimento científico. Cabe ao professor organizar e planificar os conteúdos que ao longo de toda a escolaridade podem ser abordados fora do contexto sala de aula, fazendo dessas aprendizagens uma fonte mais enriquecedora para os seus alunos. Efetivamente, teria sido muito enriquecedor a realização de mais atividades, tanto para nós como para os alunos. No entanto animou-nos o facto de darmos a conhecer um espaço, que passa despercebido à comunidade educativa e mesmo a muitos dos alunos da Escola Superior de Educação de Castelo Branco.

Para além disso, salientamos a exploração dos espaços não formais em articulação com o espaço formal, o qual se pode revelar como um bom recurso educativo, assim como apresentar-se integrado nas diversas áreas curriculares.

No que respeita aos professores e às escolas, o ensino não formal pode contribuir para melhorar o seu desempenho e eficácia. Acreditamos que poderá ser um contributo valioso para fundamentar a mudança das concepções tradicionais de ensino e abrir novas perspectivas para enriquecimento e diversificação do ensino nas escolas indo ao encontro da actual diversidade de públicos escolares e nesse sentido dar resposta aos apelos da tutela e da União Europeia da qual fazemos parte. (Borges 2012 p.129)

4. Considerações finais

“Per ardua ad Astra”

Das dificuldades se chega às estrelas

(Corps, 1912)

Após este percurso de aprendizagem, partilha, dedicação e esforço, feito de altos e baixos, este relatório culmina como uma breve exposição e relato circunstanciado, de todo esse caminho. Este apenas relata a nossa caminhada durante o nosso segundo ciclo de estudos (o mestrado), no entanto, esta já vai longa, pois não podemos deixar de referir o seu início, com a licenciatura. Sabemos, contudo, que a caminhada irá se prolongar pela nossa vida fora, pois como futuros profissionais e cidadãos estamos sempre perante novas aprendizagens.

As aprendizagens adquiridas durante as práticas realizadas fizeram-nos crescer e aprender enquanto estudante, mas sobretudo enquanto futura profissional da área de educação. Durante este ciclo de aprendizagens tivemos a experiência profissional da educação do pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico, tendo assim uma visão mais abrangente da forma como se estruturam e sequenciam ambos. De uma forma abrangente, como se estrutura e organiza toda a ação educativa, como planificar e encontrar soluções para os problemas que surgem, formas de reagir e estar.

Quando agora pensamos no que foi feito, consideramos sempre que as alteraríamos, mas temos de considerar que no momento foi o mais correto tendo em conta todas as aprendizagens. Neste momento faríamos possivelmente melhor, mas tal aconteceria por já termos novos conhecimentos adquiridos. Mas é mesmo assim, aprendemos com tudo aquilo que fazemos seja bom ou menos bom.

Este relatório faz essencialmente referência à nossa prática, este inclui uma investigação sobre a nossa ação, tendo esta sido desenvolvida durante a prática no 1º ciclo. Através desta investigação, reforçamos as nossas capacidades reflexivas, um bom educador/professor deve (re)pensar nas suas propostas de trabalho, ações assim como, nos resultados decorrentes das mesmas.

Pretendemos através das nossas ações reflexivas encontrar outras formas de melhoramento do nosso desempenho assim como, do dos alunos para ambos poderem obter resultados positivos.

Day 2004 (citado por Herdeiro e Silva 2008) *destaca a postura dos professores quando se predestinam a desenvolver uma prática reflexiva, revelando que não se satisfazem com pouco, procurando encontrar formas de olhar para a sua experiência de aprendizagem a partir de diferentes perspectivas” e, deste jeito, “irão querer abrir a sua sala de aula para poder partilhar e aprender, assegurando-se que o seu pensamento e as suas práticas não se baseiam unicamente na sua própria experiência (p. 11)*

A insegurança e o medo de errar é constante, tal como os momentos de incerteza, durante os quais nos questionamos frequentemente, acerca das nossas ações, mas que com ajuda de amigos, par pedagógico e professora cooperante e supervisor foram superados pela melhor forma. Indo um pouco ao encontro do autor supramencionado, o qual refere que “*o pensamento e a suas práticas não se baseiam unicamente na sua própria experiência*”. (Rodrigues 1997 citado por Campos 2012)

(...)a partilha permitiu compreender mais aprofundadamente o papel que esta parece assumir no âmbito da prática profissional; é fundamental reconhecer e compreender os processos de construção e de apropriação do mesmo. A partilha emerge como “gerador” da construção, mobilização e uso de conhecimento profissional pelas “trocas” e “trabalho conjunto” que possibilita e potencia. (p. 13)

Considero que a realização das práticas em par pedagógico contribui para o crescimento dessa partilha, capacitando-nos e tornando-nos mais recetivos à aceitação de outras ideias.

A prática supervisionada, para além de nos permitir um contacto direto em contexto sala de aula, possibilitou-nos a realização da investigação. A parte investigativa consciencializou-nos para a importância de “saber mais”, de sermos mais reflexivos sobre ações e práticas de forma a melhorarmos o nosso desempenho e criarmos nos alunos um maior gosto pelo aprender. Podemos dizer que a nossa investigação deu um enorme contributo, relativamente ao gosto por aprender. Através desta proporcionamos aos alunos diferentes formas de eles próprios aprenderem mais e melhor, sem que se sentissem pressionados ou desmotivados.

Esta experiência permitiu-nos vivenciar um pouco do espírito vivido dentro das salas de aulas por professores, apesar da exaustão ao final do dia, os seus sorrisos, os abraços e o seu bom desempenho perante as tarefas alegra-nos a alma e rejuvenesce-nos. É certo que nem todos os dias são bons, mas “qual é a rosa que não tem espinhos?” Quando pensamos no estágio, associamo-lo à mera aplicação dos conhecimentos teóricos, mas não é apenas e só isso. Hoje sabemos que essa teoria foi apenas um abrir de portas para a vida futura, nem tudo o que está na teoria decorre dessa forma, pois na prática existem muitos fatores que a podem alterar. Como futuros profissionais temos de trabalhar as ferramentas que nos foram transmitidas de forma a estas corresponderem às necessidades dos nossos alunos.

É bom regressar aquela sala de aula e sentir que ainda somos parte dela, os momentos lá passados serão sempre recordados.

Referências bibliográficas

Alarcão, I. (s/d). *Professor Investigador: Que sentido? Que formação?* Consultado em abril 9, 2013 em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/alarcao01.pdf>

Relatório de estágio apresentado para obtenção de Mestre à Universidade dos Açores
Almeida, P. (2012). *Aprender com a expressão Dramática!* Consultado a 31 de maio, 2012, em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/1518/1/DissertMestradoPatriciaMonizAlmeida2012.pdf>

Araújo, Maria J. (2006). *Crianças sentadas! – Os trabalhos de casa no ATL*- Livraria da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da U.P. - Livpsic

Dissertação apresentada para obtenção de Mestre à Universidade Aberta
Borges, I. M^a (2012). *Contribuição do ensino não formal para o desenvolvimento de competências do Currículo de Ciências do 3º Ciclo do Ensino Básico*. Consultado a 19 de junho, 2013, em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2115/1/Isabel%20Borges.pdf>

Bruno, M^a J.; Belo, N. Miguel. (2002) *Estágio Pedagógico de Matemática*- Universidade de Lisboa Faculdade de Ciências. Consultado a 3 de junho de 2013 em: http://estagio2001.no.sapo.pt/pedagogico/index_p.htm

Cachapuz, A; Praia, J. & Jorge, M. (2002) *Ciência, Educação em Ciência e Ensino das Ciências*. Ministério da Educação. Lisboa

Cardoso; C. & Valsassina M. (1988). *Arte Infantil – Linguagem Plástica*. Lisboa: Editorial Presença

Chagas, I. (s.d.) *Aprendizagem não formal/formal das ciências. Relações entre os museus de ciência e as escolas*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Acedido em abril 19, 2013, em: <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/index.html/artigomuseus.pdf>

Cohen, L. & Manion, L. (2002). *Métodos de investigación educativa*. Editorial La MURRALLA, SA.

Campos, J. (2012) *O uso do conhecimento profissional dos professores em contexto profissional: da “partilha” ao “share”*. VII Congresso português de sociologia. Consultado a 20 de junho, 2013 em: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1565_ed.pdf

Coutinho, C. (2008). *A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade*. Acedido em maio 25, 2013 em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7884/1/005a015_ART01_Coutinho%5Brev_OK%5D.pdf

Cunha, O. (s.n). *Como controlar birras* Acedido em março 6, 2012, em: http://www.seleccoes.pt/como_controlar_as_birras/

Delmine, R. & Vermeulen, S. (1992). *O desenvolvimento psicológico da criança*. Coleção biblioteca básica de educação e ensino. Edições ASA

Dias, C. (2000) *Pesquisa qualitativa – características gerais e referências*. Acedido de maio 24, 2013, em: <http://www.reocities.com/claudiaad/qualitativa.pdf>

Dias, C. (2011) *A importância de contar histórias no jardim de infância*- Dissertação de Mestrado/Relatório de estágio – Escola Superior de Educação Paula Frassinetti. Acedido em março 9, 2012, em: <http://purl.net/esepef/handle/10000/483>

DGIDC. *Ciências Experimentais*. Acedido Julho 10, 2012, em: <http://www.dgidc.min-edu.pt/outrosprojetos/index.php?s=directorio&pid=4>

- Duarte, T. (2009) *A possibilidade da investigação 3: reflexões sobre triangulação (metodologica)* Acedido em maio 24, 2013, em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20Duarte.pdf>
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática da observação de classes. Uma estratégia de formação de professores*. 4ª edição Porto: Porto Editora;
- Ferrance, E. (2000). *Action Research*. Brown University Acedido em Julho 8 ,2012, em: http://www.lab.brown.edu/pubs/themes_ed/act_research.pdf
- Gadotti, M. (2005). *A questão da educação formal/ não formal*. Suíça. Acedido em Julho 9 de 2012, de: http://siteantigo.paulofreire.org/pub/Institu/SubInstitucional12030234911t003Ps002/Educacao_formal_ao_formal_2005.pdf
- Gómez, Mª. (2012). *Metodología Cualitativa*. Universidade de Salamanca, diapositivos cedidos por Gómez.
- Guislain, G. (1994) *Didática e Comunicação*. Coleção horizontes da didática. Edições ASA- Porto
- Herdeiro, R. & Silva, Ana M. (2008). *Práticas reflexivas: uma estratégia de desenvolvimento profissional dos docentes*. In ANAIS (Actas) do IV Colóquio Luso-Brasileiro, VIII Colóquio sobre Questões Curriculares: Currículo, Teorias, Métodos. Acedido em fevereiro 22 de ,2013,em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9819/1/Pr%C3%A1ticas%20reflexivas.pdf>
- Hohman, M; & Weikart,D. (1997) *Educar a criança*. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian
- Infante, M. (2002). *O tempo e o espaço no jardim de infância*. Relato de uma experiência de formação. *Educare/Educere, nº 12*. Castelo Branco: Escola Superior de Educação de Castelo Branco.
- International Institute for Educational Planning, UNESCO (2006). *Non Formal Education*. Chapter 12. Ed. UNESCO: Acedido em Julho 10, 2012,em: http://www.iiep.unesco.org/fileadmin/user_upload/Research_Highlights_Emergencies/Chapter12.pdf
- Jorge, F.R., Paixão, M.F. (2012). *Horto de Amato Lusitano – um espaço de educação não formal na formação em ciências de professores para o ensino básico*.Actas dos XXV Encuentros de didáctica de las Ciencias Experimentales. Santiago de Compostela, Espanha
- Kishimoto, T. (1994). *O jogo e a educação infantil*. Pioneira.
- Lemke, Jay L. (2006) *Investigación Didáctica – Investigar para el futuro de la educación científica nuevas formas de aprender, nuevas formas de vivir*. Enseñanza en Ciencias. Nº 1 (5-12)
- Lourenço, P. (2011) *Expressão dramática, corporal, vocal e verbal – Instituto Técnico de Inovação*. Acedido em junho 3 de 2012, em: <http://www.forma-te.com/mediateca/download-document/23245-manual-expressao-dramatica-corporal-vocal-e-verbal.html>
- Marques, Juracy C. (1973) *A aula como processo* Editora Globo- Rio de Janeiro
- Martins, Isabel P. & Veiga, Mª Luísa (1999). *Uma análise do currículo da escolaridade básica na perspetiva da educação em ciências*. Instituto de Inovação Educacional – Lisboa
- Mesquita, J. (2002) *A escola na Sociedade do Conhecimento*. Acedido em abril 18 ,2013, em: <http://www.netprof.pt/PDF/parte2.pdf>
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré- Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento de Educação Básica- Núcleo de Educação Pré-Escolar
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico-1º Ciclo (4ª edição revista)*. Lisboa: Ministério da Educação.

Nérici, G. Imídeo (1981) *Didática geral dinâmica*. 6ª edição. Editora Atlas – Brasil

Nieto, M. Belmonte (2002) *Enseñar a investigar- Orientaciones prácticas*. Ediciones Mensajero. Bilbao

Oliveira, C. & Queiroz, C. (2009) *Leitura em sala de aula: A formação de leitores proficientes*, Acedido em março 9, 2012, em: <http://www.webartigos.com/artigos/leitura-em-sala-de-aula-a-formacao-de-leitores-proficientes/18067/>

Oliveira, R.Ivan & Gastal, M. Luíza (2009). *Educação formal fora da sala de aula – olhares sobre o ensino de Ciências utilizando espaços Não – formais*. Acedido em Julho 7, 2012, de: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viiienpec/pdfs/1674.pdf>

Padilla, J.(2001) *Conceptos de museos y centros Interactivos*. In C. Silverio, W. E. Hamburger, M. D.

Papalia, D.; Olds, S.; Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. 8ª edição. Portugal: Editora Macgraw – Hill.

Pais, A. (2010) *Fundamentos didatológicos e técnico didáticos de desenho de unidades didáticas para a área de Língua Portuguesa*. Acedido em janeiro 20, 2013, em: <http://repositorio.ipcb.pt/handle/10400.11/1072>

Paixão, M. (coord.) (2006). *Educação em Ciência, Cultura e Cidadania-Encontros em Castelo Branco*. Coimbra:Alma Azul.

Pinto, L. Castanheira (2005) *Cadernos d'inducar*. Acedido em Outubro 2, 2012, de: <http://www.inducar.pt/webpage/contents/pt/cad/sobreEducacaoNF.pdf>

Postic, M.; & Ketele, J.M. (2000) *Observar las situaciones educativas- Tercera edición- Narcera, S.A. de ediciones*. Madrid

Praia, J. (2005). *A importância da cultura científica nas sociedades contemporâneas e formas de a promover – A importância da educação não formal*. Educare Educere, Nº 18, (9-19)

Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva (2007-2010). Acedido em Outubro 27, 2012, em: http://www.anossaescola.com/apaiva/ficheiros/documentos/PE_08.pdf

Dissertação apresentada para obtenção de Mestre à Universidade de Aveiro

Rodrigues, A. (2005) *Ambientes de ensino não formal de Ciências: Impacte nas Práticas de Professores do 1º CEB*. Acedido em março 11, 2013, em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1278/1/2005001754.pdf>

Serrano, Glória (2004) *Investigación cualitativa Retos e interrogantes*. Editorial La Muralla, SA.

Serrazina, L. & Oliveira, I. (s.d.) *A Reflexão e o professor como investigador*. Acedido em março 12, 2013 em: https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CDEQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.educ.fc.ul.pt%2Fdocentes%2Fj ponte%2Ffp%2Ftextos%2520_p%2F02-oliveira-serraz.doc&ei=c-9UbPpOIW5hAeK9YCgBg&usg=AFQjCNEpOywxa8Kxg7nHzdNB7Ce9hSEzPg

Silva & S. Mascarenhas (2001). *Educação para a Ciência- Curso para treinamento em Centros e Museus de Ciência*. São Paulo: Editora Livraria da Física.

Reis, C. (coord.) (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Ministério da Educação.

DGIDC: Lisboa

Sá, J. (2002). *Renovar as práticas no 1º Ciclo pela via das Ciências da Natureza*. Porto Editora

Sim-Sim, I., Silva, A., Nunes, C. (2008) “Linguagem e Comunicação no Jardim- de Infância” Direção geral de inovação e de desenvolvimento curricular

Sprinthall, A. Norman & Sprinthall, C. Richard (1993) *Psicologia Educacional* – Uma abordagem desenvolvimentista. Editora McGRAW-HILL

Tavares, J. & Alarcão, I. (1999) *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem* – Livraria Almedina: Coimbra

Werthein, J. & Cunha, C. (2000). *Fundamento da Nova Educação*. Unesco Volume 5. Acedido em Julho 9, 2012, de: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129766por.pdf>

Anexos

Anexo 1- Roteiro de atividades a desenvolver ao longo da prática em Educação Pré- Escolar

Estádio

1ª Semana 19 a 22 março - clava

- Dia do Pai - história - por de família - importância Pai
- Formação em Paralelepípedo - volume - Estádio

3ª história do momento → W?

2ª Semana 26 a 29 março - ANDARA

- ÁREAS

* 29 Abril - Biologia

3ª Semana 16 Abril a 19 Abril - clava

- Tipos de habitação - Arquitetura { Público
electrico
- ↳ desenho de casa

ESTÁGIOS

4ª Semana 19 a 23 Maio - Clara

- Dia do Pai
- Introdução Ferramentas - colagem

5ª Semana 26 a 29 Maio - Andreia

- Recicla

6ª Semana 16 a 19 Abril - Clara

- Dia da Mãe - Fraldas e Recicla

7ª Semana 23 a 26 Abril - Andreia
(Semana São Marcos)

- Por Verde
- Ferramentas Ferramentas

8ª semana 30 Abril a 3 Maio - [Semana em Grupo] Clara + Andreia

- Apresentação do ATOLA Exp Musical
- um dia fora o ATOLA e o Grupo

9ª Semana 7 a 10 Maio - [Semana em Grupo] ATOLA

- ATOLA Exp Musical

2ª feira

3ª feira

4ª feira

5ª feira

6ª feira

3 anos - Helena
 4 anos - Andreia
 5 anos - Andreia
 6 anos - Andreia

17ª Semana 14 a 17 maio - Elana

- Quadrado
- Flauta (preparar um instrumento a um futuro)

18ª Semana 21 a 24 maio - Andressa

- Tpo. Trabalho - Pequenos - Jogos
- Leitura da obra [Folhas e Folhas]

19ª Semana 28 a 31 maio - Elana

- Simulacro - o que fazer de não vivenciar
- Jogos Transponer - Jogos

20ª Semana 4 a 7 junho - Andressa

Anexo 2 - Seleção de conteúdos programáticos- 1ª semana de trabalho de grupo

Estudo do meio	Língua Portuguesa	Matemática
<p>À descoberta de si mesmo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar os órgãos dos sentidos; • Localizar no corpo os órgãos dos sentidos. 	<p>Compreensão do oral: -Vocabulário: Expressão oral: - Regras e papéis da interação oral. - Articulação correta de palavras. Leitura: - Identificação dos sons da palavra, determinando as correspondências som/letra; letra /som (ge/gi;gue/gui) Escrita: - Escrever legivelmente com correção (orto) gráfica; - <i>Escrita de pequenas narrativas de acordo com o plano previamente elaborado em colaboração com o professor;</i> Conhecimento explícito da língua</p>	<p>Números naturais; Operações com números naturais; Regularidades</p> <p>Números até 100</p> <p>Compor e decompor números;</p> <p>Utilizar a simbologia > e <;</p> <p>A adição nos sentidos combinar e acrescentar;</p> <p>A subtração nos sentidos retirar, comparar e completar;</p>
<p>Expressões</p>	<p>Sons e fonemas</p>	
<p>Sugestão - Descoberta e organização progressiva de superfícies. Experiência de mistura de cores</p>	<p>Fonemas (ge/gi; gue/gui) Manipulação dos sons da língua e observação dos efeitos produzidos; -Representação segmentação silábica.</p>	

Anexo 3 - Seleção de conteúdos programáticos- 2ª semana de trabalho individual

Estudo do meio	Língua Portuguesa	Matemática
<p>À descoberta de si mesmo A saúde do seu corpo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer modificações do seu corpo. • Conhecer e aplicar normas de: <p>- Higiene do corpo; (42,43) - Higiene dos espaços. (44)</p>	<p>Compreensão do oral: -Vocabulário: famílias de palavras. **</p> <p>Expressão oral: - Regras e papéis da interação oral. - Articulação correta de palavras.</p> <p>Leitura: - Identificação dos sons da palavra, determinando as correspondências som/letra; letra /som (bl, cl, fl, gl, pl, tl...).</p> <p>Escrita: - Escrever legivelmente com correção (orto) gráfica; - <i>Escrita de pequenas narrativas de acordo com o plano previamente elaborado em colaboração com o professor;</i></p> <p>Conhecimento explícito da língua</p>	<p>Tópicos: Números Naturais; Relações numéricas; Sistema de numeração decimal</p> <p>- Números de 300 a 500. - Estimativas.</p> <p>Objetivos específicos: 2º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 10º, 12º e 13º (ver programa)</p> <p>2º Ler e desenhar plantas simples. 4º Compreender várias utilizações do número e identificar números em contextos do quotidiano. 12º Compreender o valor posicional de um algarismo no sistema de numeração decimal. 13º Resolver problemas envolvendo relações numéricas.</p>
<p>Expressões</p>	<p>Sons e fonemas</p>	
<p>Sugestão - Atividade de expressão e educação dramática que permita jogos de exploração do corpo.</p>	<p>Palavras que contenham grupos consonânticos pertencentes à mesma sílaba (bl, cl, fl, gl, pl, tl...). Manipulação dos sons da língua e observação dos efeitos produzidos; -Representação segmentação silábica.</p>	<p>10º Representar números na reta numérica 5º Realizar estimativas de uma dada quantidade de objetos. 6º Compor e decompor números. 7º Comparar e ordenar números. 8º Utilizar a simbologia <, > e =. 10º Representar números na reta numérica. 12º Compreender o valor posicional de um algarismo no sistema de numeração decimal. 13º Resolver problemas envolvendo relações numéricas.</p>

Anexo 4 - Seleção de conteúdos programáticos- 3ª semana trabalho de individual

Estudo do meio	Língua Portuguesa	Matemática
<p>À descoberta dos outros e das instituições</p> <p>- A família e a vida em sociedade – o significado do Natal (tradições nacionais)</p>	<p>Compreensão do oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tema e assunto. - Vocabulário - sinónimos e antónimos. <p>Expressão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Intencionalidade comunicativa: Pergunta, pedido, aviso, recado, instruções. - Formas de tratamento e princípios de cortesia. <p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Assunto; ideia principal <p>Escrita:</p> <p>Textualização – texto narrativo, a carta</p> <p>Conhecimento explícito da língua</p> <p>Sinónimos / antónimos</p>	<p>Tópicos:</p> <p>Operações com números naturais;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Números de 600 a 800. - Adição <ul style="list-style-type: none"> ♦ Adicionar utilizando a representação horizontal e recorrendo a estratégias de cálculo mental e escrito.
Expressões		
<p>Sugestão – trabalhos de expressão plástica relacionados com o natal.</p>		

Anexo 5 - Seleção de conteúdos programáticos- 4ª semana de trabalho de grupo

Estudo do meio	Língua Portuguesa	Matemática
<p>À descoberta dos outros e das instituições</p> <p>Conhecer tradições de Natal de vários países do mundo</p>	<p>Compreensão do oral: - Tema e assunto. - Vocabulário - sinónimos e antónimos.</p> <p>Expressão oral: Intencionalidade comunicativa: Pergunta, pedido, aviso, recado, instruções, mensagem. - Formas de tratamento e princípios de cortesia.</p> <p>Leitura: - Assunto; ideia principal</p> <p>Escrita: Textualização – texto narrativo, a mensagem</p> <p>Conhecimento explícito da língua Sinónimos / antónimos</p>	<p>Números Naturais Operações com números naturais</p> <p>Números de 800 a 999; Adição Adicionar utilizando a representação horizontal e recorrendo a estratégias de cálculo mental e escrito</p>
<p>Expressões</p>		
<p>Expressão Musical Jogos de Exploração</p> <p>Expressão Plástica: Descoberta e organização progressiva de volumes</p> <p>Expressão Dramática: Jogos Dramáticos</p> <p>Expressão Físico –Motora: Atividades rítmicas expressivas (dança)</p>		

Anexo 6 - Seleção de conteúdos programáticos- 5ª semana de trabalho individual

Estudo do meio	Língua Portuguesa	Matemática
<p>À descoberta dos outros e das instituições:</p> <p>Modos de vida e funções de alguns membros da comunidade (manual - pp. 53, 54, 55)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contactar e descrever em termos de: idade, sexo, o que fazem, onde trabalham, como trabalham... (manual – p 56) • Instrumentos e materiais de trabalho. (manual – p 57) <p>Livro fichas (pp 23 e 24)</p>	<p>Compreensão do oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tema e assunto. - Vocabulário. <p>Expressão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descrição física (preparação para a escrita de retrato físico em próxima aula. <p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura em voz alta. - Leitura orientada (pesquisar nomes). <p>Escrita:</p> <p>Construir listas de palavras organizadas segundo critérios - número e género Textualização – Convite (manual- p 32).</p>	<p>Tópicos:</p> <p>Números Naturais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Números até 1000. -Regularidades numéricas. (manual – p 34) - Arredondamentos. (manual – p 35) - A adição estratégias de cálculo (manual pp 46, 47 e 48)
<p>Expressões</p>	<p>Conhecimento explícito da língua</p>	
<p>Expressão musical e motora</p> <p>Sugestão – Dança do jornal (p. 12)</p>	<p>Nome – número e género</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comparar e descobrir regularidades (observação e descoberta das características que justificam a inclusão de palavras em classes). <p>(Manual – pp 30 e 31/ 44 e45; Livro de fichas – p. 11/16.)</p>	


Anexo 7 - Seleção de conteúdos programáticos- 6ª semana de trabalho de grupo

Estudo do meio	Língua Portuguesa	Matemática
<p>À Descoberta dos outros e das instituições</p> <p>À Descoberta do ambiente natural</p> <p>À Descoberta das inter-relações entre espaços</p> <p>À Descoberta dos materiais e objetos</p>	<p>Compreensão do oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tema e assunto. - Vocabulário. <p>Expressão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Usar vocabulário adequado ao tema e à situação”; <p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura em voz alta. - Sua exploração semântica e gramatical. <p>Escrita:</p> <p>Escrever frases sobre as atividades realizadas no Horto de Amato Lusitano”.</p>	<p>Pontos de referência e itinerários</p> <p>Plantas;</p> <p>Unidade de medida não convencional: onça;</p> <p>Sequências de acontecimentos</p>
<p>Expressões</p>	<p>Conhecimento explícito da língua</p> <p>Classe dos nomes: próprio, comum e coletivo; número e género.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comparar e descobrir regularidades (observação e descoberta das características que justificam a inclusão de palavras em classes). 	
<ul style="list-style-type: none"> . Modelagem . Desenho 		

Anexo 8 - Seleção de conteúdos programáticos- 7ª semana de trabalho individual

Estudo do meio	Língua Portuguesa	Matemática
<p>À descoberta dos outros e das instituições:</p> <p>Instituições e serviços existentes na comunidade. (manual - p. 64, 65 e 66)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Contactar e recolher dados sobre coletividades, serviços de saúde, correios, bancos, organizações, autarquias... <p>Livro fichas (pp 27 e 28)</p>	<p>Compreensão do oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tema e assunto. - Vocabulário. <p>Expressão oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Descrição física (preparação para a escrita de retrato físico). <p>Leitura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura em voz alta. - Sua exploração semântica e gramatical. <p>Escrita:</p> <p>Textualização - escrita de retrato físico (caderno de iniciação à escrita, p. 1 e 2).</p>	<p>Tópicos:</p> <p>Organização e tratamento de dados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Classificação de dados utilizando diagramas de Venn. <p>(manual – p 36; fichas – p. 27)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura e interpretação de informação apresentada em tabelas e gráficos. <p>(manual – p 36 e 37; fichas – p. 21)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Tabela de frequência, gráficos de pontos e pictogramas.
<p>Expressões</p>	<p>Conhecimento explícito da língua</p> <p>Classe dos nomes: próprio, comum e coletivo; número e género.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comparar e descobrir regularidades (observação e descoberta das características que justificam a inclusão de palavras em classes). 	
<p>Exploração de técnicas diversas de expressão- Construção de cartazes</p>		

Anexo 9- Guião do professor

 Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação
Agrupamento de Escolas Afonso de Paiva - Escola Básica Integrada Afonso de Paiva

Aprender Matemática e Ciências no

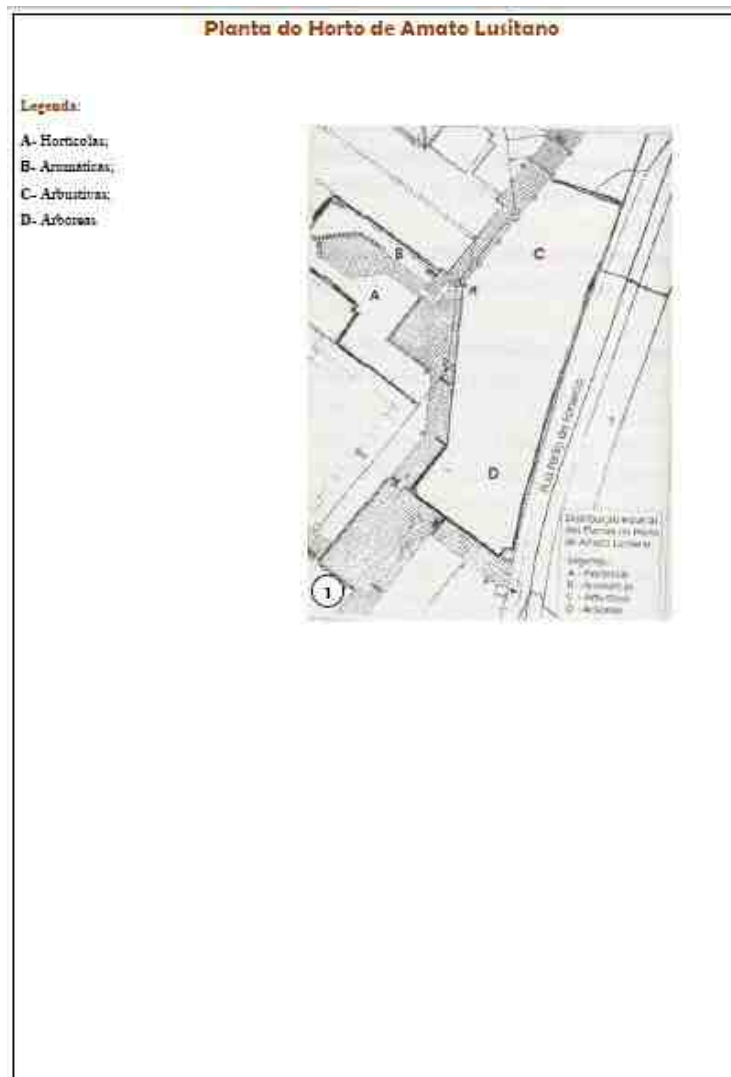
Horto de Amato Lusitano

(Guião do professor)

Nome do grupo: _____

Elementos do grupo: _____

Nome: _____ Data: ____/____/____



Organização das atividades de cada grupo

	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3
Grupo "Horto"	"A Descoberta dos solos"	"Vamos aprender a plantar?"	"Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"
Grupo "Amato"	"Vamos aprender a plantar?"	"Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"	"A Descoberta dos solos"
Grupo "Lusitano"	"Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"	"A Descoberta dos solos"	"Vamos aprender a plantar?"

Orientações gerais

- 1- A distribuição dos guíões dos alunos é realizada no Horto de Amato Lusitano;
- 2- Depois da distribuição dos guíões, juntam-se os alunos junto à placa da planta do Horto de Amato Lusitano, para que a reconhecem e lhes seja mais fácil o trabalho posterior;
- 3- Dividem-se os alunos pelas professoras, pela ordem pela qual ficou estipulado em sala de aula e distribuem-se os cartões de identificação;
- 4- Iniciam-se, de seguida, as atividades. Encontra-se neste guião uma tabela que indica a ordem das atividades de cada grupo. Cada atividade tem a duração de 45 minutos. Após a 1ª atividade, realiza-se um intervalo de 15 minutos para que as crianças possam tomar o lanche e ir à casa de banho (no interior da Escola Superior de Educação);
- 5- Sempre que se ouvir um apito, é sinal de que os alunos têm que mudar de atividade, mesmo não tendo ainda concluído a presente atividade.

Orientações específicas

Atividade 1: "À Descoberta dos solos"

1- São os alunos que realizam todo o trabalho que a atividade envolve. O trabalho do professor é somente orientar os alunos e esclarecê-los, quando surge alguma dúvida e incentivá-los a avançarem no desenvolvimento da mesma no sentido de a concluírem.

2- Essencialmente, nesta atividade, o professor tem que:

- Auxiliar os alunos na orientação espacial, caso seja necessário;
- Orientar os alunos até à caixa de areia (situada junto ao pavilhão);
- Auxiliar os alunos, se necessário, no percurso até à sala 7 (situada junto ao bar);
- Dar o pincel e o tabuleiro aos alunos, para a limpeza do peneiro (esse material estará em cima de uma mesa);
- Auxiliar os alunos, se necessário, no preenchimento das conclusões desta atividade.

Atividade 1: "À Descoberta dos solos"

Olá, eu sou o Miguel. Vim ao Horto Amato Lusitano para estudar os solos.



Questão: Será que o solo de diferentes lugares é diferente? Sim Não

Porquê?

- Observa a planta do Horto de Amato Lusitano e completa:

A zona D é a zona das plantas _____

- Dirige-te para a zona D.

1. Coloca-te junto ao muro que se encontra nessa zona.

1.1. Escreve nas linhas abaixo os nomes dos materiais que se encontram no tabuleiro:

2. Pega nas etiquetas e cola uma em cada um dos copos.

7. Limpa os peneiros. Peça um pincel à professora e um tabuleiro para não espalhares a poeira na mesa.

8. Coloca o solo do copo 2 no peneiro superior.

8.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

➤ Em qual dos peneiros fica mais solo?

1	2	3
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

➤ Em qual dos peneiros fica menos solo?

1	2	3
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. Limpa novamente os peneiros.

11. Coloca solo do copo 3 no peneiro superior.

11.1. Coloca uma cruz na resposta correta.

➤ Em qual dos peneiros fica mais solo?

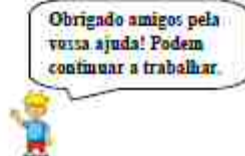
1	2	3
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

➤ Em qual dos peneiros fica menos solo?

1	2	3
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Conclusões:

- Os solos _____, _____ e _____ são _____.
- Observando os peneiros verificamos que a quantidade de _____ que fica em cada peneiro é _____.
- Concluímos então que os _____ são constituídos por partículas de _____ tamanhos.



Orientações específicas

Atividade 2: "Vamos aprender a plantar?"

1- São os alunos que realizam todo o trabalho que a atividade envolve. O trabalho do professor é somente orientar os alunos e esclarecê-los, quando surge alguma dúvida e incentivá-los a avançarem no desenvolvimento da mesma no sentido de a concluírem.

2- Essencialmente, nesta atividade, o professor tem que:

- Auxiliar os alunos na orientação espacial, caso seja necessário;
- Dar as etiquetas para a identificação das ferramentas de trabalho do jardineiro (no final da atividade o professor retira as etiquetas das ferramentas de trabalho e coloca-as no tabuleiro, para que o grupo seguinte as possa utilizar);
- Auxiliar os alunos na colocação da corda para delimitar o canteiro;
- Auxiliar os alunos, se necessário, na plantação da semente.

Atividade 2: "Vamos aprender a plantar?"

- Observa a planta do Horto de Amato Lusitano e localiza as zonas A e B.
Completa: a zona A é a zona das plantas _____; a zona B é a das plantas _____.
- Dirige-te para o local entre a zona A e B.
- Senta-te no muro.

1. O jardineiro Alberto não encontra as suas ferramentas de trabalho. Ajuda-o e procura na grelha que se encontra do lado direito as seguintes palavras: pá; tesoura; enxada; ancinho.



t	a	s	d	f	g	i	t	r	p
e	e	n	x	a	d	a	j	o	a
s	p	i	n	o	t	x	a	s	d
o	r	f	g	t	h	j	n	k	p
u	f	v	b	n	o	d	e	i	o
r	a	a	n	o	i	n	h	o	h
a	c	v	b	g	s	x	t	a	e
b	g	r	f	m	s	d	j	i	u

2. Olha à tua volta e vê se descobres alguma destas ferramentas.
- 2.1. Pede etiquetas à tua professora e cola-as nas ferramentas que encontraste.
- 2.2. O jardineiro Alberto precisa de plantar uma hortícola (a alface) e não sabe que ferramenta deve utilizar.
Escreve na linha abaixo o nome da ferramenta que utilizarias.

3. Observa a planta do Horto e dirige-te para a zona das hortícolas.
Vamos plantar a alface. Para isso vais precisar de:

- Uma pá;
 - Um pé de alface;
 - Um regador.
- Segue as seguintes indicações que o jardineiro Alberto te deixou:
- 1- No espaço onde vamos plantar a alface, estão duas estacas. Coloca as outras duas que faltam de modo a formarmos um quadrado;
 - 2- Põe corda à volta das estacas, para sabermos qual é o nosso canteiro;
 - 3- Com a pá, faz um pequeno buraco na terra;
 - 4- Pega no pé da alface e coloca-o dentro do buraco;
 - 5- Com o auxílio da pá tapa o buraco;
 - 6- Rega com cuidado a terra onde plantaste a alface.
- Escolham um elemento do vosso grupo. Retirem do tabuleiro que se encontra no muro junto ao canteiro, a placa com o nome do vosso grupo. Coloquem-na em frente às vossas plantações.

Orientações específicas

Atividade 3: "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"

- 1- São os alunos que realizam todo o trabalho que a atividade envolve. O trabalho do professor é somente orientar os alunos e esclarecê-los, quando surge alguma dúvida e incentivá-los a avançarem no desenvolvimento da mesma no sentido de a concluírem.
- 2- Essencialmente, nesta atividade, o professor tem que:
 - Auxiliar os alunos na orientação espacial, caso seja necessário;
 - Auxiliar os alunos em alguma parte da atividade experimental, caso levantem alguma questão.

Atividade 3: "Se plantas apanhar, será que um remédio consigo arranjar?"

- Dirige-te para junto da placa do Horto de Amato Lusitano.
 - Segue as setas de cor amarela que estão no chão e, dirige-te para a sala onde vais realizar esta atividade. Na porta dessa sala encontrarás o nome da atividade.
1. Lê o texto que se encontra abaixo.

O purgante



Amato Lusitano viajava por todo o mundo.

Um dia, numa das suas viagens, encontrou um senhor chamado Lourenço. Este senhor pediu ajuda a Amato Lusitano, pois sabia que ele era médico e que fazia umas curas fantásticas com plantas. O problema do senhor Lourenço era nos intestinos, pois este fazia muita prisão de ventre e até algumas dores.

Quando Amato Lusitano se apercebeu do problema do senhor Lourenço, imediatamente lhe preparou um **purgante** (remédio para os intestinos).

A partir daí o senhor Lourenço nunca mais teve problemas nos intestinos.

- Vamos aprender a fazer um remédio, que se chama **purgante**.

1. Observa atentamente a planta que está em cima da mesa e copia o seu nome para a linha abaixo.

2. Observa novamente a planta e desenha nos quadros abaixo a sua folha e o seu caule.

Folha



Caule



3. Regista, na tabela abaixo, os ingredientes necessários para a experiência.

Ingredientes

4. Regista agora os materiais necessários para a realização da experiência.

Materiais

5. Com uma colher retira um pouco de lírio ralado que se encontra numa tigela. Coloca-o num almofariz.



6. Com a colher retira agora um pouco de gengibre que se encontra numa tigela. Coloca-o no almofariz e esmaga tudo com o pilão.

7. Novamente com uma colher, retira um pouco de mel que se encontra numa tigela. Coloca-o no almofariz e mistura tudo muito bem, desta vez utilizando uma colher e não o pilão. Despeja o preparado para um frasco e tapa.

➤ **Parabéns, conseguiste preparar o remédio que Amato Lusitano prescreveu a um doente seu. Se continuares a trabalhar assim, ainda serás um médico como ele.**

ATENÇÃO: A mistura que fizeste não se pode provar, pois é um remédio e os remédios só se tomam quando estamos doentes.

Se ainda tens atividades por realizar, podes continuar.

Anexo 10- Autorizações aos pais/encarregados de educação



Caros Pais/Encarregados de Educação

Somos um grupo de duas alunas – Andreia Cristina Duarte Marques e Clara Patricia Santos Rodrigues - do 1º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Estamos, neste semestre - 23 de outubro a 7 de fevereiro - a estagiar na sala do seu/sua filho/a, sob a supervisão do professor António Pais e da professora cooperante Teresa Valadares.

Vamos iniciar neste momento a implementação do nosso projeto de investigação que se intitula "Aprender Ciências e Matemática em espaços não formais".

Assim sendo, vimos por este meio solicitar a vossa autorização para a recolha de dados (registos dos alunos e registo fotográfico). Salientamos que em qualquer momento não é divulgada a identidade do aluno.

Vimos também por este meio informar que no dia 24 de janeiro de 2013 se realizará uma visita ao Horto de Amato Lusitano na Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Agradecemos que os vossos educandos trouxessem uma roupa e calçado práticos (fato de treino e sapatilhas) e lanche.

Agradecemos desde já a vossa colaboração.

Castelo Branco, 18 de janeiro de 2013

A Professora Cooperante

O Professor Supervisor

As Alunas

Eu, _____, Encarregado de Educação do aluno(a)

_____, autorizo não autorizo

a recolha de dados do meu educando na Prática Supervisionada do 1º Ciclo.

Castelo Branco, ____ de janeiro de 2013

O(A) Encarregado(a) de Educação
